

ANO X — N.º 18

REVISTA
DO
ENSINO

Órgão do Departamento de
Educação do Estado da Paraíba

JOÃO PESSÓA — MAIO, JUNHO E JULHO DE 1942

ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO E ENSINO NO ESTADO DA PARAÍBA

INTERVENTORIA FEDERAL

Doutor Ruy Carneiro: Interventor

SECRETARIA DO INTERIOR E SEGURANÇA PÚBLICA
Doutor Samuel Duarte: Secretário

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Diretor: *Pedro Calheiros Bomfim*, Técnico de Educação do Ministério
de Educação.

CHEFIA DA SECRETARIA

José Alves da Silva, (Respondendo pelo Expediente).

CHEFIA DOS SERVIÇOS DE INSTITUIÇÕES AUXILIARES DO ENSINO

Chefe — *Mario Gomes Pereira de Souza*

INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO

- 1.^a Zona: *Francelino Neves, Débora das Neves Duarte e Julita Andrade Vasconcélos.*
- 2.^a " *Fenelon Pinheiro da Camara.*
- 3.^a " *Pedro Jorge de Carvalho.*
- 4.^a " *Manuel Viana Junior.*
- 5.^a " *Rubens Henriques Filgueiras.*
- 6.^a " *Antonio Antão Ribeiro.*
- 7.^a " *Heroisio do Nascimento.*
- 8.^a " *José Bento de Moraes.*

A primeira zona escolar compreende:	JOÃO PESSÔA e Santa Rita.
" segunda " " "	GUARABIRA, Mamanguape, Sapé, Caiçara, Alagôa Grande e Araruna.
" terceira " " "	ITABAIANA, Pilar, Ingá, Umbuzeiro, Espírito Santo.
" quarta " " "	AREIA, Serraria, Bananeiras, Cuité, Picuí e Larangeiras.
" quinta " " "	CAMPINA GRANDE, Esperança, Joazeiro, Cabaceiras, S. João do Ca- riri e Monteiro.
" sexta " " "	PATOS, Teixeira, Taperoá, S. Luzia, Pombal.
" setima " " "	SOUZA, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Antenor Navarro e Cajazeiras.
" oitava " " "	PIANCÓ, Itaporanga, Conceição, Ja- tobá, Bonito e Princesa Izabel.

De acôrdo com a divisão adotada em 1938, há oito zonas escolares no Estado. Essas zonas escolares podem compreender dois ou mais municípios. Os municípios, cujos nomes estão grifados na relação acima, servem de sede às inspetorias de ensino.

REVISTA DO ENSINO

SUMÁRIO

	Pags.
Administração dos Serviços de Educação no Estado da Paraíba ..	2
Apresentação	3
Oitavo Congresso Brasileiro de Educação — Convite aos educa- dores	5
Síntese Histórica da Paraíba — Manuel Tavares Cavalcanti	9
Toponímia paraibana de origem tupí-guaraní — L. F. R. Clerot	21
Possibilidades mineralógicas da Paraíba — L. F. R. Clerot	31
O professor primário das zonas rurais: Formação, aperfeiçoamen- to, remuneração e assistência — Profa. America Monteiro de Araújo	59
Educação física infantil — Método prático para a realização das lições de educação física — Organização da Superintendên- cia de Educação Física do Estado	67
O problema da disciplina — Prof. José Benedito Salgado	71
Centro de interesse: A Bandeira — Profa. Luiza Gonzaga de No- ronha	75
Educação pré-primária — Profa. Maria Leite	83
A prática do ensino de linguagem — Profa. Julita de Vascon- celos	87
Baixa de frequência escolar — Prof. Emílio Chaves	91
Orientação — Os brinquedos educativos — Alimentação dos esco- lares — Cooperativismo escolar	95
Noticiário das atividades do Departamento de Educação	101
Homenagem á memória de Antenor Navarro por ocasião da passa- gem do 10.º aniversário do seu desaparecimento	121
Números da Paraíba	

APRESENTAÇÃO

“Revista do Ensino”, órgão de finalidade eminentemente cultural e educativa, tem a honra de enfeixar, no presente número, vários trabalhos de valôr, como contribuição do Estado, por intermédio do órgão competente — o Departamento de Educação —, á 2.^a Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística e ao VIII Congresso Brasileiro de Educação, a realizar-se em Goiânia, em julho próximo.

Entre êles, vale destacar os de autoria do engenheiro Leon F. R. Clerot, intitulados “Toponímia Paraibana” e “Possibilidades Mineralógicas da Paraíba” e o da lavra do nosso ilustre conterrâneo, dr. Manuel Tavares Cavalcanti, sob a epígrafe “Síntese Histórica da Paraíba”, cuja apresentação em língua nacional é seguida da respectiva versão para o francês e para o castelhano.

A contribuição do nosso Estado áquêle certamente cultural, sem embargo da exiguidade do tempo em que foi preparada, vale como um esfôrço digno dos mais francos aplausos, dos órgãos colegiais do Instituto, nêste Estado, e consta de uma série de bem elaborados diagramas, cartogramas e pictogramas, além de interessantes conjuntos fotográficos.

Simultâneamente com a Exposição, terão lugar a inauguração oficial de Goiânia ou o seu “batismo cul-

tural”, e as Assembléias Gerais dos dois colégios dirigentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Todo êsse admirável movimento, que espêlha o ritmo do nosso progresso científico e intelectual, outra cousa não é senão a concretização dos elevados anseios do Presidente da República, visando a “marcha para o oeste”.

Goiânia — cidade nova e elegante, será, pois, teatro de acontecimentos notáveis, de profunda significação cívica e histórica a um só tempo, cuja repercussão, em todos os quadrantes do País, constitue um incentivo para maiores e mais brilhantes realizações.

E a Paraíba terá a sua representação, modesta, porém expressiva, como um índice dos mais eloquentes do nosso desenvolvimento econômico, cultural e político-administrativo.

OITAVO CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO

CONVITE AOS EDUCADORES

Não são raros os céticos que consideram os congressos culturais como reuniões interessantes que dão ensejo a exhibições oratórias agradáveis de se ouvir, a belas excursões, passeios e banquetes, sem outra utilidade prática a não ser a satisfação que proporcionam os passatempos inofensivos a quem dêles participe.

E' estranhavel, todavia, que, apesar da esterilidade que se atribue a tais certames, desfrutem êles de um prestigio cada vez maior, justamente nos países mais adiantados, onde se realizam com o apoio oficial e o concurso da fina flôr da intellectualidade dêsses avançados centros de cultura.

A explicação da aparente anomalia está na circumstancia — raramente proclamada, mas evidente — de se manifestar inicialmente o surto das idéias, que se transformam depois em ação, precisamente nos meios culturais que os congressos agitam, e de serem pobres em cometimentos de vulto, propícios á elevação do teor intellectual das populações, as nações onde os problemas do espirito, por falta de ressonancia na opinião pública, sugerem a impressão de que não existem.

No Brasil os Congressos de Educação desmentem a versão dos que consideram desnecessários, por improficuos, os conclaves em que os expoentes do talento e da cultura se congregam para debater observações e doutrinas em tórno dos temas edificantes que dizem respeito, por exemplo, á formação da juventude e á elevação da escola ao nivel de eficiência que precisará atingir para bem realizar a sua missão.

Assim como os Estados Unidos — que, talvez por serem a terra dos grandes congressos, são também a dos grandes progressos — deve o nosso país alguma coisa aos seus certames culturais. A voz autorizada dos nossos educadores nem sempre ecoou em vão nos plenários e nas comissões das tradicionais conferências promovidas pela A. B. E. Por mais de uma vez, ouviram-na, reverentes, os homens de Estado e devem-se ás advertências patrióticas da quêles concilios de estudiosos e de idealistas a fôrça que adquiriu

em nossos dias a campanha em prol da educação pública e o reconhecimento e definição, pela própria lei magna, dos objetivos que a nossa organização escolar haverá de atingir e dos recursos que lhe será lícito pleitear para habilitar-se ao cumprimento integral de sua finalidade.

O VIII Congresso Brasileiro de Educação, convocado para reunir-se em junho de 1942, na nova capital de Goiás, não desmentirá a tradição dos que o precederam, a julgar pela felicidade com que foi delineado o programa a ser discutido no sugestivo ambiente da jovem cidade sertaneja. O tema geral da conferência será o ensino primário fundamental, considerado na sua organização e no seu espírito. O primeiro desses aspectos, a revelia do segundo, tem sido abordado, em minuciosas prescrições regulamentares, nos estatutos que regem a instrução pública estadual. Consagram êsses estatutos disposições orgânicas que impressionam pela sua grandiosidade. São, na letra de fôrma, verdadeiros monumentos de sabedoria administrativa e de previdência pedagógica. O defeito único que lhes pôde ser imputado é a dificuldade de se lhes dar aplicação real, por não se adaptarem às reações do meio a que se destinam as principais medidas que preconizam e que se destacam das demais pela sua importância capital no êxito de todo o sistema regulamentado...

Um dos nossos Estados do norte, aliás dos mais pobres, bateu há poucos anos o record nessa tendência para integrar nas leis positivas determinações de cumprimento incompatível com os imperativos mesológicos, além de não levarem em conta a capacidade do erário público. Foi preciso anular a reforma inexecutável e prover à elaboração de outra mais modesta, mandada adotar por um decreto em cujos *considerando* reconhecia o Governo, com elogios, a excelência do plano revogado e proclamava, logo adiante, a impraticabilidade das mais formosas inovações que continha êsse plano.

São frequentes no Brasil os casos semelhantes, o que se pode atribuir ao fato de se preocuparem mais os nossos legisladores com os problemas de organização, concebidos tais como lhes sugerem o trabalho de gabinete e a maior familiaridade com o que se passa fóra das fronteiras do que com as lições hauridas ao contacto íntimo com a ambiência nacional. O problema da educação primária no Brasil terá que ser resolvido por soluções originais, e qualquer reforma viável, embora aceitando com reservas as doutrinas de consagração universal, terá que as sujeitar aos corretivos impostos pelas condições peculiares ao nosso meio demográfico e social.

De nada valerá decretar, como já foi tentado, o ensino obrigatório, sem a possibilidade de oferecer ao virtual discipulado escolas bem localizadas e em número suficiente. Nada porém adiantará a criação de escolas sem recursos de ação, a começar pelo professor idôneo e conformado ao meio onde terá que exercer o seu apostolado. As escolas terão que variar segundo as caracte-

ísticas das regiões a que tiverem de servir e medidas que se não improvisam terão de ser experimentadas para prevenir ou reprimir a evasão do discipulado consequente á displicência ou ao desinteresse dos chefes de família induzidos, pela ignorancia, ou pela necessidade, a sacrificar a educação dos filhos para lhes aproveitar prematuramente o trabalho nas glebas ou nas oficinas.

Antes de apreciar essas questões pelo lado material, haverá que examinar profundamente as constantes espirituais e morais que terão de ser tomadas em apreço, para que qualquer esforço construtivo encontre um terreno permeável em que possa lançar as suas raízes.

O programa do VIII Congresso Nacional de Educação faculta o ensejo de trazerem os educadores de todo o Brasil, á obra dos dirigentes da República, as luzes de sugestões e depoimentos firmados na convivência direta com as realidades que diuturnamente defrontam e que as grandes metrópoles praticamente ignoram. Grande número desses educadores conhecem de visu o nosso *hinterland* e terão, talvez, vivido nos pequenos burgos segregados no sertão, que começa a pouca distancia das capitais. São homens familiarizados com a alma desses rincões e detentores de uma experiência que, fruto da observação e da ação, não se adquire pelos livros.

A digna classe do nosso professorado poderá prestar, por isso mesmo, e atendendo, aliás, a um patriótico apêlo da Comissão Executiva do Congresso, os mais valiosos depoimentos sobre o espirito que deverá presidir á organização e ás realizações da escola primária brasileira, para que possa ela florescer e perdurar como uma planta bem adaptada ao terreno em que germinou e destinada a crescer vigorosamente num clima com que se conformem plenamente as suas exigências vitais.

SINTESE HISTÓRICA DA PARAÍBA

Por MANUEL TAVARES CAVALCANTI

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Sócio correspondente dos Institutos de S. Paulo, Minas, Pernambuco, Ceará, etc.

A FUNDAÇÃO

O litoral paraibano começou a ser conhecido desde os primórdios do descobrimento do Brasil. Foi largamente percorrido por navegadores portugueses e estrangeiros e principalmente pelos traficantes de pau-brasil. Dentre estes se destacavam principalmente os franceses que conseguiram as boas disposições dos Potiguáras, indígenas que dominavam o litoral ao norte do rio Paraíba, do mesmo modo que a região do sul era ocupada pelo Tabajáras.

Tornaram-se frequentes as incursões daquele povo europeu que, com o auxílio dos seus aliados selvagens não só infringiram o monopólio que a Corôa portuguesa se arrogava sobre a preciosa madeira de tinturaria, como também perturbavam os trabalhos de instalação e colonização da nascente Capitania de Itamaracá. Em 1574 uma perigosa expedição foi dirigida contra o engenho Tracunhaem, propriedade do português Diógo Dias, um dos mais ricos colonizadores da terra. Colhidos de surpresa não puderam os atacados repelir ao assalto. O engenho, com as suas dependências, foi reduzido a cinzas. Todas as pessoas encontradas eram mortas e o pavôr apoderou-se da colônia. Então o governador Luiz de Brito e Almeida volveu as suas vistas para a situação grave a que ficaram expostos os interesses portugueses e expediu ordens decisivas para que fôsse ocupado o rio S. Domingos, (com este nome era assinalado o Paraíba nas cartas de marear). No desempenho dessa missão, o Ouvidor Fernão da Silva dirigiu-se ao local, á frente de uma expedição e efetuou o ato da posse. Mas os indígenas se levantaram em número tão consideravel que o forçaram a fugir, abandonando a conquista. O próprio governador preparou uma frota com o intuito de firmar a dominação. Embarcou ele mesmo com as suas melhores fôrças, mas as tempestades dispersaram os navios, e ele regressou á sua séde sem realizar o intento a que se propuzera.

Isto, porém, não significou o abandono da idéia, mesmo porque os indígenas renovaram continuamente os seus ataques. O governo de Pernambuco envia então uma expedição confiada ao tino e experiência do Capitão João Tavares, Juiz de Orfãos e Escrivão da Comarca de Olinda. Fundou este, em 1579, na ilha de Cambôa, depois chamada do Frade Bento, hoje Restinga, um fortim de madeira destinado a proteger uma povoação, cujos alcerces fôram lançados á margem do rio. Faltaram-lhe, porém, os elementos para prosseguir na sua árdua missão. Esta foi aliás embaraçada por providências oriundas da metrópole. Assim é que, no ano seguinte, Frutuoso Barbosa, rico proprietário e negociante de páu-brasil, chega a Pernambuco, trazendo a nomeação de Capitão-mór da Paraíba e a incumbência de realizar a colonização. As tentativas dêste chefe se malograram ante a resistência dos selvagens, as arremetidas dos francêses e as próprias divergências entre êle e os outros oficiais auxiliares da sua taréfa. Chegou a construir com o auxilio de uma armada espanhola um forte, a que foi dado o nome de S. Felipe. Ante os ataques repetidos dos selvagens, apesar dos auxílios recebidos, a própria guarnição destruiu e lançou a artilharia ao mar.

Já então fôra confiado ao Ouvidor Martim Leitão o encargo de superintender a colonização da Paraíba. Viéra êle á frênte de fôrças e chegára a bater os índios coligados sob o comando de Piragibe. Nem por isto poude levar a termo a submissão dos aborígenes. Já dez anos haviam passado desde a primeira tentativa realizada sob Luiz de Brito.

Entretanto, em 1585, abre-se formal divergência entre os Potiguáras e o Chefe Piragibe, com os seus Tabajáras. Era a ocasião propícia para a conclusão de paz dos portuguezes com êstes últimos. Mandou Martim Leitão propôr as pazes a Piragibe e a sua aliança contra os Potiguáras. O incumbido desta missão foi o mesmo Capitão João Tavares. Ninguém mais próprio para ela. A 5 de Agosto de 1585 concluiu-se a paz entre os portuguezes, representados, por êle e os Tabajáras representados por Piragibe. A aliança foi sólida e permitiu a fundação da nova Cidade, dedicada a Nossa Senhora das Neves, cuja festa se realizou no dia do tratado e teve o nome de Felipéa, em homenagem ao rei de Espanha e Portugal. O local escolhido foi a margem do rio Sanhauá, afluente do Paraíba.

Não cessaram, entretanto, as lutas com os potiguáras e os francêses. Em todo caso o progresso da cidade e a colonização prosseguiram com segurança. A catequese dos selvícolas foi iniciada pelos franciscanos e jesuitas. Como se estabelecesse forte rivalidade entre as duas ordens religiosas, em face da decisão da autoridade real tiveram os jesuitas de deixar o campo aos franciscanos.

Desenvolveu-se nas varzeas do Paraíba a cultura da cana de açúcar. Cresceu o número de engenhos.

LUTAS HOLANDÊSAS

Ao surgirem as lutas holandêsas, achava-se a Capitania em franca prosperidade. Por ocasião da tomada da Baía poude a Paraíba enviar auxílios para reconquista da cidade, sob o comando de Francisco Nunes Mari-

nhos, os quais foram de eficiente ação. A esquadra holandesa fugitiva tenta apoderar-se da Baía da Traição, na Paraíba, mas foi repelida.

Depois da ocupação do Recife e Olinda, era de esperar o ataque ao território paraibano. Este veio de fato, mas a Paraíba soube repeli-lo, por três vezes, e só após uma resistência heroica, foi efetuada a conquista por Sigismundo von Schopp, que fez disto um título de glória. A defesa de Cabedelo ficou como uma das páginas brilhantes da nossa história militar e só a 24 de Dezembro de 1634 os holandeses entraram na cidade, cujo nome mudaram para Frederica, em honra do "stathonder" holandês.

A dominação holandesa não foi tranquila, nem longa. Verificaram-se incursões de forças portuguesas e brasileiras, comandadas por Francisco Rabelo, Sebastião Souto e André Vidal de Negreiros. Na primeira delas perdeu a vida o próprio governador holandês Ippo Eyssens. Em 1644, ao deixar o Brasil, Mauricio de Nassau embarcou na Paraíba, com destino à Holanda. Em 1645 estala no sólo paraibano a rebelião ateadada por Vidal de Negreiros e logo domina, ficando senhora de todo o território, onde os holandeses ficaram apenas de posse da fortaleza de Cabedelo, isto mesmo debaixo de rigoroso assédio. A 1.º de Fevereiro de 1654, nos termos da capitulação assinada em Campina da Taborda, retiraram-se definitivamente do Brasil, depois de fazer entrega da referida fortaleza ao Capitão Francisco Figueirôa.

Ficou assim novamente integrado o seu torrão no seio da comunhão brasileira.

O POVOAMENTO

Findas as lutas holandesas seguiu-se um período de reconstrução. A conquista do interior veio após. Nos fins do século 17 para o século 18 o movimento das bandeiras atinge o sertão paraibano. Os bandeirantes paulistas, em suas entradas para o Piauí, tocaram no Piancó, donde Domingos Jorge Velho conduziu reforços para a debelação dos Palmares. Os verdadeiros desbravadores e povoadores da Paraíba, foram, porém, ariundos da Baía. A família Oliveira Lêdo dirigiu os seus passos para a região e aí ultimou a conquista da terra, o extermínio dos Cariris, mortos ou postos em fuga, a fundação de povoados e fazendas de criação, tornando-se os currais de gado a principal riqueza. Enquanto no litoral progredia lentamente a cultura do açúcar, do sertão desciam as boiadas que abriam novos caminhos, seguindo-se as trilhas dos tapuias fugitivos. O primeiro núcleo fortificado, na região dos Cariris, foi o arraial do Boqueirão, à margem do rio Paraíba, origem da família S. Rosa, descendente direta dos Lêdos. O fundador do Boqueirão, segundo a opinião geral, foi Antonio de Oliveira Lêdo, a quem sucedeu seu sobrinho Teodósio de Oliveira Lêdo, verdadeiro conquistador do sertão paraibano.

Um dia as duas linhas de penetração, a que descia da sede da Capitania e a que subia dos sertões, encontraram-se na atual cidade de Campina Grande, onde Teodósio colocara um aldeamento de Ariús. Desde então se integra o sólo da Capitania, começa a florescer, entre a cana do litoral e o gado dos sertões a cultura do algodão, que vem a tornar-se a principal riqueza paraibana. A população cresce num ritmo, só perturbado, vez por outra, pela intercadência das secas.

NATIVISMO E ASPIRAÇÕES DE INDEPENDÊNCIA

Desenvolveu-se uma população rústica, independente, bravia em cujo seio deviam ecoar as aspirações de liberdade, que por vezes desabrocharam. As grandes influências vinham através de Pernambuco, que centralizava a vida do Nordeste. No governo do paraibano Vidal de Negreiros, em Pernambuco, sentiu-se êsses anceios que levam a fortes atritos com o governador geral Barrêto de Menezes, seu companheiro d'armas nas guerras com os holandêses. A guerra dos mascates repercute na Paraíba, mas é no alvorecer do século 19 que se definem verdadeiramente as aspirações de independência. No último decênio do século anterior chegara ao Recife, como naturalista do Estado, o sábio paraibano Manuel de Arruda Camara. E' êle um apóstolo das idéias novas, pelas quais fôra perseguido em Coimbra, como simpatizante da revolução francesa. Concluiu o seu curso em Montpellier e voltára á pátria com uma sólida e merecida reputação .

Nos limites da Paraíba com Pernambuco fundou o famoso Areópago de Itambé, donde propagou pelos habitantes as idéias de independência e liberdade. Foi esta a verdadeira matriz revolucionária donde surgiram as revoluções libertadoras; daí surgiu a revolução de 1817, á qual a Paraíba deu os seus mártires; daí proveio a Confederação do Equador, cujo nascedouro foi a cidade de Areia, na Paraíba, com a proclamação da sua municipalidade de que não reconhecia as autoridades nomeadas pelo primeiro Imperador, após a dissolução da Constituinte.

A independência nacional encontrou, pois, ali, o terreno bem preparado e fecundado com o sangue dos mártires revolucionários.

No regimen monarchico a Paraíba foi erecta em Provincia e deu a sua cooperação franca e entusiástica a todas as causas que agitavam o cenário histórico. Os seus voluntários acorreram aos teatros guerreiros no Prata e os seus filhos não fôram estranhos aos movimentos pela abolição e pela república. A sua população foi sempre crescendo, a sua riqueza aumentando e os seus filhos colaboraram para a grandeza e glória do Brasil. Sómente dificuldades de caráter econômico, crises periódicas entorpeceram o seu progresso. A sua intelectualidade brilhou sempre e o seu nome jamais se empanou. No regimen republicano a sua evolução prosseguiu constante, e como no regimen anterior deu á administração do país filhos beneméritos.

Para a República nova, colaborou com a sua adesão á Aliança Liberal, para a qual deu o candidato á Vice-Presidência, no seu Presidente João Pessoa, sacrificado á sanha reacionária, cujo sangue reanimou os sentimentos revolucionários da nacionalidade.

Tal é a síntese histórica da Paraíba, que se não é das maiores, das mais ricas e das mais populares das unidades federativas, é, entretanto, das que têm contribuído com o seu valioso concurso para o enriquecimento do nosso patrimônio material e moral.

FUNDACION DE LA PARAÍBA

El litoral Paraibano fue conocido desde los primeros tiempos de la descubierta del Brasil. Navegantes portugueses y extranjeros lo recorrieron repetidas veces, principalmente los traficantes de "pau brasil". De todos esos se destacaron los franceses que consiguieron la amistad y la ayuda de los Potiguáras, indígenas que habitan el litoral al norte del río Paraíba, a así como los Tabajaras vivían en la región del sur.

Las incursiones de los franceses fueron siendo cada vez más frecuentes con el auxilio de sus aliados indígenas y así no solamente infringían el monopolio que la Corona portuguesa se arrogaba sobre la preciosa madera de tinturería, como asimismo perturbaba los trabajos de instalación de la nueva Capitanía de Itamaracá. En 1574 una peligrosa expedición fue dirigida contra el "engenho" Tracunhaem, propiedad del portugués Diego Dias uno de los más ricos colonizadores. Cogidos de sorpresa no pudieron defenderse; el "engenho" con sus dependencias fué reducido a cenizas mataron los habitantes y el terror se apoderó de la colonia. Entonces el gobernador Luiz de Brito y Almeida teniendo en vista la grave situación a que quedaban expuestos los intereses portugueses, expidió ordenes decisivas para que fuese ocupado el río S. Domingos, nombre dado al río Paraíba en las cartas de marear. Cumpliendo esa misión el Auditor Fernão da Silva se dirigió al local, a la frente de una expedición tomando posesión del mismo. Pero los indígenas se levantaron en tan grande número que lo forzaron a huir, abandonando su conquista.

El Gobernador en persona preparó entonces una flota con la intención de firmar el dominio. Salio con sus mejores tropas pero tempestades dispersaron sus buques y regresó sin haber realizado el intento que se había propuesto.

Sin embargo, esto no significava que la idea fuese abandonada principalmente porque los indígenas repetían continuamente sus ataques. El gobierno de Pernambuco envió entonces una expedición confiada al tino y a experiencia del Capitan João Tavares, Juez de uherfanos y escribano de la Comarca de Olinda. Este fundó en 1579 en la isla de Cambôa, denominada despues del Frade Bento y actualmente Restinga un fortin de madera destinado a proteger un pueblo que empezó a edificar e las orillas del río. No tuvo recursos para poder continuar su misión dificultada también por medidas oriundas de Portugal. Así es que el año siguiente Frutuoso Barbosa, rico propietario y comerciante de páu brasil llegó a Pernambuco nombrado Capitan-maior de la Paraíba incumbido de realizar su colonización. Las tentativas deste jefe fueron malogradas ante la resistencia de los indígenas, los ataques de los franceses y también por divergencias que surgieron entre el y otros oficiales sus auxiliares. Consiguió construir con la ayuda de una armada española un fuerte al cual dieron el nombre de S. Felipe. Pero ante la constante incursión de los indígenas a pesar de todos los recursos recibidos, el mismo fué destruído por su gurnición y su rtillería lanzada al mar.

Fuó confiado entonces al Auditor Martin Leitão el encargo de superentender la colonización de la Paraíba. Llegó a la frente de tropas y consiguió rechazar los indígenas alidos bajo el comando de Piragibe. Ni mismo así pudo vencer los aborígenes. Así habían pasado diez años desde la primeira tentativa realizada por Luiz de Brito.

Entretanto em 1535 se abriu una formal divergencia entre los Potiguáras y el jefe Piragibe con sus Tabajáras. Era el momento propicio para una conclusion de paz de los portugueses con estos ultimos. Martim Leitão hizo proponer las pazes a Piragibe y su alianza contra los Potiguáras. Essa mision fue desempenada por el Capitan João Tavares, nadie mejor lo podria hacer. El 5 de Agosto de 1535 la paz se conciuo entre los portugueses representados por el y los Tabajáras representados por Piragibe. Esa alianza fue sólida y permitió la fundacion de la nueva ciudad dedicada a la Virgem das Neves cuya fleste se realizaba en el dia que se hizo el tratado. A esta se le dió el nombre de Felipéa en honra del Rei de Ispaña y Portugal. El local escogido fué la orilla izquierda del rio Sanhauá afluente del Paraiba.

Sin embargo las luchas contra los Potiguáras y los franceses no cesaron; pero el progreso y la colonizacion de la ciudad prosiguieron con seguridad. La catequesis de los selvicolas fué iniciada por los Franciscanos y Jesuitas. Como se estableció fuerte rivalidad entre ellos, obedeciendo una decision de la autoridad, los Jesuitas dejaron campo libre a los Franciscanos.

En las planicies del valle del Paraiba la cultura de la caña de azucar se desarrolló creciendo el numero de los "engenhos".

LUCHAS HOLANDESAS

Quando empezaron las luchas holandesas la Capitania se encontraba en franca prosperidad. Por ocasion de la tomada de Baía, la Paraiba envió tropas para la reconquista de la ciudad, comandados por Francisco Nunes Marinho, las cuales desempeñaron una ayuda eficaz. La esquadra pero holandesa huyendo tentó apoderarse de la Baía da Traição en la Paraiba rechazada.

Despues de lo ocupacion de Recife y Olinda era de esperar que el territorio paraibano fuese atacado. Y lo fué efectivamente pero la Paraiba los rechazo tres veces seguidas y solo se rendio despues de una éroica resistencia. La conquista fué efectuada por Sigismundo van Schopp, que se hizo de ese hecho un titulo de gloria. La defensa de Cabedélo quedó como una de las paginas brillantes de nuestra historia militar y solamente a 24 de Diciembre de 1634 los holandeses entraron en la ciudad cuyo nombre fué cambiado para Frederica, en honor del "stathonder" holandés.

La dominacion holandesa no fué ni larga ni tranquila. IncurSIONES de tropas portuguesas y brasilenás fueron efectuadas bajo el comando de Francisco Rabélo, Sebastião Souto e André Vidal de Negreiros. En la primera murió el mismo gobernador holandés Ippo Eyssens. Em 1655 al dejar definitivamente el Brasil, Mauricio de Nassau se embarcó en la Paraiba. Em 1645 estalló una revolta en la Paraiba atizada por Vidal de Negreiros dominando inmediatamente todo su territorio donde los holandeses quedaron apenas en posesion del Fuerte de Cabedélo asimismo rigurosamente sitiado. El 1.º de Febrero de 1654 como consecuencia de la capitulacion firmada en Campina te Taborda los holandeses se retiraron del Brasil entregando la citada fortaleza al Capitan Francisco Figueiroa.

EL POBLAMIENTO

Terminadas las luchas holandesas vino un periodo de reconstrucion. La conquista del interior vino despues. En fines del siglo 17 hasta principios del

18 "las bandeiras" llegan al "sertão" paraibano. Los bandeirantes paulistas en demanda del Piauí tocan en Piancó donde Domingos Jorge Velho conduce refuerzo para dominar la revolta de "Palmares". Los verdaderos pobladores de la Paraíba fueron oriundos de Bala. La familia Oliveira Ledo se dirigió para la region del interior y allí realizó la conquista de las tierras, el exterminio de los Cariris muertos o ahuyentados, la fundacion de pueblos y haciendas de ganaderia, las que constituyeron su principal riqueza. Enquanto la cultura de caña de agucar progresaba lentamente en el litoral, del "sertão" bajaban los rebaños briendo nuevos caminhos siguiendo las sendas dejadas por los Tapuias fugitivos. El primer nucleo fortificado en la region de los Cariris, fué el de la aldea de Boqueirão en las orillas del Paraíba, origen de la familia S. Rosa descendiente directa de los Lédos. El fundador de Boqueirão segun la opinion general fué Anônio de Oliveira Léo que tuvo como sucesor su subrino Teodosio de Oliveira Léo, el verdadero conquistador del sertão paraibano.

Un dia las dos lineas de penetracion, una que venia de la Capitania y otra que subia del "sertão", se encontraron donde se encuentra actualmente la ciudad de Campina Grande donde Teodosio habia localizado una aldea de Arius. Desde entonces la Capitania empezo a florecer, entre la caña del litoral el ganado del "sertão" y la cultura del algodón que vino a ser la principal riqueza paraibana. La poblacion creció con un ritmo que solo era perturbado por la intercadencia de las sêcas.

NATIVISMO Y ASPIRACIONES DE INDEPENDENCIA

Asi se desarrollo una poblacion rústica, independiente y bravia en cuyo seno debian de hacer éco las aspiraciones de libertad que á vezes se manifestaban. Las grandes influencias venian através de Pernambuco que centralizaba la vida del Nordeste. Durante el gobierno de paraibano Vidal de Negreiros, esos deseos fueron sentidos en Pernambuco lo que fué causa de fuertes desavenencias con el gobernador-general Barreto de Menezes, su antigo compañero de armas en la guerra contra los holandeses. La guerra de los mascates repercutió en la Paraíba pero es en los principios del siglo 19 que se definen verdaderamente las aspiraciones de independencia. En la ultima década del siglo 18 habia llegado a Recife como naturalista del Estado el sabio paraibano Manuel Arruda Camara. Fué el apóstol de las ideas nuevas por las cuales fué perseguido en Coimbra como simpatizante de la Revolucion francesa. Habia concluido su curso en Montpellier y bolvia a su patria con sólida y merecida fama.

En los límites de la Paraíba con Pernambuco fundó el famoso Areópago de Itambé de donde propagó entre los habitantes las ideas de independencia y libertad. Fué esa la verdadera fuente revolucionaria de donde salieron las revoluciones libertadoras. De allí surgió la revolucion de 1817 para la cual la Paraíba dió sus martires; de allí provino la "Confederação do Equador" cuya cuna fué la ciudad de Areia en la Paraíba con la proclamacion de su municipalidad recusando-se de reconocer las autoridades nombradas por el primer Emperador despues de disuelta la Assembleia Constituyente.

La independencia nacional encontró allí portanto um terreno propicio, fecundado con la sangre de los mártires revolucionarios.

Durante el régimen monárquico la Paraíba fué elevada a Provincia y cooperó franca y entusiastamente en todas las causas que constituyen su historia. Los voluntarios acudieron a la guerra en el Plata, y sus hijos no han sido estraños a los movimientos de la abolición de los esclavos y proclamación de la república. Su población aumentó siempre así como su riqueza y los paraibanos han colaborado para la grandeza y la gloria del Brasil. Apenas dificultades de carácter económico y crisis periódicas de secas entorpecen su progreso. Su intelectualidad conserva siempre su brillo. Durante el régimen republicano su evolución a proseguido constante y como en el régimen anterior han dado a la administración del país hijos beneméritos.

Para la República nueva ha colaborado con su adhesión a la "Aliança Liberal" dando el candidato a la Vice Presidencia con su presidente João Pessoa, sacrificado por la sana reaccionaria y cuya sangre reanimó los sentimientos revolucionarios de la nacionalidad.

Tal es la síntesis histórica de la Paraíba, que no siendo de las mayores, mas ricas y mas populares de las unidades federativas, es sin embargo una de las que han contribuido con su preciosa concurrencia para el enriquecimiento de nuestro patrimonio material y moral.

SYNTHÉSE HISTORIQUE DE LA PARAÍBA

Le littoral de la Paraíba commença d'être connu depuis les premiers temps de la découverte du Brésil. Il fut largement parcouru par les navigateurs portugais et étrangers et surtout par les trafiquants de "pau-brasil". D'entre eux les plus en évidence étaient les français qui avaient obtenu l'aide et l'amitié des potiguáras, indigènes qui habitaient le littoral au nord du fleuve Paraíba, de même que la région du Sud était habitée par les tabajáras.

Les incursions des français devenaient de plus en plus fréquentes auxiliés par leurs alliés indigènes enfreignant non seulement le monopôle que la couronne du Portugal s'arrogait sur le précieux bois de tinturerie, mais venaient aussi troubler les travaux d'installation et colonisation de la naissante "Capitania de Itamaracá". En 1574 une dégèreuse expédition fut dirigée contre l'"engenho" Tracunhaen propriété du portugais Antônio Dias un des plus riches colonisateurs du pays. Frapés de surprise les portugais ne purent repousser l'assaut. L'"Engenho" et toutes ses dépendences fut réduit en cendres, les habitants tués, et en consequence, la terreur s'empara de la colonie. Le gouverneur Luiz de Brito Almeida s'intéressa à résoudre la situation grave qui affectait les intérêts portugais, et donna l'ordre d'occuper la rivière S. Domingos, non primitif du Paraíba. L'ordre fut exécuté par l'Auditeur Fernão da Silva qui en tête d'une repédition pris possession de la rivière. En peu de temps les indigènes se soulevèrent en si grand nombre qu'il fut forcé de fuir en abandonnant le terrain conquis. Le gouverneur en personne fit préparer une flotte ayant l'intention d'affermir la domination. Il s'embarca avec ses meilleures troupes, mais une tempête dispersa ses navires et il retourna à Itamaracá sans avoir réalisé ce dont il s'était proposé.

Cependant l'idée ne fut pas abandonnée d'autant plus que les indigènes renouvaient constamment leurs attaques. Le Gouvernement de Pernambuco envoya alors une nouvelle expédition qui fut confiée à la prudence et au sa-

voir du Capitaine João Tavares, juge d'orphelins et notaire du département d'Olinda. Celui-ci construit en 1579 dans l'île de Gambôa, plus tard île Frade Bento et actuellement de Restinga un fortin destiné à la défense d'un village dont les fondations étaient assises sur les rives du Paraíba. Les moyens lui manquèrent en peu de temps pour pouvoir continuer sa tâche on lui créa maintes difficultés de sorte que un an après Fructoso Barbosa riche propriétaire et commerçant de pau-brasil arrivait à Pernambuco nommé Capitaine Principal de la Paraíba chargé de faire sa colonisation.

Les tentatives de ce chef échouèrent aussi en conséquence de la résistance des indigènes, l'assaille de français et aussi des divergences qui surgirent entre lui et d'autres officiers auxiliaires. Il construisit, aidé par les espagnols un fort qui reçut le nom de S. Felipe. Malgré toutes ses ressources en conséquence des attaques répétées des indigènes, le fort fut détruit par sa garnison et les canons furent jetés à la mer.

La charge de diriger la colonisation de la Paraíba venait d'être confiée à l'Auditeur Martin Leitão. Il vint à la tête de troupes assez nombreuses et il battit les indigènes colligés sous le commandement du chef Piragibe. Malgré cela il n'arriva pas à les soumettre. Dix ans s'étaient écoulés depuis la première tentative réalisée par Luiz de Brito.

En 1585, une divergence formelle surgit entre les Potiguáras et les Tabajáras et leur chef Piragibe. Le moment aisé pour la conclusion d'une paix entre les Portugais et les Tabajáras était venu. Martin Leitão la proposa à Piragibe et, en même temps son alliance contre les Potiguáras.

Le chargé de cette mission fut de capitaine João Tavares. Le 5 août de 1585 la paix fut conclue. Cette alliance fut solide et permit la fondation de la nouvelle ville vouée à N. D. das Neves dont la fête se réalisa le jour du traité, et, reçut le nom de Felipéa en hommage au Roi d'Espagne et du Portugal. L'emplacement de la ville, fut choisi sur la rive droite de la rivière Sanhauá, affluent du Paraíba.

La lutte contre les Potiguáras et contre les Français continua encore. Le progrès de la nouvelle ville continua malgré tout.

La catéchèse des indigènes fut commencée par les moines Franciscains et Jésuites. La rivalité entre ces deux ordres religieux ne tarda pas à s'établir, et obéissant à un ordre du Roi du Portugal les Jésuites cédèrent place aux Franciscains.

Dans les plaines de la vallée du Paraíba la culture de la canne à sucre se développa et le nombre des "Engenhos" s'accrut rapidement.

LUTTE HOLLANDAISE

La "Capitania" se trouvait en franche prospérité quand la lutte contre les hollandais commença. À la prise de Baía la Paraíba envoya de troupes sous le commandement de Francisco Nunes Marinho. Les hollandais battus tentèrent avec leur escadre de s'emparer de la Baía da Traição à la Paraíba mais ils furent rechassés.

Après l'occupation de Recife et d'Olinda l'attaque à la Paraíba était attendue à tout moment. Il fut fait trois fois de suite et repoussé, et ce ne fut qu'après une résistance héroïque que la Paraíba se rendit à son conquérant Sigismond van Schoppe. La défense de Cabedêlo est sans doute une page

des plus notables de notre histoire militaire et ce ne fut que le 24 Décembre 1634 que les hollandais rentrèrent dans la ville dont le nom fut changé en Frederica, en hommage du "Stathonder" hollandais.

La domination hollandaise ne fut ni longue ni tranquille. Des incursions de troupes portugaises et brésiliennes commandées par Francisco Rabêlo, Sebastião Souto e André Vidal de Negreiros, avaient lieu constamment. Dans la première Ippo Eyssens, gouverneur hollandais perdit la vie. En 1644, Maurice de Nassau quittant le Brésil s'embarca à la Paraíba. En 1645 une révolte éclata à la Paraíba atissée par Vidal de Negreiros; elle domina de suite tout son territoire ne laissant aux mains des hollandais que le port de Cabedêlo complètement assiégé. Le 1er. Février 1654 en conséquence de la capitulation signée à Campina de Taborda les hollandais quittèrent définitivement le Brésil et le port de Cabedêlo se rendit au Capitaine Francisco Figueirôa.

LE PEUPEMENT

Une fois terminée la lutte contre les hollandais, une période de reconstruction s'en suivit. La conquête de "l'intérieur vint après. Vers la fin du XVII^{ème} siècle jusqu' aux commencement du XVIII^{ème} la pénétration des "bandeiras" atteignait le "sertão". Les "bandeirantes" de S. Paulo allant au Piauí touchent à Piancó où Domingos Jorge Velho conduisait des renforts contre Palmares. Les vrais conquérants de l'intérieur de la Paraíba sont cependant venus de Baía.

La famille Oliveira Lêdo se dirijá vers l'intérieur pour achever la conquête du territoire, l'extermination des "Cariris" tués ou mis en fuite, la fondation de villages et l'installation de fermes d'élevage qui constituaient la principale richesse du pays. Pendant qu'au littoral la culture de canne à sucre se développait avec lenteur, du "sertão" les troupeaux descendaient ouvrant les nouvelles routes, suivant les sentiers laissés par le Tapuias fugitifs. Le premier centre fortifié dans la région des Cariris fut Boqueirão, sur la rive du Paraíba, d'ou s'originá la familia S. Rosa descendants directs des Lêdos. Le fondateur du village Boqueirão selon l'opinion générale fut Antônio de Oliveira Lêdo qui eut pour successeur Teodósio de Oliveira Lêdo son neveu, qui est le vrai conquérant du "sertão" de la Paraíba.

Un jour la colonne de pénétration qui descendait du chef-lieu de la "Capitania" et celle qui montait du "sertão" se rencontrèrent à l'endroit où s'élève la ville actuelle de Campina Grande ou Teodósio avait localisé un village d'Ariús. Depuis lors le progrès s'accrut avec les cultures de canne à sucre, les troupeaux et la culture du cotonnier qui devint désormais la richesse principale de la Paraíba. La population s'accrut d'ors en avant suivant un rythme a peine interrompu par l'intércadence des sécheresses.

NATIVISME ET ASPIRATIONS D'INDEPENDENCE

Une population rustique, indépendante et farouche se développa nourrissant des aspirations de liberté qui quelquefois arrivaient à éclore. L'influence venait de Pernambuco qui centralisait la vie du Nordeste. Pendant le gouvernement de Vidal de Negreiros à la Paraíba ces aspirations causèrent de fortes mésintelligences avec le Gouverneur Général Barrêto de Menezes, son compagnon d'armes dans les luttes contre les hollandais.

La guerre des Mascates eu forte répercussion á la Paraíba, mais ce ne fut qu'au commencement de XIX^{ème} Siécle que les aspirations d'indépendance vont se définissant. Dans la derminére década du XVIII Siécle arrivait á Recife avec la charge de naturaliste officiel le savant Manoel de Aruda Camara né á la Paraíba, adepte des nouvelles idées grace auxquelles il fut persecuté á Coimbra comme simpatisant de la Révolution Française. II venait de conclure son cours de médecine á Montpellier et il revenait á cen pays avec une réputation des meilleures aussi solide que bien méritée.

Aux limites de la Paraíba avc Pernambuco il fonda le fameux Aréopage d'Itambé ou il commença a propager entre les habitants les idées d'indépendance et de liberté. Ce fût lá d'ou sourdirent les révolutions libératrices de 1817 dans laquelle la Paraíba eu ses martyrs, la "Confederação do Equador" qui commença dans la ville d'Areia avec la proclamation de sa municipalité qui se niait a reconnaitre les autorités nommées par le 1er. Empereur après la dissolution de l'Assemblée Constituante.

L'indépendance trouva donc un terrain propice, fecondé par le sang de ses martyrs.

Pendant la monarchie la Paraíba fut élevée á la Cathégorie de Province donnant toujours son apui enthousiaste et décidé á toutes les causes qui ont eu trait a son histoire. Les volontaires accoururent á la guerre du Prata(et sese fils ne furent pas étrangers au mouvement qui précéderent l'abolition des esclaves et la proclamation de la république. pa population s'ccrut, ses richesses augmentérent et ses fils ont toujours collaboré pour la grandeur et la gloire du Brésil. Seulent des difficultés de caractère économique, et des crises périodiques de sécheresse engourdissent son progrès. Son intellectualité a toujours até au premier rang. Sous le régime republicain son évolution continua constante et même pendant le régime antérieur elle donna á l'administration du pays des hommes dignes et méritants.

Pour la République nouvelle, elle a collaboré avec son adhesion á l'"Alliança Liberal" donnant le candidat a la Vice-Présidence, avec son Président João Pessoa, sacrifié par le couroux des réacionnaires, et dont le sang á réanimé les sentiments révolutionnaires de la nationalité.

Telle est la synthèse historique de la Paraíba qui n'étant pas une des untés fédératives des plus grandes des plus riches et des plus populaires elle compte parmi celles qui ont contribué avec une précieuse contribuition pour Penrichissement de notre patrimoine matériel et moral.

O ensino primário é obrigatório e gratuito. A gratuidade, porém, não exclue o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados; assim, por ocasião da matrícula, será exigida aos que não alegarem, ou notoriamente não puderem alegar escassez de recursos, uma contribuição módica para a Caixa Escolar.

TOPONÍMIA PARAIBANA

DE ORIGEM TUPÍ-GUARANI

L. F. R. CLEROT

CONTRIBUIÇÃO PARA O DICIONÁRIO TOPONÍMICO DO ESTADO
DA PARAÍBA DO NORTE

O estudo dos topônimos de origem tupí-guarani e a explicação dos seus étimos, foi sempre um campo rico para pesquisas a seduzir eruditos e amadores.

E' raro no Brasil o escritor, seja qual fôr o seu gênero, que não tenha cometido o tentâmen de interpretar, de forma aparentemente satisfatória, algum nome ou palavras indígena, dando curso, geralmente, á sua imaginação fantasista, adulterando, na maioria dos casos, não sómente o sentido, mas os próprios radicais dos vocábulos, para amolda-los exatamente ao seu desejo ou ás exigências de sua literatura.

Assim, como inevitável consequência, encontra-se avultado número de etimologias em que ressalta a incongruência das derivações atribuídas.

E' natural que tenha sido assim; o conhecimento das línguas indígenas foi sempre, e ainda é, o privilégio de alguns raros estudiosos e a maior parte dos que se arvoram a improvisados tupinólogos, e não são poucos, o fazem sem o necessário conhecimento da língua que pretendem interpretar.

O tupí-guaraní, língua harmoniosa e rica, é, na opinião do eminente glotólogo argentino, Dr. Alfredo Martinez "qualquer cousa mais do que um idioma, é um sistema filológico".

A rigidez do seu mecanismo reduziu-lhe a plasticidade; daí provém essa incorrutibilidade que garantio a conservação de suas partes constitutivas através da evolução da linguagem e de séculos de existência, notando-se, apenas, nos diferentes modos por que é falada por tribus que vivem separadas por milhares de quilômetros, variações dialéteis.

O sábio Dr. Moisés Bertoni, do Paraguai, escreve: "com as letras do guaraní ou tupí não se póde jogar; cada sílaba tem o seu significado fixo e inalteravel, como inalteravel é a sua forma". Assim, pois, na interpretação dos étimos, repetindo um conceito de Teodoro Sampaio, "fôrça é repelir a priori, tódas as soluções que implicarem uma alteração dos radicais ou das fixas genéricas".

Entretanto, o tupí-guaraní tem também a sua elasticidade, porém, como observa o Dr. Moisés Bertoni: "essa elasticidade não concede nenhuma facilidade ao etimologista", porque ela não alcança as raízes nem os

radicais; consiste na possibilidade de formar palavras compostas novas ou novas disposições dos elementos das palavras sem que constituam neologismos e deixem de ser compreendidas por todos; isso porque os elementos componentes das palavras conservam todos o seu valor próprio.

Na pesquisa dos étimos para a fixação de seus verdadeiros significados há outra questão importante a considerar; é a adulteração das palavras através dos sucessivos vocabulários em que foram escritos por estranhos sempre, grafadas de acôrdo com o modo de ouvir e interpretar de cada um, desprezando, a maior parte das vezes, sutilezas de pronúncia que deveriam ter sido observadas. Dêste modo, palavras homófonas tornaram-se homógrafas, quando o não deveriam ser.

Os vícios de pronúncia, a interpretação de sons representados por letras estranhas ao vocábulo, a tupinização de termos portugueses, a européização de nomes tupís-guaraní e a existência de numerosas dições oriundas de outros idiomas da América e do próprio Brasil, assimilados pelo nosso, são outros tantos obstáculos que se apresentam, não raro, como casos de difícil solução.

Por isso, Teodoro Sampaio considera o estudo etimológico dos topônimos tupís-guaraní "um trabalho mais de investigação histórica do que, propriamente, de lexicologia". Evidentemente, a restauração da primitiva grafia dos vocábulos pesquisada em documentos antigos, mapas, roteiros e crônicas, em que eles aparecem geralmente escritos de fôrma que corresponda melhor á sua verdadeira pronúncia, merecendo mais fé porque fôram colhidos diretamente do indígena ou de seus imediatos descendentes, é necessária e útil. Essa restauração, porém, só poderá ser feita com o perfeito conhecimento da língua, não só como é falada atualmente pelos seus remanescentes, mas na sua fôrma antiga, isto é, como ela o era em época anterior á padronização decorrente do arranjo da "língua geral" dos catequizadores jesuítas.

Não se deve esquecer, também, que os nomes dados pelo íncola observador e sagaz, exprimem geralmente os característicos principais do local, da planta, do animal ou do indivíduo denominado. São nomes claramente descritivos, ás vezes evocativos, muitos onomatopaicos. Nos estudos dos topônimos de origem tupí-guaraní a identificação do nome e do local é por vezes suficiente para elucidar a sua exata significação.

ACÁIS — Povoado do distrito de Alhandra, no município da Capital. E' formado de *acá*, valente, resoluto, também *rixa*, *briga*, e *i*, que pôde ser posposição equivalente a: em, na; na *rixa*, na *briga*, ou sufixo que dá duração á ação do verbo, equivalendo a *briga duradoura* ou *prolongada*.

ACAÚ — Distrito e vila no município de Pilar e povoado do distrito de Pitimbú, no município da Capital. Presta-se a três interpretações: *áca-ú*, a ponta preta, de *áca*, ponta, *chifre*, e *ú*, forma contrata de *úna*, preto; *áca-y*, o rio da ponta ou do chifre, de *y*, agua, rio frequentemente alterado em *u*; e *acá-u*, o rio da *rixa* ou da *briga*; *acá* significa resoluto, belicoso, valente.

ÁGUAPABA — Distrito e vila no município de Umbuzeiro. E' formado de *guá-páb*, o fim do vale: de *guá*, vale, baixada, e *páb*, acabar, findar, terminar.

ARAÇA' — Distrito e vila no município de Sapé E' o nome genérico dos

frutos de diversas árvores e arbustos género "Psidium" da família "Myrtaceæ", Araçá é contração de *ibá-reçá*, o fruto que tem olho ou parece olho; de *ibá*, fruto e *reçá*, olho, alusivo á coroa que as referidos frutos têm, parecendo pupilas.

ARAÇAGI — Distrito e vila no município de Guarabira. Araçá-g-y significa: o rio dos araçás: de araçá, acima explicado, e y; água, rio, com interposição do g, por eufonia.

ARARA — Distrito e vila no município de Serraria. E' nome comum a diversas aves da família "Psittacidæ"; voz, ao meu ver, onomatopaica, do grito dessas aves. Rodolfo Garcia admite, forçando a interpretação, que possa derivar de *guirá*, ave, pássaro, alterado frequentemente em *ará*; *ará-rá*, frequentativo, designaria ave grande.

ARARUNA — Município e cidade. E' formado de *arára-úna*, nome da ave "Anodorrhynchus hyacintinus" (Latham), da família "Psittacidae", de *arára*, acima explicado, e *úna*, preto, escuro, porque essa ave é de cor azul-escuro, parecendo preta a pequena distância.

AROEIRAS — Distrito e vila no município de Umbuzeiro. E' o nome de três árvores: "Schinus aroeira" (Vell.), "Schinus therebintifolia" (Rad-di), e "Schinus molle" (Linneu), da família Anacardiaceæ pode admitir-se como alteração profunda, de *ibira-cuéra* a madeira forte, resistente.

BARAÚNAS — Povoado do distrito de Passagem, no município de Patos. Nome da "Melanoxylon baraúna" (Schott), árvore da família "Leguminosæ". E' formado de *ybirá*, madeira, e *úna*, preto.

BODOGONGO' — Distrito e vila no município de Campina Grande. E' nome indígena, porém, não é tupí.

BORBOREMA — Distrito e vila no município de Bananeiras. E' formado de *por-por-eyma*, sem habitantes, o deserto, o sertão. *Póra* significa gente, morador, *póra-póra*, frequentativo, indica pluralidade; *eyma* é uma posposição negativa própria do infinitivo, particípio e gerúndio dos verbos. Equivale a: sem, falta de, privado de. A grafia **Borborema** é mais correta do que **Borburema**, como muitos escrevem.

CAAPOÃ — Distrito e vila no município de Santa Luzia. E' formado de *caá*, mata, e *apuã*, redondo, circunscrito; o oasis. Este vocábulo, aportuguesado, fez *capão*; diz-se comumente: um *capão* de mato, designando um núcleo de mata circular, isolada em campo limpo.

CACARE' — Povoado do distrito da séde, no município de Cajazeiras. E' formado de *caá-caré*, de *caá*, mata, e *caré*, curvo, sinuoso, circular.

CAIÇARA — Município e cidade. E' formado de *caá*, mata e *icá*, estaca, esteio; a cerca, a estacada, o tapume, a trincheira. Erradas as definições de José de Alencar: *cai*, queimado e a desinência *ára*, o que é, o que tem, anteposto ç, por eufonia; o que se faz ou o que é de pau queimado ("Iracema"); a de Ph. von Martius: *caá*, pau e *jussára*, a palmeira "Euterpe oleracea" (Martius), pau de jussara; e a de J. Severino da Fonsêca: *cai*, queimado, e *ára*, tempo; o tempo das queimadas, ou *caá*, mata, e *Jussára*, o matagal de jussaras.

CAJA' — Povoado do distrito de Acaú, no município de Pilar. E' nome comum aos frutos de diversas árvores da família "Anacardiaceæ", género "Spondias". E' formado de *acá-yá*, o fruto cheio de carôço, de *acá*, carôço, e *yá*, por *ybá*, fruto.

CAMALAU — Distrito e vila no município de Monteiro. Provável alteração de *caá-amaniú*, a mata de algodão. *Amaniú*, algodão é formado de *amã*, envolver, enrolar, e *ndiyú*, aquêlê que dá ou fornece; aquêlê que dá no vélo.

CAMORIM — Povoado do distrito de Mogeiro, no município de Itabaiana. E' o nome de um peixe dágue doce e salgada, "*Sciema nudecimalis*" (Bloch), da família "*Scienidæ*". E' formado de *acã*, por *acang*, cabeça, e *miri*, pequena, característica dessa espécie de peixe.

CARAÚBAS — Distrito e vila no município de São João do Cariri. E' nome comum a duas árvores: "*Tecoma caraíba*" (Martius) e "*Jacaranda copaia*" (?) da família "*Bignoniaceæ*". E' formado de *carau-yba*, a árvore de casca preta; de *cará*, áspero, cascudo, ú, preto, e *yba*, árvore.

CARIRÍ (São João do) — Município e cidade. Era a nação indígena que habitava, na Paraíba, o planalto e a vertente ocidental da serra da Borborema. *Cariri* ou *Kiriri*, na própria língua do mesmo nome, quer dizer: calado, silencioso, taciturno.

CARNAUBAL — Distrito e vila no município de Taperoá. Provém de *carnaúba*, nome da palmeira "*Copernicia cerifera*" (Martius), por sua vez formado de *carauá*, escamoso, e *yba*, árvore, tronco; o tronco escamoso, como realmente o é.

CATINGUEIRA — Distrito e vila no município de Piancó. E' o nome de duas árvores: "*Cæsalpinia pyramidalis*" (Tul) e "*Cæsalpinia microphylla*" (Martius), da família "*Leguminosæ*". O nome provém de *caatinga*, que são matas ralas e espinhentas, que se estendem pelo interior do Brasil, desde o Maranhão até Baía, Goiaz e parte setentrional de Minas Gerais, constituídas de vegetação xerófila e que caracterizam extensa zona do Nordeste brasileiro. Beaurepaire Rohan diz ser formado de *caá-tinunga*, a mata sêca e ao mesmo tempo estaladiça, quebradiça; pôde ser formado, também, de *caatinga*, a mata branca; ambos correspondem ao fácies da vegetação dessa região durante a estação sêca.

CATOLE (do Rocha) — Município e cidade. Catolé também é povoado do distrito da séde, no município de Campina Grande. E' o nome das palmeiras "*Attalæa humilis*" (Martius) e "*Attalæa oleifera*" (B. Rodr.). E' palavra indígena, estranha ao Tupi.

CATURITE — Distrito e vila no município de Campina Grande. *Catú-r-eté*, quer dizer: o verdadeiramente bom, o excelente; é formado de *catú*, bom, e *eté*, verdadeiro, legítimo, interpôsto *r* por eufonia.

CUITE — Município e cidade. Nome da árvore "*Crescencia cujete*" (Linneu), da família "*Bignoniaceæ*". E' formado de *cúi*, vasilha, e *eté*, legítimo, verdadeiro.

CUETEGÍ — Distrito e vila no município de Guarabira. *Cuité-g-y*, significa: o rio do cuité; de *cuité*, acima explicado, *y*, água, rio, interpôsto *g*, por eufonia.

CRAVASSÚ — Povoado do distrito de Taperoá, no município de Santa Rita. E' formado de *Carauá-assú*, o *carauá* grande. *Carauá*, *caroá* ou *cratá* é o nome de uma planta fornecedora de fibras têxteis: a "*Neoglaziovia variegata*" (Mez.), da família "*Bromeliaceæ*"; *cará-uã* significa nervura ou talo armado de espinhos.

CUPAÓBA — Distrito e vila no município de Caiçara. Esse nome é considerado como alteração de *copaiba* ou *copaúba*, nome de duas árvores:

"Copaiba langsdorfii" (Desp.) e "Copaiba trapezifolia" (Martius), da família "Leguminosæ". Estrai-se dessas árvores óleo medicinal, bastando para isso perfurar o seu tronco como se fôsse um barril; daí o nome *copa-yba*, que quer dizer: árvore-depósito. *Yba*, árvore, altera-se em *úba*, porém nunca em *ôba*; é por isso mais provável ser formado de *copá*, roçado, plantação, e *obá* aberto, pando, estenso, largo.

CUPISSURA — Povoado do distrito de Pedras de Fôgo, no município de Espírito Santo. E' formado de *copii*, cupim, térmita e *çur*, brotado, ex-crescido, saliente, ou de *copi*, abrir roçados, roçar, e *çúra*, semente; o roçado do semeio.

CUREMA — Distrito e vila no município de Piancó. Era o nome de uma tribo indígena da nação cariri. Deve ser nome tapuia; entretanto, em tupi, *curê* quer dizer bambo, cambaleante.

GERIMŪ — Povoado do distrito da séde, no município de Patos. Nome indígena do fruto da "Cucurbita maxima" (Duch.), planta da família "Cucurbitaceæ". formado de *yurú*, pescoço, gargalo, e *mú*, apertado. Altera-se em *gerimun* e *gerumun*. Os francêses deram a uma variedade dessa planta o nome de *giraumon*, daí ser considerado o nome, erradamente, como galicismo do francês.

GRAMAME — Povoado do distrito da séde, no município da Capital. Admite duas interpretações, segundo Teodoro Sampaio: *guirá-mã-me*, a passarada; de *guirá*, ave-pássaro, e *mã-me*, no bando; ou de *aramame*, como aparece escrito em documentos antigos: de *ará*, papagaio, e *mã-me*, no bando, isto é: no bando de papagaios.

GUARABIRA — Município e cidade. E' formado de *guará--ybira*, de *guará*, nome da ave "Endocinus ruber" (Linneu), da família "Ibididæ", e *ybira*, árvore; a árvore (pouso) dos guarás. *Guará* por sua vez é formada de *guaág*, adôrno, enfeite, e *ráb*, plumas, contraídos em *guará*, o enfeitado de plumas, como realmente o é.

GURINHÉN — Distrito e vila, no município de Pilar. E' formado de *guirá-nhê*, cantam as aves, de *guirá*, *avê*, e *nhê*, cantar, ou de *guirá-nhee*, a ave fala, o papagaio.

IBIAPINA — Distrito e vila no município de Princesa Isabel. Nome dado recentemente, em homenagem ao Padre Ibiapina. E' nome tupi e significa: terra alta sem vegetação; é formado de *iby*, terra; *ã*, alta, elevada; e *apina*, pelado, despido. Também pôde interpretar-se como *iby-apina*, terra pelada, o chão desprovido de vegetação.

INGA' — Município e cidade. Nome comum aos frutos de tôdas as árvores do gênero "Inga", da família "Leguminosæ" conhecidas como Inga-zeiras. E' formado de *i-igá*, o que é embebido de umidade, o úmido, alusivo á pólpá mucilaginosa dos frutos.

IPAUARANA — Distrito e vila no município de Campina Grande. Traduz-se por lagôa falsa; de *ypauá*, água confinada, lagôa, e *rãna*, falsa, parecida — mas que não é.

ITABAIANA — Município e cidade. *Taba-i-anã*, aldeiola dos parentes; é formado de *taba*, aldeia, *i*, contração de *miri*, pequeno, e *anã*, aparentado ou parente. O *i* inicial do nome é descabido, como descabidas e falsas as interpretações que procuram derivá-lo de *itá*, pedra, sem poder explicar os demais componentes.

ITAMATAÍ — Povoado do distrito de Pirpirituba, no município de Guarabira. E' formado de **taumatá-y**, o rio dos taumatás. O **i** anteposto não se justifica, procurando derivá-lo também de **itá**, pedra. **Taumatá** é o nome de diversas espécies de peixes fluviais e lacustres, sendo o principal *Callichtys Callichtys* (Linneu), da família "Callichtydæ". **Tambú-atá**, quer dizer: o que anda em tropel; de **tambú**, fazendo rumor, e **atá**, andar. Esses peixes têm, realmente, o costume de se arrastarem por terra, de um rio para outro, ou entre lagôas, movimentando a dupla série de placas que lhes garante o corpo, passando dias inteiros nessas travessias. Eles são providos de um aparelho intestinal especial, que lhes permite a respiração pelo tubo digestivo. Altera-se em **tamboatá** e **tamoatá**.

ITAPORANGA — Município e cidade. Significa pedra bonita; de **itá**, pedra, penedo, rocha, e **poranga**, bonita.

ITATUBA — Distrito e vila no município de Ingá. Traduz-se por pedregal. E' formado de **itá**, pedra, e **tuba**, abundância, o lugar onde há muito.

JACARE' — Povoado do distrito de Cabedêlo, no município da Capital. E' o nome genérico dos "Emydosáurios", em tupí-guaraní. **Yacaré** presta-se a duas interpretações: **yá-caré**, o que é tórto, sinuoso, e **y-echá-caré**, o que olha de lado ou de banda. A primeira é formada de **yá**, aquêle que, e **caré** tórto, sinuoso curvo, de lado; a segunda, de **yá**, acima explicado, **echá** por **ecá**, olhos, olhar (infinito do verbo) e **caré**, também já explicado. Teodoro Sampaio consigna as duas, sendo que a primeira corresponde perfeitamente ao modo de andar desses animais.

JACARAÛ — Distrito e vila no município de Mamanguape. **Y-acará-u**, rio ou água dos acarás pretos; é formado de **y**, água, rio; **acará** e **u** por **una**, preto, negro. **Acará** provém, por sua vez, de **a-cará**, o escamoso, o cascudo; **cá** significa revestimento, casca; **rá** ou **ráb**, listado, variegado, pintado, precedidos do **a**, que lhes dá o caráter de adjetivo. E' nome comum a diversos peixes de água doce da família "Cichlidae", e de duas aves; "*Leucophoyx thula thula*" (Mol.) e "*Casmerodius albus egretta*" (Gmel.), da família "Ardeidae", vulgarmente chamados garças. Para as aves, a derivação é diferente: provém de **acá**, cabeça e **rá** ou **ráb**, o enfeite, a pluma, isto é, o penacho, característico dessas aves.

JACÚ — Povoado do distrito de Santa Rosa, no município de Cuité. E' nome de diversas aves da família "Gracidae", principalmente do gênero "Penelope". Segundo Batista Caetano de Almeida Nogueira, **y-a-cu** significa o que engole ou como grãos. **Yacú** é, também: esperto, cuidadoso, desconfiado.

JATOBA' — Município e cidade. Nome de três árvores da família "Leguminosæ": "*Hymenæa stilbocarpa*" (Hayne), *Hymenæa courbarril* (Linneu) e "*Hymenæa martiana*" (Hayne). E' alteração de **yat-yba**, forma contráta de **yataí-ybá**, o fruto do **yataí**. **Yataí** é por sua vez contração de **yá-atá,yba**, a árvore de fruto duro; de **yá**, por **yba**, fruto; **atá**, duro; e **ybá**, árvore. A conhecida abelha **jataí** ou **jatí**, "*Trigona jati*" (Smith), é assim denominada pela predileção que tem pelas flores dessas árvores, de onde provém as virtudes medicinais do seu mel.

JOAZEIRO — Município e cidade. Tomou esse nome de **joá**, ou melhor **juá**, fruto da árvore "*Ziziphus joazeiro*" (Martius), da família "Rha-

mnaceæ". **Yú-á** é formado de **yú** ou **yurú**, espinho, e **uá**, talo, haste, o caule espinhoso.

JUA' (Barra do) — Povoado do distrito de Pilões, no município de Antenor Navarro. Vide Joazeiro.

MAMANGUAPE — Município e cidade; antigamente Manguape. E' formado de **man**, rodear, cingir, envolver; e **guáb**, participio do verbo comer; textualmente: o em que se come, isto é, o pasto cercado, a malhada. Erradas as definições de Elias Herkmann e Ph. von Martius: **mamão-guába**, onde se come mamão.

MANAÍRA — Distrito e vila no município de Princesa Isabel. A única interpretação que explica o nome é **amaná**, chuva; e **eíra**, abelha; a chuva de abelhas, o enxame.

MASSARANDUBA — Distrito e vila no município de Campina Grande. E' o nome da "*Mimusops elata*" (Fr. Allem.), árvore da família "Sapotaceæ". Teodoro Sampaio interpretou-a como sendo formada de **ma-çaran-d-yba**, a árvore ou madeira do escorrêgo, nome dado a uma longarina utilizada nas matas para sobre ela rolar a madeira tirada. De **ma**, cousa, objeto; **çaran**, escorregar, deslizar; e **yba**, árvore, com interpretação do **d** por eufonia.

MATARACA — Distrito e vila no município de Mamanguape. E' formado de **matá-aracae**, floresta, antigamente. **Yba**, árvore, muda-se por vezes em **ima**, podendo perder o **i** inicial; **tá** é o verbo abundar, multiplicar-se; **matá** é a floresta; **aracae** significa tempo antes, isto é, antigamente.

MOGEIRO — Distrito e vila no município de Itabaiana. Nome bastante adulterado, aportuguesando a sua terminação. Póde ser formado de **mboy-cuér**, muitas cobras; de **mboy**, cobra e **cuér**, pluralidade, repetição.

MULUNGÚ — Distrito e vila no município de Guarabira. E' nome comum a diversas árvores do gênero "*Erithryna*", da família "Legumino-seæ". E' vocábulo de origem africana.

MUMBABA — Povoado no distrito da séde, no município de Santa Rita. Irineu Pinto escreveu **Mombába**. E' formado de **mo**, prefixo que quer dizer: fazer; torna os verbos intransitivos em transitivos e os neutros em ativos; e **mbáb**, acabamento, fim, mortandade, destróço; **mo-mbab** é, portanto, acabar com rapidez, ás instantâneas.

MONGEREBÁ — Povoado do distrito de Lucena, no município de Santa Rita. E' formado de **mbó-cueráb**, o hospital, o sanatório; **le mbó**, fazer, e **cueráb**, convalecer, recuperar a saúde.

MUQUÉM — Povoado do distrito da séde, no município de Areia. **Moe-cae**, o secador, o assador, é formado de **mô**, o que faz, e **caé** ou **caem**, secar assar.

NATUBA — Distrito e vila no município de Umbuzeiro. **Nã-tuba** significa o ananásal. E' formado de **nã**, contração de **nã-nã** uo **uá-nã-nã**, o ananás, e **tuba**, abundante, o lugar onde há muito. **Uá-nã-nã** deriva-se de **ybá**, fruto, e **nã-nã**, muito cheiroso ou perfumado, de **nã**, rescender.

NHANDÚ — Distrito e vila no município de Pombal. E' o nome da "*Rhêa americana*" (Linneu), ave da família "*Rheidæ*", vulgarmente. **Ema**. E' formado **le nhã**, correr, vagar, e **ndú**, rumor, barulho; o que anda ou corre com estrépito.

OITICICA — Distrito e vila no município de Souza. E' o nome da "*Li-*

cania rigida" (Benth.), árvore da família "Rosaceæ". É formado de uiti, a massa apertada, característico desses frutos, e icica, resina; o uiti resinoso.

PARAIBA — Nome do Estado e antigo nome de sua Capital. É formado de pará, rio caudaloso, e ahyba, máu, imprestável, ruim, porque seja impraticável no seu curso ou por outro motivo qualquer. Paraiba é o nome também de uma árvore da zona pantanosa do litoral: a "Simaruba versicolor" (St. Hill.), da família "Simarubaceæ"; para esta, como concluiu com acerto Mário Mélo, a interpretação deve reportar-se a paráb, variedade, policromia, e yba, árvore, madeira. Essa denominação define o seu aspecto variegado e corresponde ao nome botânico versicolor.

PARARÍ — Distrito e vila no município de São João do Cariri. Nome indígena da "Zenaída auriculada virgata" (Bertoni), ave da família "Columbidae", chamada vulgarmente pomba-de-bando ou arribação. Significa a pintadinha; é formado de paráb, pintado, variegado, e i, contração de miri, pequeno, interpôsto r por eufonia.

PIABAS — Povoado do distrito de Araçagi, no município de Guarabira. É nome comum a diversos peixes fluviais das famílias "Ciprinodontidae" e "Characidae". É formado de pi, pele, e áb, ferir, ofender, cortar, o que fere a pele.

PIANCO — Município e cidade. É vocábulo indígena, mas não é tupi.

PICUI — Município e cidade. Nome genérico das rôlas, aves da família "Peristeridae", especialmente "Columbina picui picui" (Temminck) e "Columbina picui strepitans" (Spix). É formado de pueú, bicudo, e i, pequeno, menor; o bicudinho. Picui quer dizer também revolver, mexer, virar, formado, nesse caso, de pi, o fundo, o pé, a fundação, a base, e coi, mexer, virar.

PIRANHAS — Povoado do distrito da sede, no município de Jatobá. É o nome de diversas espécies de peixes de água doce, muito vorazes, da família "Characidae", e especialmente de "Pigocentrus piraya" (Cuvier). É o nome, também da "Milvulus tyrannus" (Linneu), ave da família "Tyrannidae", vulgarmente chamado tesoura. É formado de pir, pelo, couro, e ai, rasgar, dilacerar, cortar.

PIRAUA — Povoado do distrito de Aguapaba, no município de Umbuzeiro. É formado de pirá, peixe, e guá, vale, baixada; a baixada do peixe.

PIRPIRÍ — Povoado do distrito da sede, no município de Guarabira. É o nome genérico de diversas plantas do gênero "Cyperus", da família "Cyperaceæ", abundantes nos terrenos brejosos e alagadiços. Piri-piri, significa o juncal, de piri, junco, e piri-piri, frequentativo, indicar continuidade.

PIRPIRITUBA — Distrito e vila no município de Guarabira. É formado de piri-piri, acima explicado, e tuba, abundante, onde há muito.

PITIMBU — Distrito e vila no município da Capital. Petym-bú é formado, de petym, fumo, tabaco, e bur, exalar, evaporar; petym-bú é o fumador, o fumante, também o cachimbo.

PUXINANA — Distrito e vila no município de Campina Grande. É formado de pochí, feio, ruim, desagradável, e naná, conjunto, reunião; conjunto feio, desagradável.

QUIXABA — Povoado do distrito de São José, no município de Pilar.

E' alteração de quicába, a rêde, o ninho de dormir, formado de quér, dormir, e háb, o em que; isto é, o em que se dorme.

SABUGIRANA — Distrito e vila no município de Santa Luzia. Traduz-se por falso sabugí. Sabugí é o rio das lianas ou dos cipós, ou, melhor, o rio das raízes. E' formado de sapó-g-y; de sapó, raiz, e y, água, rio, interpôsto g por eufonia. Sapó, por sua vez, é formado de câ, liame, juntura, também, amarrado, ligado, prêso, e pó, mão; mãos liames, agarradouros.

SAPE' — Município e cidade. E' o nome de duas plantas da família "Gramineæ": "Imperata brasiliensis" (Trin.) e "Imperata caudata" (Trin.), útil para coberturas de casas e, atado em fachos, para alumiar. E' formado de eçá, olhos, e pé, caminho; isto é: torna o caminho visível ou alumia o caminho.

SUCURÚ — Distrito e vila no município de São João do Carirí. E' alteração de Sucurí-ú, formado de sucurí-yúba, a sucurí amarela, nome da "Eunectes murinus" (Linneu), ofídio da família "Boidæ".

TABAJARA — Distrito e vila no município de Santa Rita. Assim chamava-se a nação indígena que habitou o litoral da Paraíba do Norte, desde a margem direita do rio Paraíba até os limites meridionais de Itamaracá, em Pernambuco. E' formado de taba, aldeia, e yára, o que supera ou domina, o senhor, os donos, os senhores da aldeia, os aldeões. Segundo Batista Caetano de Almeida Nogueira, é também, o senhor ou chefe do povo.

TACIMA — Distrito e vila no município de Araruna. E' o nome genérico das formigas. E' formado de taci, dor, peste, praga, e má, cousa, bicho. O bicho doloroso ou que produz dor ou praga.

TAMBAÚ Distrito e vila no município da Capital. E' formado de tambá, concha, e ú, rú, ter; onde há conchas, ou de tambá e u, forma contrata de úna, preto; as conchas pretas; a primeira interpretação é mais consentânea.

TANANDUBA — Povoado do distrito de Araçagi, no município de Guarabira. Póde ser formado de itá, pedra, e nã-tuba, ananás muito; a pedra dos ananases.

TAPEROA' — Município e cidade. Nome genérico dos pássaros da família "Hirundinidæ" (andorinhas). E' formado de tapéruá, o morador das ruínas. Tapera, por sua vez, é contração de taba-puéra, aldeia que foi; puér ou côér, é sufixo do tempo pretérito; cuer é também adjetivo que exprime: extinto, acabado, ido, passado, também persistente, duradouro.

TAQUARA — Povoado do distrito de Pitimbú, no município da Capital. E' nome genérico das plantas vulgarmente chamadas bambús, da família "Gramineæ", tribu "Bambuseæ". Taquár significa: o que é ôco, acanudado, característico das plantas que têm êsse nome. Admite outra interpretação: aquá, ir em ponta, precidido de t, pronome demonstrativo para as palavras iniciadas por vogais, t-aquá, o que tem pontas, o alongado, e t-aquá-r, o que dá pontas ou farpas, alusivo, talvez, ás pontas de flexas que eram feitas sempre da madeira das taquáras.

TATAIRA — Povoado do distrito de Destêro, no município de Teixeira. Nome da abelha "Trigona tataira" (?) "Hymenoptero" da família "Trigonidæ". E' formado de tatá, fogo, e eira, abelha.

TIMBAUBA — Distrito e vila de São João do Carirí. E' o nome da "Enterolobium timbouva" (Martius), árvore da família "Leguminosæ".

E' formado de *timbó-yba*, árvore do *timbó*, aludindo ao veneno que ela fornece e serve para envenenar o peixe. *Timbó* quer dizer: fumarada, bafo, exalação. Teodoro Sampaio interpreta *timbó-yba*, a árvore de espuma.

UMARÍ — Povoado do distrito da séde, no município de Bananeiras, e também do distrito da séde, no município de Antenor Navarro. E' o nome de diversas árvores do gênero "*Geoffroya*", da família "*Leguminosæ*". E' formado de *yba-mori-y*, contraídos em *y-mori*; de *yba*, árvore, *mori*, sangrar, e *y*, água; alusivo ao fenômeno de, em certa época do ano, estas árvores emitirem tanta água pelos estômatos, que chega a molhar o sólo.

UMBUZEIRO — Município e cidade. Provém de *Umbú*, nome da árvore "*Sponidias tuberosa*" (Linneu), da família "*Anacardiaceæ*". Conforme o explica Teodoro Sampaio, é formado de *y-mb-ú*, a árvore que dá de beber, de *y*, ou *yba*, árvore, *mbur*, emitir, e *ú*, por *y*, água. Alusivo á água que se encontra como reserva, nos abundantes tubérculos de suas raízes.

URUÇÚ — Povoado do distrito de Aroeira, no município de Umbuzeiro. E' o nome da abelha "*Melipona scutellaris*" (Latr.), "*Hymenoptero*" da família "*Meliponidæ*". E' formado de *eíra*, abelha e *uçú*, por assú, grande ou maior.

O abandono moral, intelectual ou físico da infância e da juventude importará falta grave dos responsáveis por sua guarda e educação.

POSSIBILIDADES MINERALÓGICAS DA PARAÍBA

L. F. R. CLEROT

O presente trabalho reúne uma série de artigos por mim publicados na "A União" por incumbência do exmo. sr. Interventor Federal neste Estado, o dr. Ruy Carneiro.

Esses artigos não constituem contribuição de caráter científico; tiveram como objetivo apenas prestar alguns esclarecimentos oportunos e de utilidade sobre os minérios que ocorrem na Paraíba, divulgando-lhes a existência, procurando incentivar pesquisas e despertar o interesse pela sua exploração.

A Paraíba, como aliás todo o Nordeste, apresenta-se ainda como um vasto campo inexplorado, aberto para toda sorte de estudos.

No terreno da mineralogia as surpresas são constantes. Depois da publicação dos artigos aqui reunidos identifiquei amostras de giobertita (minério de magnésio) provindas de Cajazeiras, nos limites da Paraíba com Ceará; as jazidas são grandes e, no minério, o teor em óxido de magnésio é elevado; em Santa Luzia, na encosta ocidental da Borbolêma, ha ocorrências repetidas de euxenita (minério radiotativo); em S. João do Cariri, no planalto, jazidas de apatita recentemente descobertas, aguardam exploração; as surpresas culminaram porém, com a descoberta do ouro de Catigueira próximo á serra do Doido, no município de Piancó, com uma produção média de dois quilos diários, geralmente em pepitas, entre elas uma com 700, outra com 1.150 e uma terceira com 1.400 gramas.

Essas jazidas, exploradas por métodos rotineiros, perdendo muito material, produziram num ano mais de 300 quilos de ouro.

Indicado o caminho, formúlo ardentes votos para que num futuro próximo trabalhos de pesquisas mineralógicas, orientados tecnicamente e realizados com honestidade e acerto, possam contribuir para o desenvolvimento e a racionalização da produção mineral no Estado da Paraíba.

I — BAUXITA — ALUMINIO

O alumínio, metal indispensável e precioso para a indústria moderna pelas suas múltiplas aplicações e propriedades de que é dotado, encontra-se fartamente disseminado na natureza. Todas rochas feldspáticas granitos, porfírios, etc., contêm alumínio e a própria argila ou "tauá" é um silicato de alumina hidratado. Encontra-se também cristalizado com o nome de corindon (alumina anhidra pura) um dos corpos mais duros depois do diamante, tendo como variedades principais o rubi, a esmeralda e a safira orientais, pedras preciosas de elevado valor. O esmeril é também uma variedade compacta e granulosa do corindon, corada pelo óxido de ferro e outros minerais.

Os minérios principais do alumínio são, entretanto, a bauxita e a cryolita.

A cryolita, fluoreto duplo de alumina e sódio, só se conhece da Groenlandia.

A bauxita ou beauxita, aluminato de ferro hidratado, é abundante em diversas regiões do globo notadamente na França que figurava até pouco tempo como produtor maior, sucedendo-lhe em ordem decrescente: Hungria, Estados Unidos, Guiana Holandêsa, Itália, Iugoslávia, Índias Holandêsas, U. R. S. S., Guiana Inglesa, Grécia, Alemanha, Rumania, Brasil, Índia, Bulgária, Espanha, Austrália e Inglaterra.

Geologicamente, a bauxita parece provir da alteração de rochas granitoides ou silicatadas sob a influência dos climas tropicais. O seu aspecto é terroso, granular, ou apresenta-se em massas compactas terrosas ou pisolíticas de cor esbranquiçada, amarelada, avermelhada, ou parda. A sua composição é de alumina, sesquióxido de ferro e água, variando a proporção desses elementos, sendo que a alumina, que é o elemento de interesse, oscila de 45 a 75%. Não é, pois, uma substância definida, motivo pelo qual alguns a consideram antes como rocha. A sua densidade, igualmente variável, dá em média 2,5.

A separação do alumínio da bauxita é feita por processo eletrolítico. O alumínio é um metal branco de reflexo ligeiramente azulado, cuja densidade é 2,5 para o metal fundido, podendo ser elevada até 2,67 para o metal trabalhado. É o terceiro dos metais leves; é maleável e dútil, sonoro e pouco tenaz; pôde ser forjado a frio sem ser recosido, adquirindo, entretanto, ligeira tempera; é inatacável pelos ácidos orgânicos e fusível a 650°.

A importância do alumínio acentua-se de dia para dia pelo seu emprego direto como metal resistente e leve, no fabrico de peças principais de automóveis, aviões e submarinos, além de um número infinito de peças diversas e utensílios, como também associado em ligas metalúrgicas, dotando-as de qualidades especiais de resistência, dureza e coloração. As propriedades redutoras do alumínio são utilizadas para reduzir certos óxidos metálicos; é o princípio da "aluminotermia" que pode servir para o preparo do ferro do manganês e do cromo.

A metalurgia do alumínio consome, entretanto, pouco mais de um terço da produção mundial de bauxita. Este minério é empregado na composição dos cimentos aluminosos resistentes à ação das águas salinas e no

fabrico de abrasivos artificiais tais como o "alundio" e "aloxita", em que os Estados Unidos consomem 20% de sua produção. A bauxita fornece á quimica alguns produtos mais: acetáto, oleáto, stearáto de alumina, etc., e na conversação do alcool etílico em etileno, bem como em outras reações orgânicas a bauxita e a alumina são empregadas como agentes catalíticos. A tinturaria também consome fartamente o sulfato de alumina; a alumina coloidal absorvendo os demais colóides dóta as qôres de fixidez extraordinária.

O que aqui fica exposto, embora de modo sucinto, evidencia o valôr comercial da bauxita e o futuro que poderão ter as jázidas dêsse minério, dêsde que as condições de transporte ou de industrialização "in loco" permitam o seu aproveitamento e a sua exploração.

Ha no Brasil diversas jázidas conhecidas: Em Poços de Caldas, com 65% de aluminio, Serra da Moêda, Nova Lima, Santa Quitéria e Ouro Preto em Minas Gerais, em S. Sebastião da Grama em São Paulo, e nas costas do Maranhão com 52 a 62% de aluminio, sob a fórmula de bauxita fosforôsa. Essa jázidas garantem uma reserva total de 2 milhões de toneladas de minério.

Na Paraíba, que apresenta em certas regiões curioso complexo mineralógico, a bauxita existe, em jázida que parece ter certa importancia, no município de Patos. Recebí amostra para exame de uma suposta ocorrência em Joazeiro e mais recentemente falaram-me de outra no município de São João do Cariri; acredito que existam: a geologia da região a isso não se opõe. Sobre o assunto nada se pôde dizer ainda; a questão carece de estudo e até o momento não foi feito.

Essas considerações nos levam a conclusão de que uma inspeção mineralógica em todo o território do Estado é cousa que se impõe como necessidade urgente. Localizadas nos mapas de cada município todas as ocorrências de minerais estaria traçado o roteiro para pesquisas posteriores mais consequentes e completas com os indispensaveis trabalhos de prospeção onde se tornassem necessários, estudando ao mesmo tempo o valôr econômico das jázidas em função de sua posição geográfica para o possivel aproveitamento de riquezas que se acham immobilizadas ou ignoradas no sub-solo, ou desiludir pela força da razão aquêles que sacrificam seus haveres e passam toda uma existência procurando explorar jázidas minerais ricas por hipótese ou que por qualquer imperativo praticamente nada valem.

II — ASBESTO — AMIANTO

Sob a denominação genérica de asbestos são vendidos no comércio diversos minerais fibrosos de aparência idêntica ou pelo menos muito semelhante.

De grupo da serpentina, que é um silicato de magnésia hidratado ha uma variedade, a crisotila, que fornece fibras consideradas como o melhor dos asbestos por ser a que mais se presta para a torsão. E' de côr esverdeada, azulada ou amarelada, de fibra flexivel e brilho sedoso.

Do grupo dos anfibólios constituídos por silicatos de Mg. Ca. e Fe. cujas espécies principais são o tremolito, o actinoto e a hornblenda, os dois

primeiros apresentam variedades fibrosas, principalmente o tremolito que alterando-se por hidratação, divide-se em fibras flexíveis como as da crisotilla.

O actinoto apresenta uma variedade fibrósa: a crocidolita isenta de Ca. de cor azulada ou azul pardacenta. O tremolito, que é também um silicato de Mg. Ca. e Fe. inclue Al. na sua composição, fornece o mais comum e abundante dos asbestos. A antrofilita classificada entre os anfíbolios rômboicos também fornece fibras, louras ou pardacentas, classificadas como asbestos.

A propriedade principal desses minerais é a sua resistência ao fogo: são infusíveis e incombustíveis; dessa propriedade proveiu o próprio nome de abesto, em grêgo: inconsumível, porque os antigos fabricavam com ele as méchas das lanpadas de luz perpétua dos templos. Dava-se ás variedades mais flexíveis e alvas o nome de amianto, em grêgo: puro, imaculavel, porque mesmo depois de poluido, o fogo restituía-lhe a primitiva pureza. Confeccionaram-se outróra com tecido de asbestos o envólucro dos corpos que deviam ser cremados, ficando no referido envólucro, que era incombustível, as cinzas do cadáver consumido pelo fogo.

Modernamente o asbesto é empregado no fabrico de gachetas e de papelão destinados a vedar juntas de vapor nas máquinas motrizes, bem como tijolos para revestimento isolante de caldeiras, aparêlhos elétricos e fogões e em tecidos á prova de fogo para cortinas de teatro, capas e roupas de soldados-bombeiros em diversos países, etc., tendo consumo crescente nas fábricas de automoveis e de aviões.

O asbesto é encontrado em diversos países nas diversas partes do glôbo; porém excetuando a U. R. S. S., todos os demais produtores principais fazem parte do Império Britânico.

No Brasil ha diversas jazidas conhecidas; em Minas Gerais, Belo Horizonte, Caeté, S. Domingos do Prata, Conceição do Rio Verde, Tocantins, Juiz de Fôra, S. Miguel de Piracicaba, Ouro Preto, Bom Sucesso, Furos e Aiuruôca.

Existem jazidas na Baía, ainda mal determinadas. Na Paraíba e no Rio Grande do Norte ha ocorrências de asbesto de ótima qualidade nos limites dos dois Estados, entre Picuí e Santa Luzia do Sabugí na Paraíba, e Acari no Rio Grande do Norte. No planalto da Borborêma, nos cunícipios paraibanos de São João do Cariri e Taperoá, ha também ocorrências, tendo eu tido a oportunidade de examinar uma jazida em Timbaúba (São João do Cariri), que se apresenta promissôra, não só pela qualidade do minério como pelo seu volume.

Ainda não ha no Brasil exploração sistemática destes minérios. Em 1933 o Brasil appareceu como exportador de abesto, classificado em 16º lugar, com uma produção quasi insignificante de 37 toneladas, elevada em 1934 a 99 toneladas de minério beneficiado exportado. Daí por diante o Brasil desapareceu da lista dos produtores de asbesto.

Apesar de possuir, como se vê, inúmeras jazidas de exploração fácil, o Brasil importa asbestos manufacturados no valôr de mais de 5.000 contos anuais.

GRAFITA — PLOMBAGINA

A grafita é, como o diamante, carbono puro. Cristaliza no sistema monoclínico, porém apresenta-se geralmente em massas folhosas, escamosas e mesmo amórfas e, mais raramente, em lamínas hexagonais de fácil esfoliação.

Sua cor é preta ou gris de aço, é opaca, de brilho metálico; é mole, untuosa, tingindo de preto por atrito com qualquer lápis. É ótima condutora de calor e eletricidade, queima-se dificilmente, é infusível e inatável por quasi todos os reativos quimicos.

A grafita é utilizada na fabricação de cadinhos de fundição. Pulverizada, com o nome de plumbagina, é empregada como isolante nos moldes de fundação para evitar que o metal adira as fôrmas; é aproveitada na indústria eléto-quimica para a fabricação de eletródos e, finalmente, entra como matéria prima principal na indústria do lápis. Esta consome, anualmente, no mundo, mais de 4.000 toneladas de grafita.

O Brasil possui inúmeros depósitos desse mineral. Em Minas Gerais ha jazidas conhecidas em Fortaleza, Arassuaí e Jequitinhonha; no Estado do Rio, em S. Fidélis, na Baía em Alcobáça, no Ceará em Cangati e Canindé, e na Paraíba, em Taperoá e São João do Cariri. A exploração dessas jazidas é fácil e pouco dispendiosa.

A propósito de grafita, os dados estatísticos quanto á produção do Brasil são entristecedores. Já chegamos a exportar 2 toneladas de minério no valor médio de 300\$000 por tonelada. Importamos entretanto anualmente mais de 30 toneladas de lápis de grafita no valor de 700 contos de réis aproximadamente. Quanto aos demais produtos de grafita manufacturados que importamos, não ha dados estatísticos a respeito.

III — BERILO — GLUCINIO

Em toda a região mineira dos municípios de Picuí e Joazeiro, o berilo ocorre abundante nos diques de pegmatita que cortam essa região.

Apesar da exploração ser feita ali sob a direção de leigos, por processos desaconselháveis e contraproducentes, o berilo extraído durante os anos de 1939-40 excedeu três mil toneladas embarcadas para exportação no porto do Recife.

Inúmeras vezes me tem sido perguntado para que serve o berilo e quais as suas aplicações.

O berilo é um silicato de glucinio e amina que se apresenta cristalizado em prismas, proto e deuto piramides exagonais e diexagonais, de brilho vítreo, as vezes incolôr, outras vezes com colorações diversas, opáco ou translúcido conforme a variedade.

Quando é translúcido, de cor verde característica, constitúe a esmeralda verdadeira, pedra preciosa de alto valor.

A jazida de esmeraldas mais famosa é a de Muso, no Estado de Boyaca, na Colombia, onde as gêmas se encontram disseminadas com quartzo, calcita e pyrita em calcáreos bituminosos e fossilíferos. Outras existem em Tokowoia (Ural) na U. R. S. S., entre micachistos e em Salzburg, na Aus-

tria, em rochas magnesianas (serpentina e esteatita), e micáceas entre o gneis e chistos hornblendicos.

Na Africa, em Djebel-Sabara, próximo ao mar Vermelho, existem também jazidas ricas, ocorrendo a esmeralda entre os micachistos. Provieram destas jazidas, segundo parece, a celebre esmeralda de Néro e aquela que ornamenta a parte superior da tiara pontificia em Roma Vaticana.

No Brasil, a esmeralda ocorre nos pegmatitos, em Bom Jesus dos Meiras na Baía, e em Minas Gerais na jazida do Bom Socêgo, entre Sete Cachoeriras e Sant'Ana dos Ferros, a um quilômetro da povoação de Esmeraldas nome que a tradição conservou por ter sido esta jazida a mesma que Sebastião Fernandes Tourinho descobriu em 1593 e que foi procurada mais tarde pelo malogrado aventureiro Fernão Dias Pais Leme.

Perdido o seu roteiro e esquecida, esta jazida foi de novo descoberta em 1921 por um trabalhador rural que, limpando uma roça de milho na fazenda Bom Socêgo, arrancou com a enxada com que trabalhava uma gema de 470 gramas que foi vendida ali por 70\$000, pouco tempo depois por 30 contos e que vale, atualmente, mais de 300 contos.

Nesta jazida a esmeralda encontra-se na vizinhança dos diques de pegmatita que cortam o gneis, rocha dominante na região.

Quando o berilo é translúcido, de cor azulada, verde azulado ou verde-mar, dá-se-lhe o nome de água-marinha, pedra preciosa bastante procurada para joalheria. Aguas-marinhas formam geódos nos granitos do Ural e Transbaikalia na U. R. S. S. e ocorrem no Sudoeste da Africa, na ilha de Madagascar, em Maharitra na India e em Madagascar.

No Brasil ha ótimas águas-marinhas em Arassuaí, Sabinópolis, Santana dos Ferros e Itabira no Estado de Minas Gerais e na Paraíba em Pícuí, escassas como pedras lapidáveis até o momento presente.

Aparece também em geódos e druzas no granito do Elba e em Minas Gerais; cor de rosa em Pala, na California (U. S. A.) e em Madagascar; e ainda cor de ouro com o nome de heliodoro no Sudoeste africano.

A variedade mais abundante, porém, é a do berilo comum, de aspecto pedroso, incolôr ou de cor amarelada, esverdeada ou marmóreo, opáco, formando cristalizações que atingem por vezes 1.500 quilos.

Existem em todas as jazidas acima citadas bem como na Baviêra, em Pondevedra e Santiago de Compostela, na Espanha, em New-Hampshire e South-Dakota na América do Norte e na Argentina.

O berilo é o minério do glucínio no qual se encontra na proporção de 10 a 14%. Pelo seu peso específico 2,6 é classificado com o alumínio cujo peso é 2,56 e o magnésio que dá 1,74 entre os metais mais leves que a química metalúrgica descobriu nestes últimos 50 anos. A sua cor é branca e funde-se a 1.400 graus centígrados. É empregado na indústria em ligas com o aço, cobre, alumínio, níquel e cromo. Além de pesar 33% menos que o alumínio, ele dóta as ligas em que entra como componente de propriedades de resistência verdadeiramente surpreendentes. Na proporção de 2% para 98% de níquel consegue-se uma liga três vezes mais resistente que o aço puro. Como exemplo de sua resistência basta lembrar que as ligas de bronze fosforado partem-se com 300.000 flexões; as de aço puro resistem a dois milhões, em

experiências recentíssimas, molas de liga berilo-níquel achavam-se ainda em boas condições depois de ter suportado quinze bilhões de flexões.

Metal dotado de tais propriedades de resistência e leveza, abre novos horizontes á indústria de máquinas, automoveis e aviões principalmente, não só porque lhes diminúe o pêso o que importa em grande economia sobre o transporte como ao mesmo tempo, dóta os motores e os aparelhos de maior fôrça e maior resistência.

O preço de glucínio era, ha 15 anos, de 100 dolares por libra-pêso nos Estados Unidos, atingindo até 5.000 dolares o que dificultou a intensificação do seu emprego apesar da porcentagem com que êsse metal é empregado nas diferentes ligas ser sempre pequena.

Não ha estatística da produção e do consumo de glucínio no mundo, sabe-se apenas que no início da guerra atual a Alemanha fornecia quasi 90% do consumo mundial dêsse metal, tendo o seu preço descido no mercado alemão a 600 marcos a libra-pêso o que não justifica o baixo valôr dado ao berilo, comprado aos mineradores a 300 réis por quilo. A Alemanha era também o principal comprador de berilo brasileiro.

As jazidas dêsse minério conhecidas no mundo não oferecem, ao que parece, perspectivas de grandes reservas. As jazidas paraibanas que, certamente, se estendem ao Rio Grande do Norte, apresentam-se promissoras, não sendo talvez descabido prognosticar que, com elas, o Brasil possa tornar-se um dos maiores produtores de berilo e, conseqüentemente, de glucínio.

O que devemos lamentar é que êsse precioso metal, mais precioso talvez que as próprias esmeraldas seja exportado por não ser ainda utilizado na indústria do nosso país. Urge uma lei que proiba a saída de berilo e de outros minérios que serão assinalados em outros artigos. A indústria siderúrgica está sendo fundada em nosso país, e é de se acreditar que ela em breve precise de todos êsses elementos, êles interessam diretamente a indústria bélica e, portanto, a Defesa Nacional.

IV — OURO

A noticia de ocorrências de ouro na Paraíba não é cousa recente. Beaurepaire Rohan, na sua "Corografia da Paraíba do Norte", diz ter visto no Rio de Janeiro a cópia de um documento que relata a descoberta dêsse metal em 1766 no lugar Aguiar, termo de Piancó, segundo participação feita pelo capitão daquêle termo ao Governador Jeronimo José de Castro e dêste ao ministro Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em officio de 8 de julho do mesmo ano.

Diz Coriolano de Medeiros que o ouro da Cachoeira do município de Piancó (mais tarde denominada Cachoeira da Mina), era já conhecido dos portugueses de Pernambuco e principalmente dos holandeses.

A Cachoeira da Mina está situada no rio Piancózinho, que nasce nas vertentes da serra da Baixa Verde, nos limites da Paraíba com Pernambuco, no município de Princesa Isabel, aproximadamente a 25 quilômetros a jusante de suas nascentes, no ponto em que êle corta a serra do Frade que daí por diante passa a denominar-se serra da Mina.

O rio Piancózinho é um dos formadores do rio das Bruscas, afluente da margem direita do Piancó, que o é por sua vez do Piranhas.

Em 31 de maio de 1864, José Jacomo Tasso adquiriu, da sesmaria da Cachoeira, 36 datas de terras concedidas pelo decreto 2.444, de 27 de julho de 1859.

Nas explorações ali feitas, especialmente nas encostas escarpadas do estreito vale e no leito do próprio rio até o lugar denominado Apertado das Cacimbas, "numa extensão de 37.000 palmos, foram descobertos sete veieiros distintos ainda que alguns déles interrompidos". Esses veieiros receberam os nomes de: Descobridora, Lima, Azogue, Chique-Chique, Boa Esperança, Bandeira e Reviva.

O concessionário José Jacomo Tasso confessava, entretanto, serem grandes as dificuldades a vencer para lavrar as terras daquela localidade, devido á falta d'água, que era preciso ir buscar a duas ou três milhas de distância. Propunha-se então ir á Inglaterra constituir uma Companhia para explorar as minas. Em 1865 a Companhia foi incorporada em Londres, com a denominação de "Tasso Brazilian Gold Mining Company (Limited)", com o objetivo de explorar as minas de ouro da Paraíba e as de Pernambuco. Nesse mesmo ano veio da Inglaterra uma expedição da qual fazia parte o engenheiro de minas E. Williamson. Essa expedição desembarcou no Rio Grande do Norte, passando por Assú, conseguindo alcançar a Cachoeira da Mina em penosa viagem a cavalo. Empresa de captial reduzido, lutando com dificuldades de toda espécie, entre as quais avultavam como principais: a pobreza dos veieiros, a escassez de agua, a precariedade dos meios de transporte e comunicação e a falta de garantias pessoais, viu-se forçada a paralizar os seus trabalhos no início da mineração.

O engenheiro Williamson descreveu minuciosamente as formações auríferas da Cachoeira: "A rocha matriz dos filões é um quartzo grosseiro, branco, quasi opáco, contendo pequenas quantidades de arsenetos e sulfatos de ferro, sulfatos de cobre, chumbo e zinco; a maior parte das galenas contém antimônio. A variedade de minérios resultante da decomposição desses produtos é muito numerosa: carbonato de zinco, carbonato, clorofosfato de chumbo; fosfato, arseniato e carbonato de cobre; óxidos de antimônio e enxôfre nativo, que são comuns em alguns dos filões; sulfatos de cobre, sulfato e cromato de chumbo são mais raros; ouro nativo em pequena quantidade está distribuido em quasi todos os filões e em Boa Esperança, nos veieiros encontram-se grãos de platina".

Depois de José Jacomo Tasso e seus companheiros terem abandonado a mina de Cachoeira esteve ali um francês chamado Champignon, que iniciou a abertura de nova galeria próxima ao filão do Azogue, conhecida até hoje pelo nome de "Buraco do Champignon". Esse francês descobriu, dizem, além de ouro, água no local, e solicitou a permissão ao Governador de então, desembargador José Peregrino de Araújo, para continuar as lavras, o que não foi possível devido ao protesto dos herdeiros de José Jacomo Tasso.

De 1902 a 1903 novas tentativas foram feitas nas visinhanças do filão Reviva, pelos belgas Fernando e Adolfo van der Brule dando o nome de "Yvonne" ao local trabalhado.

O dr. Luciano Jacques de Moraes, quando geólogo da I. F. O. C. S., esteve em Cachoeira da Mina, classificando as rochas dessa região como "gneis e phyllitos atravessados por apophyses de rochas plutônicas sienitos e granitos".

Os veios auríferos encerrados nessas rochas em direções concordantes, são muito numerosas e aparecem como massas lenticulares e irregulares". O dr. Luciano Jacques de Moraes obteve diversas pepitas de ouro, bateiando os aluviões de Cauassú, Reviva e Açude Quebrado, na região da Cachoeira e do rio das Bruscas.

Em princípios de 1939 percorri toda a antiga concessão do Tasso, desde a Cachoeira até o Apertado das Caçimbas, informando-me o meu guia, morador no Bom-Será, próximo da Cachoeira, que em época recente extraiu ouro do leito do Piancózinho.

Um estudo mais demorado dessa região não seria talvez ocioso; verificadas possibilidades compensadoras é fácil resolver o problema da água, construindo uma pequena barragem á montante da Cachoeira, constituindo ali uma bacia de acumulação suficiente para poder dispôr da água necessária durante a estação sêca.

Francisco Inacio Ferreira, no seu "Dicionario Geográfico das Minas do Brasil", diz ainda que: "No Pilar, cidade da comarca do mesmo nome, assente á margem direita do rio Paraíba, descobriram minas de ouro, tanto no território da cidade, como em varios pontos da comarca".

Contaram-me em Serraria que na vila de Entre-Rios, anteriormente Pilões de Dentro, o engenheiro francês Jules Destord achou diversas pepitas de ouro. Durante a construção da rodovia Alagôa Grande-Areia foi achada outra pepita pesando algumas grammas.

Falava-sé também com insistência da existência de ouro no município de Teixeira. A tadição conta que um certo ourives, morador na cidade, não comprava ouro para os seus trabalhos; quando os tinha, partia a cavalo transpondo serras desaparecendo com rumo ignorado, e voltava trazendo sempre a quantidade necessária do precioso metal.

Aventureiros animados pelo alto preço alcançado pelo ouro nêstes últimos tempos, entraram em campo e não tardou que a sua presença fôsse assinalada em quantidade apreciavel na aluvião do rio Mãe Dagua próximo ao povoado do mesmo nome.

Recebida a principio com pessimismo, a noticia, teve em pouco tempo plena confirmação com a venda das primeiras partidas no Recife.

O número de faiscadôres cresceu rapidamente e a produção de ouro atingiu e manteve durante meses a média de dois quilos por semana.

Em meados do ano passado, visitei a zona de mineração do ouro; encontrei ali 1.500 homens, aproximadamente, em plena atividade; o trabalho, porém, era feito sem a necessária técnica, tão rotineiro e imperfeito que, em muitos lugares, uma segunda lavagem do material já mineirado produzida maior quantidade de ouro do que a que tinha sido extraída pela turma pioneira.

A exploração subiu o curso dos riachos formadores do Mãe Dagua até as cabeceiras, em procura dos filões; foram assim trabalhados o riacho Maracajá como principal e seus formadôres: Sibio, São Braz e outros sem

denominação da margem direita e Santa Tereza, do Guida, da Lagóa do Rodrigo e Santo Aleixo, da margem esquerda, nascendo estes no divisor de águas que limita a Paraíba com Pernambuco.

Estudando êsses corregos, em rápido trabalho de prospecção no de Santa Tereza, em veios de quartzo enfumaçado, encontrei mineralizações de ouro que indicam a existência de veios.

A serra de Teixeira, que se prolonga para S. O. com o nome de serra do Jabre, é uma das ramificações ocidentais do planalto da Borborema; paralelamente a esta, outra ramificação com o nome de serra das Balanças, da Colonia, da Baixa Verde e Pintada, estende-se até o Ceará, servindo sempre de limite entre os Estados da Paraíba e Pernambuco. Na depressão que existe entre essas duas ramificações formando extenso vale, porém pouco profundo, que vai da cidade de Teixeira até Imaculada, correm, quasi sempre com direção N. E., diversos rios e riachos formadores do Espinháras; um dos principais é o Mãe Dagua e a sua bacia hidrográfica é a região aurífera principal de Teixeira.

A aluvião acima referida proveio da serra das Balanças, com derrame maior para a vertente paraibana.

A região é toda de rochas cristalinas, predominando o gneis, o granito e o quartzo.

No mesmo município de Teixeira, no lugar Catolé, na estrada que vai de Teixeira a Destêrro, assistí á extração de ouro de aluvião, em corregos que descem da serra dos Cariris Velhos.

No momento, de plena estiagem no sertão, a mineração de ouro de Teixeira está paralizada pela absoluta falta d'água indispensavel para a lavagem de separação; com as primeiras chuvas os trabalhos serão reiniciados com certeza.

A região merece estudo. O ouro de Teixeira não é uma suposição; apesar da imperfeição da técnica extrativa ali empregada, da aluvião do Mãe Dagua saíram nos anos de 1939-40, mais de 100 quilos de ouro.

V — RUTILO — TITANIO

O rutilo é um dos minérios do titanio no qual se encontra som a forma de bióxido. Cristaliza no sistema quadrático, formando frequentemente maclas em joelho, em coração ou polisintéticas de 8 a 12 individuos com o aspêto de um prisma otogonal ou dodecaedrico.

Encontra-se outras vezes em inclusões no feldspato e no quartzo, em cristais aciculares ou sob a forma de filamentos finissimos que tem o nome de "cabelos de Venus".

E' opáco ou translúcido nas partes pouco espessas; a sua côr é vermelha escura ou negra amarelada. Possui brilho metálico ou adamantino. Sua fratura é conchoidal ou desigual. Sua dureza varia de 6 a 6,5 e a sua densidade, de 4,2 a 5,2.

O rutilo ocorre nos micachistos e em algumas rochas eruptivas.

E' um dos satélites do diamante tendo, nos garimpos de Minas Gerais os nomes de "fundinho", "agulha" e "cativo".

O anatásio e a brookita são também bióxidos de titanio.

O anatásio cristaliza no mesmo sistema do rutilo, em cristais bipiramidais ou em octaédros agudos, outras vezes obtusos. E' de côr azul escura quasi preta, raramente amarela, de brilho metálico ou adamantino. Apresenta fratura conchoidal. E' satélite do diamante com o nome de "sericoria". A brookita cristaliza no sistema rombico. E' de côr parda avermelhada ou amarela, de brilho metálico, opaca ou translúcida. Apresenta igualmente fratura conchoidal. Ha uma variedade da brookita, a arkansita, totalmente negra. A dureza e a densidade destes minérios são inferiores ás do rutilo.

Pelo que se vê, o óxido de titanio é trimorfo e o curioso é que essas três espécies não são encontradas separadas umas das outras; ocorrem juntas ou pelo menos duas.

Ha outros minérios de titanio como a ilmenita, ferro titanado ou titanato de ferro, e a titânia ou esfêno, silico-titanato de cálcio, que não interessa descrever aqui porque não ocorrem, pelo que se sabe até o momento presente, na Paraíba.

O titanio encontra-se também associado com outros metais em outros minérios diferentes.

A metalurgia do aço emprega modernamente o titanio em larga escala. Ele aumenta a sua maleabilidade e torna-o mais dútil ao mesmo tempo que age como depurador.

Óxidos e sais de titanio são empregados como corantes na indústria de cerâmicas e na composição de lacas para tingir couros.

A indústria de pigmentos de titanio para o fabrico de tintas assegura-lhe, entretanto o maior consumo.

A produção de titanio no mundo excede atualmente de 200.000 toneladas de minério (ilmenita e rutilo). Os países produtores são, em ordem de colocação pelas estatísticas conhecidas, para a ilmenita: India Inglesa, Noruega, Malásia, Canadá, Austrália, Senegal, Portugal e outros cuja produção é desconhecida; para o rutilo: Brasil, Noruega e Camerun-francês. Como se verifica, o Brasil é o maior produtor de rutilo, tendo a nossa exportação alcançado ultimamente 1.000 toneladas anuais, no valôr de 1.300 contos, aproximadamente.

Os compradores principais do rutilo e da ilmenita do Brasil eram a Alemanha até o início da guerra e os Estados Unidos.

E' curioso notar que os Estados Unidos são grandes compradores, além de produtores desses minérios; nada se sabe, entretanto, sobre a produção desse país, por ser proibida a divulgação de dados a respeito.

O Brasil possui reservas regulares de minérios de titanio, na faixa litoranea compreendida entre a fôz dos rios Itabapoana e Guarapari, no Estado do Espirito Santo; existe nas regiões diamantíferas da Baía, de Minas Gerais e de Goiaz.

Em Pernambuco, perto de Garanhuns ha uma jazida de magnetita titanífera. O rutilo ocorre também no Rio Grande do Norte e na Paraíba é relativamente abundante em todo o planalto da Borborêma, em Princesa e Piancó.

MOLIBDENTA — MOLIBDENIO

O molibdenio empregado como liga na fabricação de certos aços especiais, provém de dois minérios principais: a molibdenita, que é um sulfeto de molibdenio e a wulfenita que é um molibdato de chumbo.

A molibdenita é quasi sempre amorfa, apresentando-se outras vezes em laminas exagonais. E' de cor gris de chumbo, opaca, com brilho metálico vivo. Em laminas é flexivel, séctil, untuosa e risca o papel como a grafita ou como o lápis.

A sua dureza varia de 1 a 1,5; a sua densidade 10,2; e é fuzivel a 2.560 graus centigrados.

A molibdenita ocorre nos pegmatitos estanhiferos, granitos e sienitos zirconianos.

Diversos países possuem molibdenio: Estados Unidos, México, Noruega, Marrocos francês, Yugoslavia, Coréa, Rumania, Perú, Austrália, Canadá, Japão e China com uma produção total que atinge agora a 15.000 toneladas. Existe no Brasil, no morro do Baú, perto de Itajaí em Santa Catarina e no vale do rio Jacaré, perto de Oliveira em Minas Gerais.

Na Paraíba a molibdenita ocorre nos diques de pegmatita próximo ás jazidas de estanho em Picuí, em Pombal e em outras localidades do sertão nos veios de quartzito.

VI — COLUMBITA — NIÓBIO — TANTALITA — TANTALO

Entre os minérios cuja exportação deveria ser terminantemente proibida, em primeiro lugar porque interessam á Defesa Nacional, segundo porque as reservas conhecidas dos diversos países possuidores desses minérios são limitadas, estão incluídas a columbita e a tantalita.

Ambos ocorrem com frequência nos diques de pegmatita da região de Picuí, Joazeiro e Santa Luzia na Paraíba e nos municípios fronteiros do Rio Grande do Norte.

A columbita, também niobita ou baierina e a tantalita são constituídos por uma mistura isomórfica de niobato e tantalato de ferro e manganéz; aquêle em que predomina o anhidrido nióbico é columbita e aquêle em que predomina o anhidrido tantalico é tantalita; são pois duas espécies de minérios de uma mesma familia, tão próximos, que passam gradativamente de uma para outro. Confundem-se pelo aspêto; cristalizam ambos no sistema rômico; ambos são de cor negra, opaca e têm brilho metaloide. A niobita apresenta fratura desigual ou quasi conchoidal, a tantalita conchoidal. A densidade da niobita é de 6 e a sua dureza varia de 5,32 a 5,39; a densidade da tantalita varia de 7 a 8 e a sua dureza de 6 a 7.

O nióbio foi descoberto em 1844. A sua importância industrial foi nula ou quasi nula praticamente até 1933, quando Becket e Franks demonstraram que esse metal, em liga, evitava a corrosão integranular dos aços cromados. Desde esse tempo as ligas de ferro niobado ou ferro columbado como as chamam nos Estados Unidos, tornaram-se cada vez mais importantes e o seu emprego intensificado principalmente na industria bélica.

A descoberta do tantaló data de 1802; a sua aplicação industrial teve início, entretanto, em 1903, isto é, um século mais tarde. Era empregado na fabricação de filamentos de lâmpadas elétricas incandescentes. O tungstênio veio substituí-lo mais tarde nessa aplicação; as lâmpadas de filamentos de tungstênio são mais econômicas embora durem menos tempo.

A néo-metalurgia emprega o tantaló na fabricação de aços especiais de interesse principalmente para a indústria bélica, baseada nas propriedades que lhe são inerentes. Metal muito dútil e tenaz, altamente refratário (a sua fusão dá-se na temperatura de 2.300 graus centígrados); é inoxidável em ambiente normal e inatacável pelos ácidos; a sua dureza comparável à do diamante faz com que seja também utilizado na fabricação de escopros, brócas, pontas de perfuratrizes de sondas e outras ferramentas destinadas a cortar materiais muito duros.

As ligas de aço tantalado além de dotadas de elevada resistência, são quasi isentas de oxidação e o seu coeficiente de dilatação pelo calor é muito menor que o dos aços comuns.

A columbita e a tantalita são encontradas nos Estados Unidos, na U. R. S. S., Filândia, Suécia, Congo Belga, Nigéria e União-Sul-Africana, Austrália e Groenlândia.

No Brasil esses minérios ocorrem nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Até o início da guerra o comprador principal de columbita e tantalita do Brasil era a Alemanha; de certo Estado do Nordeste, é sabido que houve exportação clandestina desses minérios para esse país. Os Estados Unidos e o Japão são também compradores.

Columbita e tantalita têm preços mais ou menos equivalentes; as cotações de 1937 até 1939 eram de 176 libras-ouro por tonelada; esse foi o preço alcançado pelos nossos minérios de tantaló e nióbio comprados ao mesmo tempo em Picuí a 400 réis o quilo, subindo vagarosamente a 4\$000 e atingindo agora até 15\$000, nas tabelas de alguns compradores!

Digno de nota é que o teor em tantaló em certas tantalitas paraibanas é bastante mais elevado do que o dos melhores minérios conhecidos.

A columbita e a tantalita são abundantes na Paraíba não esquecendo porém que essa abundância é relativa, posto que se trata de minérios de metais raros e que as reservas que por ventura existam mais ou menos volumosas não serão nunca demasiadas quando o Brasil tiver instalada e produzindo a sua indústria pesada.

SAMARSKITA — POLICRÁSIO

Associados com a columbita e a tantalita ocorrem em Picuí, relativamente raros até o momento, a samarskita e o policrásio.

A samarskita, niobato de ferro, urânio, ítrio, cério e erbio, é um minério pesado, de cor negra ou parda, opaca, brilho metalóide e apresenta fratura conchoidal. Cristaliza no sistema rômico, como a columbita e a tantalita.

E' explorado em diversos países como minério de nióbio que ele contém

sob a fórmula de anidrido nióbico na proporção de 58 a 60%, a proporção do urânio varia de 11 a 12%.

O policrácio, titano — niobato de tantaló, cerio, lantanio, didimo, erbio, tório, urânio, ferro, chumbo e alumínio é um minério pesado, de cor preta, opaca e aspecto resinoso. Apresenta fratura conchoidal. Cristaliza no sistema rômico. O seu teor em urânio é de 6,5%.

Esses dois minérios estariam relacionados com a presença do hélio assinalada em Picuí, que como se sabe pôde provir de campos petrolíferos, das fontes termais e de minérios rádio-ativos como o são os que contêm urânio.

VII — CASSITERITA — ESTANHO

Nos municípios de Picuí e Joazeiro, na Paraíba, aparece com frequência a cassiterita.

Esse minério ocorre: como inclusão na arrojadita, associada ao quartzo, nos diques de pegmatita e no "greisen" ou hialomicto.

Segundo o geólogo Luciano Jacques de Moraes que fez estudos demorados nessa região, a cassiterita aparece, partindo de Picuí em um cordão de serrotes que passa por Fléxas, Tanques do Capim, Remédios e Timbaúba do Gurjão, isto é, atravessando o município de Joazeiro, entrando no de São João do Cariri.

A cassiterita é o minério do estanho no qual esse metal se encontra sob a forma de bioxido, na proporção de 78,77 para 21,23% de oxigênio.

Cristaliza no sistema quadrático em prismas tetragonais, pirâmidos simples ou combinados; são comuns as maclas de dois indivíduos, em ângulos reentrantes, conhecidas pelo nome de "bico de estanho". Pôde ser também amorfa ou apresentar-se em massas concrecionadas granulares ou fibrilares como na variedade chamada "estanho de madeira".

A cor da cassiterita é parda, parda amarelada, parda avermelhada ou preta, opaca ou translúcida e de brilho adamantino. Apresenta fratura imperfeitamente conchoidal.

O estanho é um metal de cor branca de prata com ligeiro reflexo azulado. É pesado; a sua densidade é de 7,22; muito maleavel, pouco tenaz e funde-se a 232 graus centígrados. Tem cheiro e sabor "sui-generis", é pouco alteravel em ambiente normal e não produz óxidos nocivos ao organismo humano.

Vergando-se um lingote ou barra fina de estanho ouve-se distintamente um ruído crepitante, característico desse metal, conhecido pelo nome de "estalido" ou "grito do estanho"; esse ruído dá-se em consequência do atrito dos cristais que formam a sua textura, entre si.

O homem conhece o estanho desde tempos profundamente remotos e emprega-o desde muitos milênios em liga com o cobre, formando o bronze, metal cuja utilização caracterizou culturas que delimitaram nitidamente uma das idades da pré-história.

As aplicações do estanho são variadas e numerosas. A mais importante que consome porcentagem maior da produção mundial desse metal é a do estanhado, que consiste na imersão de peças de outros metais, num banho de estanho que como isolante preserva-os da oxidação. Peças, artefatos e uten-

silios de toda espécie são assim tratados e principalmente o ferro laminado em fôlhas finas destinado á fabricação de latas para o acondicionamento de conservas alimenticias e muitos outros produtos industriais conhecido em nosso país com o nome de fôlhas de Flandres. O consumo de estanho para esse fabrico importa, aproximadamente em 300 gramas por metro quadrado de superficie estanhada.

O estanho é também utilizado puro em fôlhas finas obtidas por laminação e martelamento; serve assim para acondicionar chocolate, confeitos, cigarros e outros produtos. Entra como componente em diversas soldas, e puro na solda dos recipientes destinados a gêneros alimenticios.

As indústrias mecanica, elétrica e bélica dão largo emprego ao estanho como metal puro ou em inúmeras ligas com outros metais. Ele entra na composição dos bronzes e latões; nas ligas plásticas e nas de metal "antifricção" ou "metal patente".

O metal inglês resulta de uma liga de 21% de estanho para 9% de antimônio. Em liga de 80% de estanho para 20% de antimônio é empregado para pranchas de gravura.

Durante muito tempo serviu na indústria do vidro para estanhar espelhos e durante séculos serviu para o fabrico de baixélas e utensilios de mesa nos quais artistas executaram finos lavôres a cinzel e que hoje figuram em coleções e museus de Arte.

Dá-se com esses objéto e aliás com todos os artefatos de estanho puro, um fenômeno curioso; o metal altera-se, tomando aspéto arenoso de côr grisalha ao mesmo tempo que se torna quebradiço; dava-se a este fenômeno, antigamente, o nome de "doença do estanho", exclusiva quasi do climas frios. Essa transformação é devida a que o estanho existe em dois estados: cristalizado como geralmente é conhecido com o nome de estanho branco, e amórfo e grisalho chamado estanho cinzento. Do primeiro estado passa para o segundo em temperatura inferior a 20 gráus. Objéto preciosos, como alguns ha desse metal devem ser conservados em ambiente de temperatura mais elevada para garantir a sua conservação.

A potêa de estanho empregada no polimento de metais e na fabricação de certos esmaltes provêm de uma mistura de estanho e chumbo (1x5) queimados, obtendo pela combustão uma combinação de óxidos de estanho e de chumbo pulverulentos.

O clorêto estânico é empregado como mordente na tinturaria e a medicina utiliza-se do estanho metálico e do estanho coloidal como medicamentos.

Os principais produtores de cassiterita no mundo são, por ordem de colocação: a Peninsula Maláia, India Holandêsa, Bolivia, Tailândia, China, Nigéria, Congo Belga, Rumania, Austrália, Japão, Inglaterra, Indo-China, Argentina, Portugal, Africa do Sul, Ugada, Camerun, Tanganika, Sudoeste Africano, Swazieland e Espanha.

A Alemanha, França e Estados Unidos também possuem jazidas de minérios de estanho, não havendo porém dados estatísticos sôbre a produção desses países.

No Brasil, existem jazidas de cassiterita em Taboleiro no Rio Grande do Sul; em Salinas, Rio Preto e Americanos em Minas Gerais; na Paraíba,

como ficou anteriormente exposto e no Rio Grande do Norte.

Entretanto o Brasil importa anualmente em cifras redondas 800 toneladas de estanho em barras, laminas e placas, no valor de 16.000 contos de réis (preços de antes da guerra); estanho manufaturado puro ou em ligas mais de 200 contos, e fôlhas de Flandres no valor de mais de 30.000 contos, o que perfaz um total de 100.000 contos de réis.

Poderíamos suprir em parte as nossas necessidades excluída por enquanto a fôlha de Flandres que é especialidade industrial alemã, produzindo o estanho exigido pela industria nacional.

A exploração do minério é a céu aberto; a redução do metal é facil e pouco dispendiosa; os minérios são tratados mecanicamente para o seu enriquecimento, reduzidos, depois pelo carvão e carbono em fórnos especiais de construção simples e econômica chamados "fórnos de manga".

VIII — CALCÁREO

Os calcários têm singular importancia na indústria moderna; para aquilatar o seu valor e a sua utilidade basta citar os dois produtos principais que elle nos fornece: a cal em seus diferentes tipos e o cimento que assumiu papel preponderante na construção em nossos dias.

O calcáreo é utilizado também pela siderurgia para o preparo do leito de fusão nos altos-fornos, e a cal é empregada no revestimento dos conversores "Bessemer" para a eliminação do fósforo e do enxofre na elaboração dos aços doces.

A cal é, ainda, matéria prima para a indústria do vidro, e a química emprega-a no fabrico do carbonato de sódio pelo processo "Leblanc", do clorêto e do hipoclorito de cálcio, produtos todos de grande consumo.

A orla marítima paraibana e larga faixa do litoral que, geologicamente, pertencem ao cretáceo superior encerra em quasi toda a sua extensão consideráveis depósitos de calcáreos próprios para o fabrico de cal e de cimento não devendo pairar mais dúvida quanto ás possibilidades dessas indústrias posto que elas já existem instaladas aqui, produzindo em pequena escala embora porém de forma a garantir lucros compensadores.

Esses depósitos comportariam uma larga ampliação dessas indústrias.

O calcáreo do cretáceo paraibano é rico de fosseis. Oportunamente serão objeto de referência especial.

MÁRMORE

O mármore, de todos conhecido pela generalização do seu uso nas suas múltiplas applicações, é um carbonato de cálcio, um calcáreo portanto, de estrutura sacaroide e massa homogênea. Essa homogeneidade é condição principal para o seu valor industrial.

Na serra de Gaspar Alves, que no município de Itabaiana serve de divisor entre os Estados da Paraíba e de Pernambuco, ha grandes jazidas de mármore branco exploráveis pelas duas vertentes: paraibana e pernambucana.

Na mesma cordilheira que se estende até Umbuzeiro com os nomes de serra do Pirauá, Verde e do Oratório e nos seus contrafortes o mármore aflô-

ra em muitos pontos, indicando depósitos volumosos, possivelmente de valor econômico elevado. A exploração é fácil: pedreiras a céu aberto, com caminhos que cortam toda a região, relativamente próxima também da Estrada de ferro com possibilidade de se estender ramais para as minas, desde que se tornem necessários.

Ocorre ali também o mármore cinzento de cor uniforme e com veios mais escuros com certa abundância.

No município de Patos existe outra jazida de mármore cor de rosa intercalada entre o complexo cristalino da Borborêma na sua vertente ocidental.

Há mármore branco em Bagé, Rio Pardo e São Gabriel no Rio Grande do Sul; em Tamandaré e Rio Branco no Paraná; em Lorêna no Estado de São Paulo, em Cachoeira do Itapemirim no do Espírito Santo; em Itapá e Orós no Ceará; em Minas Gerais são relativamente abundantes os mármore coloridos; as jazidas principais nêsse Estado são as de Arco-Vêrde, Belo Horizonte e Gandarella. Esses mármore conquanto apresentem geralmente estrutura homogênea são atravessados por vezes por finas camadas de talco que interrompem a homogeneidade de sua massa. Esse inconveniente desvalorisa o mármore, principalmente para a estatuária porque as massas isoladas pelas camadas de talco destacam-se com facilidade quando são lavradas.

Houve já tentativa de exploração do mármore de Itabaiana, tendo sido até organizada uma sociedade na qual se achavam interessados marmoristas do sul do país. Essa sociedade durou pouco tempo, correndo versões diversas sobre os motivos do seu fracasso, atribuído por alguns a dificuldade do transporte pelas estradas existentes mais ou menos em abandono e pouco praticáveis para o transporte de blocos de grandes dimensões, segundo outros por falta de uma boa direção técnica que havia sido entregue, como sempre, a leigos, e na de terceiros porque não era possível obter blocos grandes sem inclusões de cristais de quartzo na massa de calcáreo, não sendo assim possível conseguir superfícies perfeitas em lages de certas dimensões, inconvenientemente mais grave ainda para o mármore estatuário. E' quasi certo que as duas primeiras versões são ao mesmo tempo verdadeiras, não sei entretanto que crédito se deve dar á terceira versão que talvez se justifique; essas inclusões ocorrem por vezes nos mármore e nos calcáreos marmoreos; a sua confirmação ou seu desmentido dependem de um minucioso exame do material da jazida.

Urge dizer entretanto que isso não importa em proclamar êsse mármore como inferior, pois nada autoriza a afirmar que as inclusões de quartzo, admitindo que elas tenham sido realmente encontradas, se repitam em toda a massa da jazida.

O mármore de Gaspar Alves continúa sendo explorado pela vertente pernambucana para o fabrico de cal.

O mármore existe em muitos países, porém as jazidas mais famosas do mundo são as de Paros, uma das ilhas Cíclades no mar Egêo, e a de Carrára na Itália, onde trabalham na sua exploração mais de 10.000 operários.

O consumo mundial de mármore é muito grande; para avaliar a sua importância basta saber que sómente os Estados Unidos empregam 100.000 toneladas anuais e que, a exportação da Itália, para o estrangeiro no ano que antecedeu a guerra, atingiu perto de 1 bilhão de liras.

O Brasil importa mármore de Portugal e da Itália num total de mais

de 4.000 toneladas correspondendo a 2.500 contos aproximadamente.

Não se pôde falar em depósitos calcáreos sem fazer referência aos recifes que caracterizam as costas do Nordeste Brasileiro. Esses bancos que se estendem paralelamente à linha do continente por muitas centenas de quilômetros, são arquetipados em parte através de milênios pelos Polypos coraliários que vivem em colônias, fixando o cálcio que se encontra no mar sob a forma de carbonato nessas pseudo-vegetações de consistência pétreas e de aspectos bizarros, por vezes com ramificações robustas, conhecidas por corais e madreporários e que ainda conservam entre os praias o nome característico de "itapitangas" dado pelos nossos incolas.

IX — BISMUTITA — BISMUTO

Foi o geólogo Luciano Jacques de Moraes quem relatou a ocorrência de bismuto verificada nos minérios de cobre de Picuí, na Paraíba, admitindo a possibilidade de ser encontrado isolada "nos pegmatitos que fornecem columbita e mica" nessa região. Não tardou em ser confirmada a previsão do ilustre geólogo patricio; o bismuto foi encontrado num dos seus minérios próprios, a bismutita, que é explorada em pequena escala ou para melhor dizer, é respigada nas escavações feitas para a extração de outros minérios, quando aparece.

A bismutita é um hidrocarbonato amórfio de bismuto. Apresenta-se em massas terrosas de cor esverdeada, mais frequente amarelada, recoberta de um induto esbranquiçado pulverulento.

O bismuto é encontrado em estado metálico nativo e em diversos outros minérios.

O bismuto é reduzido com facilidade pela fusão do minério, previamente ustulado, em muflas de argila refractária, em forno especial e é refinado em nova fusão, misturado com nitrato de soda ou de potassa que se lhe ajunta na proporção de 10%, o que determina a oxidação dos outros metais que o acompanham por vezes, bem como o arsenico e o enxôfre.

O bismuto é um metal móle, com 9,78 de densidade, portanto muito pesado, de aspecto cristalino e de cor branca, de reflexo avermelhado; não tem ductilidade, é muito frágil, podendo ser pulverizado a martelo e funde-se a 272 graus centigrados.

A metalurgia emprega o bismuto na composição de certas ligas indicadoras de temperatura, chamadas fusíveis, como por exemplo, a liga... D'Arcet, na qual entra na proporção de 50% para 25% de chumbo e 25% de estanho. O seu maior consumo, entretanto, é na indústria química; 75% da produção mundial de bismuto são empregados no fabrico de medicamentos.

Produzem bismuto os seguintes países: Perú, México, Canadá, Bolivia, Africa do Sul, Austrália, U. R. S. S., Estados Unidos, Espanha, Alemanha, Suécia, Inglaterra França, Rumania e China. No Brasil, encontram-se minérios desse metal em Brejaúba, Mariana, Ouro Preto e Itabirito em Minas Gerais e no vale da Ribeira do Iguape em São Paulo.

Existem no mundo aproximadamente umas 30 usinas para tratamento dos minérios de bismuto cuja produção por ano não atinge talvez o total de 1.000 toneladas.

Embora tenham sido calculadas grandes reservas em certos países como Perú e Bolívia, o bismuto é um metal caro e o seu crescente consumo garante-lhe quando menos estabilidade de preço.

NIQUEL

Muito se tem falado em minérios de níquel dos municípios de Picuí e Joazeiro. Nunca tive oportunidade de ver esses minérios; entretanto, Luciano Jacques de Moraes registra que foram encontrados traços de níquel em quasi todos os minérios de Picuí, acreditando que possam vir a ser descobertos minérios com teores mais elevados na mesma região.

Pesquisas deveriam ser encaminhadas nesse sentido; encontrado que fosse, a situação geográfica desses municípios permitiria a sua exploração sob o ponto de vista econômico.

O níquel, como se sabe, é um metal indispensável na indústria moderna. Em ligas com o aço, principalmente, e com outros metais que ele geralmente enriquece e torna incorrutíveis, a indústria mecânica emprega-o fartamente e a indústria bélica para quem se tornou elemento insubstituível, utiliza-o em múltiplas aplicações.

Muitos países, e o nosso entre eles, servem-se do níquel para a cunhagem de moeda.

Isso faz com que o seu consumo intensificado de ano para ano tenha atingido a mais de 100.000 toneladas de níquel-metal, que exigiram para a sua extração mais de 1.200.000 toneladas de minérios.

X — MICA

Sob o nome genérico de mica, vulgarmente "malacacheta", acham-se agrupados diversos minerais monoclinicos, de clivagem muito fácil que permite a sua exfoliação em laminas finissimas flexiveis, elásticas e muito brilhantes.

A composição desses minérios varia segundo a espécie; são todos, porém, silicatos de alumina com ferro e um ou mais álcalis, predominando o magnésio, o potássio, o sódio e a litina.

A natureza das micas é de 2,5 a 3 e a sua densidade de 2,7 a 2,1. Apresentam cores diversas; preta, parda, grisalha, verde, amarelada, avermelhada, rósea, violácea e branca, com brilho nacarado, transparentes ou translúcidas.

Além da flexibilidade, da elasticidade, da resistência, da transparência e da facilidade de dividir-se, em uma só direção, em placas finissimas é propriedade principal da mica ser má condutora de calor e electricidade.

Classificam-se as micas em três grupos, de acordo com a predominância de certos elementos de sua composição, capazes de lhes modificar em parte, as propriedades; esses grupos são: a biotita que reúne as micas ferro-magnesianas; o grupo flogopita que inclui as micas magnesianas quasi isentas de ferro e ricas em álcalis e o grupo muscovita, que compreende as micas fracamente magnesianas, acentuadamente potássicas e ricas de alumina.

Para fins industriais aproveitam-se algumas espécies desses dois últimos grupos, excluídas as do grupo biotita.

A capacidade dielétrica da mica conferiu-lhe um lugar de grande importância na indústria eletrotécnica onde é empregada com isolador principalmente, em máquinas e aparelhos, e apesar dos esforços empregados pela indústria química alemã para conseguir um produto sintético similar fabricando o "pertinax"; para certos usos, ela ainda continua insubstituível.

A mica é utilizada também para o fabrico de lanternas e óculos próprios para os trabalhadores em usinas metalúrgicas, nos quais substitue o vidro com vantagem por ser inquebrável. São de mica as lamínas vibrantes dos diafrágmás das vitrólas. Na indústria da porcelana é utilizada como fundente e na construção civil serve, fragmentada, para decoração de revestimentos a cimento, aproveitadas também nesse emprego, micas negras do grupo biotita.

A mica esmolda e aglutinada novamente; é aproveitada para usos diversos principalmente como material refratário.

Exigem-se, para as micas comerciais, clivagem franca, homogeneidade, flexibilidade e transparência para ter valor.

Exigem-se igualmente dimensões: a mínima sendo a de um quadrado de 25 milímetros de lado, classificada como n.º 6; a de 44 milímetros, n.º 5; a de 63, n.º 4; a de 81, n.º 3; a de 96, n.º 2; a de 123, n.º 1; a de 154, tipo A; a de 176 "especial", e acima dessas dimensões existem ainda a "extra", "extra-especial" e "excelente".

A mica é considerada imprestável principalmente para a indústria elétrica quando apresenta defeitos que de qualquer forma diminuem a sua capacidade dielétrica. Esses defeitos são: as trincaduras; as bôlhas de ar que por vezes se encontram presas entre as lamínas, as quais tem o nome de "tigre" e a mica é nesse caso "tigrada" ou "prateada" quando as bôlhas são muito grandes, ligadas entre si; as ondulações oriundas de uma clivagem pouco nítida o que determina a rutura das lamínas ao separá-las ficando em parte soldadas umas com as outras, defeito ao qual se dá o nome de "rabo de peixe"; os cabelos de Venus, filamentos finos de cor azul, verde ou vermelha, conforme a posição da placa em relação á incidência da luz, finalmente as manchas causadas pela decomposição da própria mica ou pelo óxido de ferro o que é comum.

Essas manchas desvalorizam a mica de 15 a 80% conforme a sua intensidade e extensão.

Os Estados Unidos são atualmente os maiores produtores de mica. produzem perto de 30.000 toneladas anuais que representam apenas 30% do seu consumo; são ao mesmo tempo os maiores consumidores.

Seguem-se depois a U. R. S. S., a Índia, a África do Sul, Canadá, Madagascar, Brasil, Argentina, Noruega, Tanganyka, Austrália, Suécia, Rhodesia do Sul e do Norte, Bolívia, Ceilão e Eritréa.

O Brasil está portanto em 7.º lugar entre os produtores; entretanto compra mica manufaturada e mesmo sem manufaturar aos Estados Unidos e a Alemanha.

As reservas de mica no Brasil são grandes e de ótima qualidade. As principais estão localizadas em São José de Tocantins no Estado de Goiás;

em Teófilo Otoni, S. Domingos do Prata, Serra do Caparaó, Carangola, Peçanha, Serro, Suassuby e Ubá em Minas Gerais; em Areia, Cuité, Picuí, Joazeiro e Santa Luzia na Paraíba do Norte.

Nesses municípios paraibanos a mica é explorada eventualmente, tendo havido alguma exportação; verifiquei, entretanto, que tanto na mineração como no beneficiamento a mica é maltratada, mal aproveitada, perdendo-se uma boa porcentagem de material por falta de orientação técnica em todos esses trabalhos.

ARGILAS

As argilas são também silicatos de alumina hidratados, podendo conter ferro, potássio, sódio, cálcio e magnésio em fracas proporções. O aspecto das argilas em geral é terroso, às vezes compacto, apresentando cores várias conforme as espécies. Estas numerosas, só sendo aqui referidas as que podem ter interesse industrial e que se encontram na Paraíba.

Kaolim — também chamado barro de porcelana; branco ou ligeiramente amarelado; de aspecto terroso; faz péga na língua e não faz pasta misturado com água. É produto da decomposição da ortóse que na Paraíba se encontra, com outros feldspatos, relativamente abundante na mesma região do kaolim.

Além de ser matéria prima para o fabrico de porcelana, é empregado na engomagem de tecidos.

Na Paraíba o kaolim é encontrado na zona limítrofe do Rio Grande do Norte e nas suas vizinhanças, desde Araruna até Santa Luzia do Sabugi e talvez além.

Argila plástica — argila figulina ou barro de olaria; é a mais comum; terrosa, branca, vermelha, amarela, parda ou negra; faz péga na língua como o kaolim e faz pasta, misturando-a com água.

É empregada no fabrico de tijolos, telhas, ladrilhos, tubos diversos e louça, chamada "louça de barro", indústria popular generalizada em todo o Estado.

Argila plástica refratária — variedade da anterior, contendo ferro, cal, magnésia e álcalis em proporção inferior a 10%, mais pura portanto; e de cor branca, grisalha ou preta. Essa cor preta, determinada pela elevada proporção de matérias orgânicas que por vezes se encontram incorporadas a sua massa, não prejudica as propriedades das argilas; submetidas à ação do fogo a matéria orgânica desaparece por completo, retomando as argilas a sua cor característica depois de cozimento.

A argila refratária é empregada no fabrico de cadinhos e tijolos próprios para fornos de fundição, revestimentos isolantes de caldeiras a vapor e outras aplicações.

Existe na Paraíba desde o litoral até o sertão; a do litoral em depósitos sedimentários, nos terrenos Cretáceos e a do sertão de origem eruptiva em depósitos também entre o gneis.

Terra de fundição — ou areia de fundição como geralmente é conhecida. Apresenta-se em diversos tipos; são todas argilas especiais, refratárias, ricas em silício e alumina com alguns óxidos de ferro que lhes dão cor

e nas quais os demais elementos, potássio, sódio, magnésio, cálcio, etc. se acham reduzidos a proporções mínimas ou traços apenas. Ha no litoral paraibano diversos depósitos dessas argilas.

Argila esmética — terra ou cré de pisoeiro, "terre a foulon" dos franceses. E' terrosa ou compacta, de fratura desigual e côres variadas em veios ou manchas: vermelha, violácea, parda, cinzenta, amaréla, esverdeada, azulada e branca; faz péga na lingua e misturada com água fórma um pasta pouco plástica e pouco maleavel; é untuosa ao tacto e absorve as gordura, propriedade principal que lhe é peculiar.

E' empregada para desengordurar tecidos de lã e na clarificação de óleos, etc.

Encontra-se na Paraíba em grande quantidade e de ótima qualidade no litoral. Própria dos terrenos Cretáceos, fórma jazidas consideraveis em todas as barreiras da órla marítima que são também uma das características ds costas do Nordéste Brasileiro. São dessa argila as camadas de côres variadas do chamado "giz" do Cabo Branco e que na realidade nada tem de giz.

COBRE

Depois do ferro o cobre é o metal de aplicação industrial mais ampla; basta saber que o seu consumo no mundo atinge aproximadamente a 2 milhões de toneladas por ano.

Todos os sistemas de viação e transportes: naval, terrestre e aéreo; as maquinárias em geral; a indústria elétrica principalmente, a indústria bélica e a indústria quimica exigem o sem emprego como metal puro ou combinado com outros metais, nas mais variadas ligas sendo a mais importante a do bronze, bem como os seus óxidos e os seus sães.

A arte e a ciência não prescindem do seu concurso.

Inúmeros instrumentos e utensilios úteis na vida do homem são de cobre e, em todos os países é utilizado na cunhagem de moedas divisionárias dêsde a mais remota antiguidade histórica.

O cobre e o ouro fôram, certamente, os primeiros metais que o homem conheceu. Ambos se encontram em estado nativo e prestam-se ambos para serem trabalhados a frio. Esse conhecimento remonta, através de milênios até o limiar da época neolítica, marcando, naquêles tempos recuados da pré-história, o início de uma nova era de progresso para a humanidade.

Essa multiplicidade de aplicações, o cobre a deve ás suas propriedades. E' dútil, tenaz e maleável a frio; recosido, essa maleabilidade aumenta, permitindo o seu amolgamento e o seu estiramento com a máxima facilidade. A sua resistência que suporta um esforço de 50 quilos por milimitro quadrado equipara-o a certas espécies de aços bons. Póde ser laminado em laminas tão finas que se tornam transparentes, dando passagem aos raios vêrdes.

Depois do ouro, da platina e da prata é o melhor condutor de calor e de electricidade; resiste, entretanto, a elevado número de calorías, fundindo-se a 1.083 grãos centigrados.

O cobre é de côr avermelhada característica; tem brilho metálico, cheiro e sabor *sui generis*; a sua dureza varia de 2 a 3 e a sua densidade de 8 a 9.

Cristalisa no sistema cubico, geralmente em octaedros, com maclas frequentes por hemitropia de dois cubos piramidados.

Em estado nativo encontra-se em massas filiformes, reticuladas ou em dendrites, é mais abundantes em diversos compostos naturais que são os minérios de cobre. Estes são numerosos e variados, sendo os principais a cuprita (óxido cuproso), a calcopirita (sulfeto duplo de cobre e ferro), a azurita e a malaquita (hidro-carbonatos de cobre). De todos, o mais importante é a calcopirita.

Em principio, o cobre é encontrado na natureza em combinações com o enxofre, sob a forma de sulfetos e é em consequência da ação de diversos agentes atmosféricos e das águas manantes, que se formaram depósitos de produtos da oxidação desses sulfetos com a modificação mais ou menos profunda das jazidas primitivas. O cobre pôde ainda, apresentar-se combinado em complexos, os quais podem conter, além de enxofre, arsenico ou antimônio em estado de sais como os sais dos ácidos sulfo-antimoniosos, sulfo-antimônicos e sulfo-arsênicos. Tais são os chamados cobres pardos ou "fahlerz". Esses complexos são muitas vezes argentíferos.

Como foi dito acima, os agentes oxidantes podem transformar esses minérios em produtos isentos de enxofre, oxidados ou sais. O mais importante é o cobre nativo encontrado em quantidade considerável na península de Keeweenaw ao Sul do Lago superior (Michigan, E. Unidos) e em Corocoro (Bolívia). Apresenta-se cristalizado em rosários ou em redes entre as amígdalas das "gangas" ou em massas grandes como a do bloco que foi extraído da mina de Minnessota em 1837, pesando 420 toneladas.

A extração do cobre dos seus minérios pôde ser feita pelo processo de fusão do minério que passa pelas seguintes fases:

- a) — preparo de um mixto fusível obtido pela torrefação do minério;
- b) — fusão e separação das "mates" da primeira concentração;
- c) — exidação da "matte" até a obtenção do cobre bruto;
- d) — refinação do cobre bruto.

Pôde ser também extraído por processos eletrolítico sujeito igualmente a quatro fases:

- a) — pulverização do minério;
- b) — reação do minério com o sulfato ferrico;
- c) — filtração do líquido eletrolítico;
- d) — eletrólise.

Quer isto dizer que são elementos indispensáveis para a redução do cobre, o combustível, a água e energia elétrica.

Produzem minérios de cobre os seguintes países: Estados Unidos, Chile, Canadá, Rhodesia do Norte, Congo Belga, Japão, U. R. S. S., México, Yugo-Slavia, Perú, Alemanha, Espanha, Noruega, Austrália, Chypre, Finlândia, Cuba, Africa do Sul, India, Suécia, Terra Nova, Formosa, Coréa e Bolívia. Alguns outros países produzem também cobre, porém, em proporção inferior a 1% do total extraído no mundo por ano.

Ha minas de cobre no Brasil em Camaquan no Rio Grande do Sul, Caraibas na Baía e em Picuj na Paraíba, extendendo-se esta última ao território do Rio Grande do Norte. Em outros Estados ha ocorrências de minérios de cobre, porém, até o momento, sem significação econômica.

O Brasil dispense anualmente em média com a compra de cobre, e suas ligas para matéria prima, 60 mil contos de réis e em cobre manufaturado 40 mil contos; entretanto o aproveitamento de suas jazidas poderia, quando menos, suprir todas as exigências do seu consumo.

Os minérios do cobre de Picuí foram assinalados pela primeira vez pelo engenheiro Joseph Gomes Nêto da E. F. Great Western, em 1900, quando estudava o traçado do prolongamento que devia cortar aquela região. Em 1918, o sr. Manuel Francisco Monteiro ali esteve agitando a questão da mineração do cobre, e, em seguida o engenheiro Joaquim Lustosa que efetuou pesquisas e algumas excavações. Em 1920 o geólogo Eusebio de Oliveira e o engenheiro Alfêu Diniz Gonçalves visitaram a região do cobre de Picuí, publicando, o primeiro, um relatório e o segundo realizando uma conferência no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro sobre o assunto. Houve pouco tempo depois a visita de um técnico alemão, vindo a chamado de certo capitalista pernambucano que se interessava pela exploração das minas de Picuí, e cujas conclusões desanimaram por completo o autor ou autores dessa iniciativa.

Em 1922 e mais tarde, em 1936, o geólogo Luciano Jacques de Moraes estudou a zona das jazidas cupríferas da Paraíba, publicando o resultado dos seus trabalhos no Boletim n.º 28, do Departamento Nacional da Produção Mineral, sem dúvida o melhor e mais completo realizado até a data presente. Anteriormente, em 1936, ali estiveram por incumbência do Governo da Paraíba, técnicos da firma Piepmeyer, de Cassel, Alemanha, a fim de proceder a estudos geofísicos. Esses trabalhos realizados sem assistência de técnico idôneo por parte do Governo da Paraíba, tiveram como resultado, sinão real pelo menos aparente, a afirmação da precariedade do valor das jazidas e a quasi inviabilidade de sua exploração. Entretanto os técnicos da Piepmeyer não fizeram referência no seu relatório as possibilidades de aproveitamento de outros minérios também encontrados ali, tais como a tantalita, a columbita, o berilo, a cassiterita e a mica, alguns abundantes, nada dizendo sobre a presença do hélio verificado no correr das pesquisas, ocorrência interessante, quando menos sob o ponto de vista científico. Fizeram-na na Alemanha tendo sido a notícia publicada em jornais de lá o que de certo vem em desabono á probidade profissional dessa firma "n'en déplaise" a quem quer que seja.

A região de Picuí precisa ser estudada, na sua geologia principalmente, devendo ser consideradas como prematuras todas as opiniões otimistas ou pessimistas manifestadas a respeito. A razão de ser do planalto da Borborema ainda carece de explicação. A desordem mineralógica desconcertante de certas zonas precisa ser justificada. Em Picuí, por exemplo, a erosão das saliências de origem tectônica é flagrante. Que se poderá esperar quanto a situação dos filões metalíferos nessas condições?

O certo é que essa situação precisa ser esclarecida antes da tentativa de qualquer exploração industrial.

A meu ver, quaisquer estudos ou trabalhos nêsse setôr deverão ser encaminhados e executados por técnicos nacionais, que aliás não nos faltam e de absoluta competência, fornecendo-lhes os meios e o aparelhamento

necessários, e afastando prudentemente os demais técnicos, principalmente quando se acham a serviço de países cujos interesses são positivamente contrários aos nossos.

XII — OCORRÊNCIAS DIVERSAS

Antes de encerrar a série de artigos aqui publicados, nos quais me referi sempre a minérios cuja exploração imediata oferece possibilidades, quero enumerar alguns mais que ocorrem na Paraíba, embora sem significação econômica no momento.

A presença desses minérios pôde ser o indicio da existência de jazidas exploráveis, dependendo a certeza de que o sejam, de estudos ainda por fazer na certeza de que são úteis e comercialmente procurados.

ALANITA — Encontra-se com certa frequência em Picuí. É um silicato anhidro de alumina, cálcio, ferro e cerio, com lantânio, didimo e manganês, minério epidotífero, contendo terras raras, pôde estar relacionado, como supõe Luciano Jacques de Moraes, com a presença do hélio ali verificada.

BARITINA — Sulfato de bário; tenho, de Picuí, boas amostras desse minério também chamado spath pesado.

O bário, como metal puro, tem aplicações muitas restritas porém, os seus sais naturais têm larga aplicação industrial; os principais são: a) baritina, (sulfato de bário) e a viterita (carbonato de bário). Formam, refinados, um produto inerte, de cor branca, que serve para encorpar papeis, principalmente os calandrados, de superfície esmaltada, como o papel "couché" e certas cartolinas.

Entra na composição de algumas lãcas e de muitas tintas, bem como no preparo de certos tecidos chamados "oleados" e "linóleos"; é também uma das matérias primas do marfim artificial. Na Itália tem aplicação na impermeabilização de certos queijos e, em muitos países, infelizmente, serve para falsificar gêneros alimentícios tais como farinhas finas e açúcar.

ESTIBINA — Sulfato de antimônio, é o melhor minério deste metal. Como é sabido, o antimônio entra na composição de inúmeras ligas com outros metais, entre elas como principais as chamadas ligas "antifrição" ou de "metal patente". Tenho amostras de estibina do município de Areia.

EUCLASIO — Silicato hidratado de alumina e glucínio, ocorre em Picuí.

FERGUSONITA — Niobato de ítrio, em cuja composição se encontra o ácido nióbico com 50% o ítrio, com 40% e 10% de óxidos de cério, ferro e zirconio. Ocorre também em Picuí.

FERRO — Assinala-se a presença de minérios de ferro em diferentes pontos de Estado; nas "barreiras" da costa a limonita é frequente; em Picuí no planalto da Borborêma e além da sua encosta ocidental em municípios do sertão. O oligisto especular é comum também em muitas localidades, e a magnetita existe na serra da Caxêxa (Bananeiras — Cuité), Itatuba (Ingá) na serra Velha, em Campina Grande na serra do Bodopitá, reaparece no planalto da Borborêma em Cabaceiras, Monteiro e Taperoá. Tenho também amostras desses minérios coligidas por mim em Brejo do Cruz e Catolé do Rocha.

GALENA — Sulfeto de chumbo com prata; ocorre nos municípios de Itabaiana e Antenor Navarro.

GRANADAS — São abundantes em Picuí e Joazeiro. As almandinas, lapidáveis, raras até o momento.

OCRES — Óxidos de ferro com argila; o amarelo, o vermelho em diversas tonalidades e a variedade denominada "roxo-rei", são comuns no litoral, nas encostas oriental e ocidental da Borborêma, em vários pontos do planalto e no sertão.

PIRITA — Bisulfeto de ferro, ou pirita marcial. Utilizada na fabricação do ácido sulfurico, produto químico de grande consumo e indispensável na indústria bélica. Encontra-se desde o litoral até o sertão.

QUARTZO — Silica anhidra; tem sido encontrado em Joazeiro e Picuí; hialino em pequena quantidade, róseo abundante; também aparece o defumado. Encontram-se calcedonias ágatas e jaspe em Cuité e Picuí.

SALITRE — Azotato de potassa. Consta que o ha na região da serra do Calabouço nos limites com o Rio Grande do Norte.

TALCO — Hidro-silicato de magnesia com ferro e alumina; ocorre em Picuí e, parece, em outros municípios, bem como a variedade compacta denominada esteatita, comumente "pedra olar" ou "pedra sabão". O talco tem aplicação na farmacologia, e serve, misturado com matérias graxas como lubrificante. A esteatita é utilizada na manufatura de inúmeros utensílios e do giz de alfaiate.

São de esteatita ou "pedra sabão" as esculturas ornamentais de muitos templos antigos em Minas Gerais.

TURMALINAS — Pedras semi-preciosas; encontram-se em diversas localidades, de cor verde e rosa, raras como pedras lapidáveis, e de cor negra, abundantes; estas porém totalmente sem valor, porquanto a turmalina negra não tem emprego nem utilidade conhecida, apesar de ter sido citada tantas vezes como preciosidade minerarológica na Paraíba.

VANADIO — A existência deste metal não tinha sido ainda assinalada na Paraíba; foi verificada agora num minério novo associado ao bismuto, com prata e níquel. Esse minério ocorre no município de Santa Luzia, com regular abundância e perfeitamente caracterizado.

Para êle propuz o nome de "Moraesita" em homenagem ao geólogo Luciano Jacques de Moraes, um dos primeiros desbravadores da geologia dessa região.

ÁGUAS MINERAIS

Ha, na Paraíba, diversas fontes de águas minerais. Produtos geológicos de grande importancia tanto social como econômica, devem merecer quanto antes um minucioso estudo para o seu aproveitamento imediato tendo em conta as aplicações cada vez mais generalizadas das águas minerais em terapêutica.

Entre as águas minerais da Paraíba, a da fonte "Santa Rita", cloro-bicarbonatada próxima da capital, é a única que se acha em exploração sob o ponto de vista industrial.

No município de Monteiro ha uma fonte, magnesiãna, segundo dizem excelente. No de Antenor Navarro, as fontes termais e radio-ativas do Brejo das Feiras e também outra fonte magnesiãna.

Ha outras fontes de águas minerais em diversas regiões do Estado: sôbre elas não ha estudos feitos ou pelo menos divulgados, faltando até a análise dos seus componentes mineralizadores.

Em trabalho a ser publicado em separado, dentro de breve tempo, serão enumeradas, referida a sua composição e apreciadas as possibilidades do seu aproveitamento.

A educação cívica visa a formação da consciência patriótica. Deverá ser criado no espírito das crianças e dos jovens o sentimento de que a cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da pátria e de que é dever de cada um consagrar-se ao seu serviço com o maior esforço e dedicação.

O PROFESSOR PRIMÁRIO DAS ZONAS RURAIS:

FORMAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO, REMUNERAÇÃO E ASSISTÊNCIA

Prof. AMERICA MONTEIRO DE ARAÚJO

Atendendo ao honroso convite das autoridades de ensino no Estado, defendo esta tese de formação, aperfeiçoamento, remuneração e assistência do professor que se dispõe a fazer a educação essencial ao habitante das zonas rurais do país e destinada ao VIII Congresso Brasileiro de Educação, a ser realizado em Goiania, linda e nova cidade, capital de uma das mais promissoras unidades da federação. Cedi, assim, á sedução de dirigir a minha pá-lida e apagada palavra a uma pleiade de mestres abalizados nos assuntos desse eminente certame como se presente estivesse e fruisse a felicidade de cavaquear sobre temas que representam as ansiedades da nação. Já é tempo de deixar de lado as fantasias e discursos de homens de talento, quando se trata de interesses da coletividade. Já alguém disse muito acertadamente, que "menos retórica e mais sinceridade, são os remédios aos nossos males".

A formação do nosso mestre-escola tem sido problema de estudo de todos os governos desde o 2.º império. Em decreto de 19 de abril de 1879, era criada a 1.ª Escola Normal na Capital do país e logo um ano depois era instalada, na administração do ministro Francisco Maria Sodré Pereira. Não é demais chegar a 1858 com o governo que Henrique Beaurepaire Rohan fez na Província da Paraíba, o qual dizia em documento público de Mensagem de Governo — "não compreender a instrução sómente de letras, queria uma educação integral que tornasse o homem capaz de vencer as vicissitudes da vida". E propunha o ensino que hoje constitui o grande empenho dos educadores modernos. "Criação do ensino rural e de Escolas Industriais". Não tenhamos a presunção de dizer que nada se haja feito através esse período de mais de um século de trabalhos, mas que haja sido feito com acerto, nem que seja sempre possível acertar da 1.ª ou 2.ª vez em empreendimento de tamanho vulto social, humano, moral e econômico, a situação atual da nação, (pobre, orientada para o emprêgo público, em detrimento do campo ao abandono, precisando do imigrante estrangeiro para o cultivo de suas terras, a leva sempre crescente de moços, pelos cafés, aguardando colocação ou queixando-se dos pe-

quenos ordenados ou da orientação do governo ás instituições políticas e sociais) são provas provadas de que o país precisa rever o seu sistema educacional, começando por preparar suficientemente o mestre e escolhê-lo no próprio habitat, já que é quasi impossível adaptar o cidadão engravatado ás lides simples e vãs da vida campezina. Não sei se já me distancio demais passando em branca nuvem, sôbre a época em que o habitante do campo nada merecia da parte dos governantes, mas o passado, quando não tem saudades a deixar, nunca deve voltar ao domínio conciente.

Analisando o texto original de Rui Barbosa que afirma ser o "deficit", resultado de um abalo profundamente renovador nas fontes espontaneas da produção, e, esta um] efeito da inteligência e que está por tóda a superficie do glóbo, na razão diréta da educação popular" — chegamos á conclusãode que a escola que procure educar o homem para o trabalho, para ser eficiente no que se propuzer fazer em seu benefício, em pról de sua manutenção e da família, adaptando-se ainda, ao meio onde vive, tem-se conseguido desenvolver com] grandes eficiências as possibilidades específicas da região. Todos os povos buscam á porfía o seu engrandecimento econômico através a escola, por meio de suas organizações de ensino. O Brasil que tem sua principal base econômica na Agricultura, pondo de parte as escolas superiores de Agronomia, algumas com cursos médios, formadoras de técnicos agrícolas, 3 de formação profissional de professores primários rurais, 2, no Estado do Ceará, em Joazeiro e Limoeiro e, uma em Feira de Santana, na Baía e uma Complementar de formação de técnicos e donas de casa em Espírito Santo do Pinhal, em S. Paulo, o que nada significa dentro dêsse colosso geográfico, tudo está por fazer.

Para justificar esta nossa afirmativa tomemos as palavras proféticas de Oliveira Viana, mestre que é de sociologia em nossos tempos: "O urbanismo, flagelo da civilização, uma das maiores causas do desequilibrio econômico das populações, fator da miséria que leva ao crime e aos delitos sociais, ás revoluções, á anarquia, precisa ser resolvido no Brasil. Criar cidades com milhões de habitantes é fomentar as desgraças das populações, atirando-as á luta insana e ao trabalho mal remunerado; é afogá-las no ambiente físico deletério da atmosfera viciada, e no ambiente espiritual horroroso da depravação, é jogar o homem contra o homem, como inimigos irreconciliáveis, mercê da concorrência fatal e tremenda; é contrastar o rico e o pobre, o andrajo e a seda, a fome e as joias, o porão imundo e o palácio luminoso; o trabalho pesado e o ócio que afronta; a honra e a prostituição, tudo ombro a ombro, nas avenidas, nos jardins, nas ruas, nos próprios templos religiosos".

O único meio de combater passivamente tamanha calamidade social é fazer a formação do mestre escola rural, em ambiente propício a poder amar a sua escola primária do campo, desenvolvê-la em tóda plenitude de sua extensão, ser amigo enfim do homem do campo, de seu lar, de sua próle, que é a célula mater da nacionalidade.

O homem brasileiro deverá ser um só e merecer cuidados iguais da parte do governo do país. Não podemos nem queremos diferenciar o caboclo impaludado da região encharcada do Amazonas, do jeca pequenino e infezado da região ressequida do Nordéste, do imigrante assimilado dos Estados do Sul, do gaúcho aventureiro e livre dos pampas, nem tão pouco do

carrioca "danding" das calçadas da Avenida do Rio de Janeiro, porque todos eles são brasileiríssimos na fusão do calor abençoado da terra americana que se tornou o Brasil. O problema é um só: fixar o homem por todo esse território, dando-lhe, onde quer que paire, os meios de substancia, e conforto a que tem direito, a civilização enfim. Isto será conseguido, dando-se-lhe a "Escola Regional", onde serão estudados os problemas locais, onde seja orientado o homem para o trabalho eficiente, por uma preparação que envolva a educação física, intelectual, moral, religiosa e profissional, escola que será núcleo da vida econômica e social da região.

Não procuremos iludir-nos, essas escolas não serão de pouco custo. Elas não poderão prescindir de oficinas, onde o cérebro dirija e as mãos executem, de campos de experimentação á agricultura e zootecnia, do salão hospital e do ambulatório médico, onde a defesa da saúde seja problema da maior relevancia. Tudo que proporcionarmos a esse homem que mora no campo e que sonha com a cidade e os seus encantos e que é extraordinário conjunto de energias brasileiras, que o sol das estiagens enrijou, a febre palustre calcinou ou o calor do trópico estiolou, nada representará se não o aparelharmos de conhecimentos que melhorem os seus processos de trabalho, o que demandará de certo, um reflexo bonançoso que incidirá diretamente na fortuna pública.

**

Muitos tem sido os tipos de escolas apresentados para o caso em aprêço; poderemos citar o do prof. Sud Mennucci, quando Diretor do Ensino em S. Paulo e que se acha em seu livro "A Crise Brasileira da Educação", um da S. A. A. T., fundamentado em experiências de grandes mestres e em nível científico bem mais elevado e não acessível aos Estados do pequeno orçamento, o já posto em prática pela E. N. R. de Joazeiro, que vem dando bons frutos e que muito se aproxima do 1.º, um que o Prof. Manuel Florentino da Silva apresentou em detalhes ligeiros ao IV Congresso Brasileiro de Educação do Ceará, o qual mais se aproxima ao que ora vos exponho á apreciação e que se fundamenta na experiência de uma menina vivida no alto sertão nordestino, em um tirocínio de professora primária há 25 anos e em conhecimento de visu do hinterland brasileiro do Norte ao Sul do país.

Ponto básico e essencial ao êxito de tamanho empreendimento é a escolha dos candidatos ao Curso que deverá obedecer á classificação por testes vocacionais. 50 % dos prejuizos por falta de eficiência escolar correm por conta de pouca vocação do mestre, o que equivale dizer falta de entusiasmo no executar a mais terna, santa e util de todas as tarefas, levar a luz do saber, do melhor viver e do melhor defender-se das inclimências desta sociedade que o homem formou com força de polícia em vez de fundamentá-la nas experiências biológicas e psicológicas da espécie.

Aconselhar um programa é sempre difícil. Certamente não deverá haver um e sim vários de acôrdo com as necessidades de cada Estado de cada zona de produção etc. Mas em linhas gerais uma escola de 3 anos de Curso Propedêutico, ou preparatório encaminhado e 2 anos Técnicos, já dá suficiente para uma preparação de professor primário.

Ao Curso Propedêutico demos uma organização singela, exigindo do candidato apenas, preparação segura na língua materna — Português, Ma-

GEOGRAFIA

O preparo em geografia deverá ser mais prático que teórico — salientando as questões relativas à Geografia Humana. A Cartografia será levada pelo professor de Geografia às aulas de desenho e o estudo da Corografia do Brasil deverá sobrepujar ao das demais partes do mundo.

CIÊNCIAS NATURAIS

No programa das Ciências Naturais estará enquadrado o estudo da Física, da Química e da História Natural, isto feito gradativamente, sem que o aluno sinta o aprofundar-se no conhecimento dessas ciências tão áridas para quem faz um curso propedêutico.

ARTES E OFÍCIOS

Este curso deve começar com o fabrico de brinquedos simples e pequenas peças de utilidade para o aluno, habituando-o para depois trabalhar por conta própria. As artes domésticas peculiares a cada região devem ser estudadas cuidadosamente, estilizadas e racionadas, de forma que, possam constituir fonte de renda para as famílias pobres. Os trabalhos de horta, leiteria, sirgaria, criação de animais domésticos, já devem entrar neste programa como preparação ao Curso Técnico.

EDUCAÇÃO SANITÁRIA

Este programa conterà o estudo da higiene principalmente, a infantil e a rural, da puericultura e da profilaxia das moléstias da região. A alimentação mais adequada ao habitante da zona deverá merecer a maior atenção.

HISTÓRIA DA HUMANIDADE

O estudo da história visará o conhecimento do progresso da humanidade e não o relato de guerras que a têm humilhado e depreciado.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Durante o curso, o mestre procurará comentar o assunto de modo a dar aos futuros professores um conhecimento geral dos problemas educacionais através às idades históricas.

FRANCÊS, INGLÊS OU ESPANHOL

Pequeno lugar caberá no programa ao estudo de línguas estrangeiras. Ao mestre primário deverá interessar conhecer e muito bem é a língua materna.

AGRICULTURA

Ao mestre que se destina à zona rural são indispensáveis conhecimentos de jardinagem, horticultura, pomicultura, silvicultura etc. O ensino dessa matéria deverá ser confiado a agrônomos especializados e que tenham pendor pedagógico.

ZOOTECNIA

Conhecimentos de zootecnia elementar são indispensáveis ao professor que se destina à escola primária rural. Pelo menos um Clube de atividades rurais, deverá funcionar anexo como instituição auxiliar do ensino. Este programa também deverá ser entregue a agrônomos especializados.

PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO

Ao professor, qualquer que seja a sua especialização técnica é indispensável o conhecimento psicológico do aluno, motivo pelo qual é esta matéria hoje enfeixada em todos os programas pedagógicos.

PRÁTICA DO ENSINO

A metodologia de todas as disciplinas do curso primário é o encéfalo do organismo de uma Escola que se destina a formar professores. Esta matéria deverá merecer toda atenção para que não se queira trazer para a prática de uma escola da roça a complicação de métodos e processos das metodologias de escolas de elite.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Diariamente a 1.^a hora escolar será reservada para educação física e esportes, a-fim-de que se crie na mocidade o hábito dos exercícios físicos quotidianos.

PEQUENAS INDÚSTRIAS

Esta disciplina de caráter inteiramente prático, visa preparar o aluno por meio de trabalhos manuais, a fazer de fato a preparação de um vinagre, um licor, um sabão, um óleo etc.

MÚSICA

Já está tão provado que a música dá uma boa dose de otimismo ao espírito, acelera o entusiasmo do moço e aperfeiçoa o sentimento artístico, que um programa de preparação de mestres não poderá prescindir de sua colaboração.

DESENHO

Desenho em todas as modalidades, quer ornamental ou técnica, é hoje, em face da escola nova, o pivô em torno do qual giram as demonstrações gráficas de todo o trabalho escolar.

CONCLUSÕES

Não me caberia alvitrar a êsse luzido Congresso que todas as Escolas Normais do país, situadas em zonas rurais fôssem abruptamente transformadas em escolas como a que acabo de sugerir. Mas considerando que o mal causado ao habitante de hinterland brasileiro pela Escola tipo livrésco e literário é imenso, proporia, como resposta á indagação da tése.

a) que nenhum Estado da Federação consentisse jamais equiparar Colégios ou Escolas que não visem preparar o mestre para assumir a responsabilidade de ensinar de preferência ao individuo a trabalhar, defender sua saúde e alimentar-se racionalmente e que as existentes atualmente, sejam obrigadas a incluir em seus programas cadeiras de Agricultura, Zootecnia, Artes e Ofícios e Pequenas Indústrias;

b) que cada Estado instale pelo menos uma destas escolas para servir de modelo ou que estabeleça subvenção para os particulares que se proponham instalá-las;

c) que seja feita por parte do Estado a necessária fiscalização das Escolas Normais livres, tal qual se faz nos Ginásios, para que a formação cultural e pedagógica do professor primário não ofereça dúvida quanto á sua eficiência;

d) que o professor que se destine a ensinar em localidades distantes das capitais e grandes cidades do país receba da parte dos responsáveis pelo ensino estímulo moral e maior assistência material, até que as futuras Escolas Normais Rurais, situadas em locais apropriados venham a formar professores filhos das mesmas zonas rurais.

A educação cívica visa a formação da consciência patriótica. Deverá ser criado no espírito das crianças e dos jovens o sentimento de que a cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da pátria e de que é dever de cada um consagrar-se ao seu serviço com o maior esforço e dedicação.

EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

MÉTODO PRÁTICO PARA A REALIZAÇÃO DAS LIÇÕES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Organização da Superintendência de Educação Física do Estado.

Destina-se a presente série de lições dramatizadas, orientadas pelo método oficial de Educação Física (Regulamento n.º 7, de 1937, 1.ª parte), à criança cuja idade se enquadre no 1.º e 2.º graus do ciclo elementar, de acôrdo com a própria classificação do método, isto é, de 4 a 6 anos (1.º grau) e de 6 a 9 (2.º grau).

A Educação Física nos dois primeiros graus do ciclo elementar não visa um desenvolvimento sistemático dos musculos, mas procura um objetivo, mais importante, que é o de promover a eficiência das grandes funções, e, particularmente, da respiração por meio de exercícios adequados e atraentes.

Para isso o professor organiza as aulas, lançando mão de artifícios que respondam as atividades infantis, procurando utilizar-se da sua tendência natural de imitar tudo quanto lhe desperte interesse. Interessa à criança tudo o que pertence ao seu ambiente e com o qual ela tem um trato direto e constante, como sejam, pessoas, animais domesticos, objetos etc. que ligados por meio de uma história, animam-se como cousas e cenas realmente sentidas e vividas.

Nessa história o professor introduzirá os exercícios preconizados pelo método, seguindo as regras por ele estabelecidas para a organização de uma aula racional de Educação Física.

O trabalho da criança consiste em imitar os movimentos que o professor irá executando, enquanto lhe vai contando a história.

A alegria que a criança sente em reviver os fatos contados, o entusiasmo com que se integra nas personagens da história, por si só proporcionam excelentes resultados.

As aulas dramatizadas servem também para se ministrar à criança lições de cousas, cujos assuntos oferecem margem à dramatização.

1.ª LIÇÃO

Idade: — 4 a 6 anos	(Sessão preparatória — Reduzida
Duração — 15 a 20	(Lição propriamente dita — E-
(Regime da lição)	
Local — Pateo da escola	(ducação 7 famílias.
Processo: — Dramatização.	(Volta a calma — Normal.

SESSÃO PREPARATÓRIA — 3

Evolução — Marcha em serpentina. (n.º 20).

Roda — Ciranda, cirandinha.

FLEXIONAMENTOS:

- a) — braços — Elevação dos braços á frente e afastamento para trás.
Ritimo: 15 movimentos completos por minuto. Repetição 10. (n.º 48).
- b) — pernas — Elevação do joelho e extensão da perna para frente.
Ritimo: 2 m. c, Rep. 3 (n.º 59).
- c) — tronco — Afastamento lateral: inclinação lateral do tronco. Rot. 5, Rep. 5 (n.º 69).
- d) — cax. torácica — O foguete — Rep. 3 a 5 vezes, (n.º 99).

LIÇÃO PROPRIAMENTE DITA — 10

- Marchar — O pato (exercício mimico) — (n.º 114).
- Trepar — O carangueijo (exercício mimico) — (n.º 135).
- Saltar — O sapo (exercício mimico).
- Levantar e transportar — Os remadores (exercícios mimico) — (n.º 242).
- Correr — Corrida de 30 a 40 metros.
- Lançar — O moinho de vento (exercício mimico) — (n.º 300).
- Atacar e defender-se — A briga de gatos (pequeno jogo).

VOLTA A' CALMA — 2

- a) — Marcha lenta com exercício respiratórios.
- b) Marcha com canto ou assobio, e
- c) — Exercício de ordem.

PROCESSO DE INSTRUÇÃO

(Em forma de história)

Vamos fazer um passeio no sítio do tio de Joázinho; lá, vocês encontrarão o tio Joaquim e seu filhos que ficarão muito alegres com esta visita. Iremos ver as suas plantações, sendo necessário andar por caminhos cheio de curvas (evolução); teremos que afastar os galhos dos arbustos para facilitar a nossa passagem (flexionamento dos braços); e, muitas vezes levantar e estender as pernas para atravessar as arvores caídas sôbre o caminho (fle-

ção e extensão das pernas). Chegamos na praia do Jacaré, onde mora o tio Joaquim, aqui, o vento com muita força e os coqueiros balançam para um lado e para outro (flexão lateral do tronco).

Fomos surpreendidos pelo silvo dos foguetes e os estouros das bombas, soltadas pelo tio de Joãozinho para recepcionar a nossa visita (exercício respiratório).

LIÇÃO PROPRIAMENTE DITA — 10, 5 a 14

Marchar — O Joãozinho veio convidar os seus visitantes para ver os patinhos andando um atrás do outro (as crianças, flexionam as pernas, colocando as mãos sobre os joelhos e procuram imitar o andar dos patos);

Trepar — O tio Joaquim levou os meninos para ver a maré, iamos andando mais adiante encontramos uns carangueijos caminhando sobre a areia (as crianças apoiam as mãos no chão e se deslocam lateralmente imitando o andar desses crustáceos).

Saltar — Passavam próximo a uma moita, quando saiu um sapo saltando (as crianças imitam);

Levantar e transportar — Lá na margem do rio havia canôa amarrada, tio Joaquim entrou e depois todos entraram e começaram a remar (os alunos, sentam com as pernas afastadas, aproximam-se, colocam as mãos sobre as espaduas do que se acha á frente e depois, estendem e flexionam o tronco imitando os remadores);

Correr — Quando atravessaram para o outro lado do rio, o céu foi escurecendo; vinha uma chuva muito forte, tio Joaquim e as crianças correram e foram se amparar em baixo do moinho;

Lançar — Estava ventando e as asas do moinho começaram a girar assim: (os meninos colocados em linha ou em círculo executam uma circundação alternada dos braços da frente para trás, depois de trás para frente, imitando o girar das asas do moinho);

Atacar e defender-se — Logo que passou a chuva e eles iam voltando para casa no caminho encontraram dois galos brigando (as crianças de cores formadas em duas fileiras, com afrente uma para a outra, e os braços estendidos á frente. Ao sinal de "começar" — dado pelo professor, os meninos lançam-se uns contra os outros, procurando por uma repulsão dos braços afastar o companheiro do lugar em que se encontra).

VOLTA A CALMA — 2

Nisto a tia Julia apareceu na porta da casa e chamou-os para o almoço. Joãozinho convidou os amiguinhos para colher flôres, a fim de levá-las á tia Julia. As flores estavam tão cheirosas que eles não se cansavam de cheirá-las (exercício respiratório). Em seguida Joãozinho colocou os pequenos em fila e assumiu o comando, pôz-se á frente de seus soldados. Marchando e cantando entraram todos na sala de refeições (marcha com canto). Joãozinho mandou fazer o "alto"; depois "esquerda volver" passos á frente á retaguarda, á direita, á esquerda". Por fim, erguendo-se na ponta dos pés gritou: todos!..... ao almoço, "marcha"! (exercício de ordem e fóra de forma).

DESCRIÇÃO DOS EXERCÍCIOS DA SESSÃO PREPARATÓRIA

N.º 20 — Os alunos formados em coluna por um, seguem o chefe da fila descrevendo linhas sinuosas, semelhantes ao deslocamento da cobra.

N.º 48 — Elevar até á horizontal os braços estendidos pela frente do corpo (plano antero-posterior), afastá-los lateralmente para trás conservando as mãos sempre á altura das espáduas, voltar á posição de partida.

Erros a evitar: — Levar bruscamente os braços para trás, ao mesmo tempo que a cabeça se inclina para frente. Levar insuficientemente os braços para atrás durante o abaixamento.

N.º 59 — Elevar o joelho o mais alto possível para frente, pé em flexão; estender a perna e o pé á frente, depois tornar á posição de partida.

N.º 69 — Inclinar o mais possível a cabeça e o tronco á esquerda, voltar ao ponto de partida e sem parar, executar o mesmo movimento á direita.

N.º 99 — Os alunos também a partida e do trajeto aéreo do foguete, imitam soltá-lo levando a mão de baixo para cima num movimento continuo, fazendo a seguir uma expiração barulhenta fingindo o silvo do foguete.

As. ALUISIO XAVIER

Superintendente,

O PROBLEMA DA DISCIPLINA

Prof. JOSÉ BENEDITO SALGADO

De duas maneiras pôde o professor disciplinar a sua classe: pela violência, aplicando á larga os castigos físicos ou deprimentes; e pela persuasão, levando os alunos a bem se portarem, pelo gôsto de estudar, ou pela estima que votam ao professor (sem querer porém dizer, com isso, que eles se transformem em estátuas).

No primeiro processo, talvez o mais fácil para o professor, a classe conserva-se muda de medo das unhas ou das taponas do mestre. E' uma disciplina férrea e fitícia. O processo falseia o desenvolvimento da personalidade da criança, automatizando-a. Dá, em consequência alunos tímidos ou inteiramente revoltados, e que fóra da presença do mestre se desabafam com colégas, relatando-lhes as suas desditas. Plasma-lhes o caráter num ambiente de revolta, tornando-os quiçá, futuramente, elementos rebeldes na sociedade, candidatos ás suas duras sanções. Vezes sem conta explodem, após muitos vexames, como torrentes que rompem o dique tornando-se catadupas, ou como boiadas que estouram desenfreadamente. Nêsse momento, na sua cegueira, passariam de agredidos a agressores, originando uma situação desagradabilíssima para todos, em geral, e para o professor, em particular.

E', pois, contraproducente e portanto condenável êste processo, felizmente abandonado pela nova escola... Atenta contra os próprios sentimentos de humanidade, e é contrário á legislação escolar.

O segundo processo é de difficil applicação e exige certa dôse de intelligência. E' necessário paciência, limitada pelo bom senso, para que não descambe a classe para a anarquia. Exige perseverança e conhecimento sufficientes da psicologia infantil, que garantam um estudo rápido e preciso dos diferentes caracteres constitutivos da classe. Para advertir êste, basta um leve sinal com o lapis na mēsa ou carteira (nunca violentas batidas com a régua); para aquêlê será necessário proferir-lhe o nome (sem gritos ou esbravejamentos); para aquêlê outro bastará uma pausa na explicação, de maneira que o silêncio do mestre o chame á realidade. Dir-se-á que é difficil. Mas é justamente na difficuldade que está o valôr da vitória. Se a missão hodierna do professor não é precipuamente ensinar, mas educar, procedamos com tacto para não desvirtuarmos essa alta finalidade. Os gritos, as pragas, as violências físicas não educam. Atordoam a criança, embotam-lhe a sensibilidade, abastardam-lhe a intelligência. Vêmos quotidianamente exemplos disso: crianças que não aprendem, abobalhadas, por se-

rem sistematicamente espancadas pelos pais, os quais, às mais das vezes, confessam ingenuamente ao professor ignorar porque o filho é tão daninho, pois se apanha de chicote quasi todos os dias, até ficar largado! Santa ignorancia!...

Complexa, sem dúvida é a questão da disciplina. Muito embora não haja regras aritméticas para a solução do problema, particularizemos o seu estudo em alguns itens que poderão ser de utilidade.

1.º) — PRIMEIROS DIAS DE AULA: — Esta é a fase em que mais deve o mestre cuidar da disciplina, e da qual depende o bom êxito de sua missão. E, em geral, é quando êle se descuida: passa horas a encapar e rotular cadernos, a escriturar livros, etc., enquanto a classe, num "dulce far niente" interminável, começa a tagarelar e os traquinas a peraltear, pois "a atividade é uma lei da meninice". Ora, se o hábito é uma segunda natureza, forçoso será que, dèsde logo, se procure despertar no aluno o hábito da disciplina. Deve, pois, o mestre consciencioso, bem aproveitar os primeiros dias de aula. O trabalho que tiver nessa ocasião lhe há de render ótimos frutos por todo o resto do ano.

2.º) — APLICAÇÃO DE SANÇÕES: — Professores há que logo no início do ano letivo, se põem a ameaçar seus alunos de os botar fóra da aula, e mesmo de suspendê-los. Essa afoiteza é contraproducente: esgota rapidamente o que deve ser usado homeopaticamente... Não deve, também ameaçar, por exemplo, de jogar pela janela o aluno que repetir a graça, porque êste pôde repeti-la, e o professor não poderá executar a sua inexequível promessa.

Deve sim, evitar que o aluno se habitue a ouvir gritos e improperios, que só podem ridicularizar quem os profere. Como já se disse, umas simples batidas com um lápis na mēsa ou carteira, advertirão os alunos que estiverem palestrando; uma breve pausa na explicação ou na leitura, indicará que alguém está perturbando os trabalhos. E êsse alguém por si mesmo, acomodar-se-á, sem necessidade de barulho. Professores há que a todo o momento interrompem a aula para ralhar com êste ou com aquêle: — A água é um corpo líquido... (João, sente-se e cruze os braços!) Ela toma a fôrma... (Paulo, cale a bôca). E' simplesmente jocoso e deplorável. O resultado é que ao fim de tudo os alunos saem a afirmar que a régua é um liquido, e que a água é um corpo sólido.

3.º) — AS PEQUENAS OCORRENCIAS: — Desapareceu um lápis ou canēta. Verificada a procedência da queixa, (pois pôde o objéto estar no interior da carteira) deve-se proceder a uma rápida sindicancia na classe. Se se conseguir descobrir o autor da brincadeira aparentemente inocente, melhor. Se não, servirá, ao menos, a providência, para fazê-lo passar por um pequeno mas desagradável susto, cuja repetição por certo não desejará. O professor que fizer vistas largas a êsses fatos, experimentará muitos dissabores, pois os abusos irão aumentando quantitativa e qualitativamente.

4.º) — RIR COM A CLASSE: — Importante, isto. A classe deve ter os seus momentos de sadio bom humor. E' indispensável que o mestre, de quando em vez, lhe conte alguma passagem humoristica, permitindo-lhe

rir, sem contudo anarquizar. Rirá, mesmo com ela, devendo, porém, fazer-se silêncio a um simples pedido seu.

No início do ano letivo leia, ou melhor, conte a seus discípulos histórias interessantes, entremeiando com elas as primeiras aulas, principalmente quando notar certo desinteresse, sem abusar contudo do processo. Em lugar de admoestar, peça-lhes, querendo, que façam silêncio para ouvir uma bonita história, e todos ficam como que automaticamente atentos habituando-se insensivelmente á disciplina, á ordem que necessariamente deve reinar em uma escola. Se essas histórias tiverem fundo moral ou cívico, constituirão ademais, belas lições de uma matéria bastante descurada por certos mestres: a Instrução Moral e Cívica.

5.º) — **NAO PERDER A CLASSE DE VISTA:** — Ter-lhe sempre em cima os olhos. Poderá parecer difícil, mas não o é. Não abstrair-se dela ao escrever-lhe a tarefa no quadro negro, sob pena de saírem silenciosos cachações e sopapos entre certos alunos ou voarem bolinhas de papel pela sala, de norte a sul. E prepare-se para ouvir depois as queixas: — “Fulano me sentou com a régua na cabeça, “fessô”... E o pobre professor se lamenta: — “Vocês são um bando de malcreados... Nem se pôde escrever as sentenças para a caligrafia! Classe ruim...” E, no entanto, de quem será a culpa?

6.º) — **EVITAR O RIDICULO PERANTE A CLASSE:** — Prevenir-se contra constantes “pois sim” ou “não é” muito comuns, ou contra certos gestos e trejeitos. Não é demais também ter cuidado com a pronúncia do “r” e do “l”...

Qualquer dessas cousas pôde comprometer a natural reverência que o professor deve inspirar aos seus discípulos. E a êle cumpre prevenir-se contra tudo aquilo que, de qualquer maneira pôssa atentar contra o seu prestígio na escola.

CENTRO DE INTERESSE: A BANDEIRA

Profa. LUIZA GONZAGA DE NORONHA

Dissertação à Bandeira pelo aluno do 5.º ano, Linduarte Noronha, com 12 anos

DITADO

A nossa Bandeira foi criada após quatro dias da proclamação da República. Ela mantém a tradição das antigas cores verde e amarelo, dispostas em formas diferentes, contendo cada uma a sua significação.

O verde está disposto em forma retangular e o amarelo em forma de um losango. Aquele representa as nossas matas verdejantes, a nossa flóra, a nossa riqueza vegetal e éste, o ouro que existe em nosso solo e os outros minerais. No centro do losango há uma esfera azul representando o nosso céu, sempre tão lindo e tão azul. Atravessa esta esfera uma faixa branca, com a legenda — “Ordem e Progresso” — A esfera azul é ponteadada por 21 estrélas que representam os Estados e o Distrito Federal do nosso amado Brasil. O branco da faixa simbólica a pureza dos ideais brasileiros e a legenda “Ordem e Progresso”, a aspiração do povo.

O Território do Acre não está representado na Bandeira porque quando esta foi adotada ainda aquela região não pertencia ao Brasil.

Nota: *Sublinhar os pronomes pessoais.*

Discurso proferido por Cecília Aquilina, aluna do 5.º ano, com 13 anos de idade

CÓPIA

A Bandeira Nacional é a mais linda de todas. Não acham? Ela é o símbolo mais perfeito do nosso querido Brasil. Devemos amá-la de todo coração.

As suas cores são lindas e significativas. Sinto orgulho quando falo ou ouço falar na Bandeira. Dou a vida pela minha amada Bandeira.

Amemos e respeitemos a Bandeira como se fôsse a nossa própria mãe.

Viva a nossa Bandeira! Viva o nosso grande e rico Brasil!

Nota: *Sublinhar as preposições.*

POESIA — LEITURA

O! minha linda bandeira
Tão querida e tão amada
Surgindo sempre altaneira
E por Deus abençoada!

Tuas côres representam
A riqueza do Brasil
Sem elas não resplandeces
Neste céu da côr de anil.

E's por todos os teus filhos
Estimada e estremecida
E desde o pequeno ao grande
Tu és por todos querida.

Digo ao ver-te desfraldada
Enfim ó! linda bandeira:
— E's gloria da Pátria amada
— E's nune da pátria inteira!

*Pensamento acêrca da Bandeira, aproveitado para análise, tirado do caderno
de Luizinha de França Lemios, aluna do 4.º ano*

ANÁLISE LÉXICA

A Bandeira jámais deve cair em mãos dos inimigos

EXERCÍCIO

Completar as seguintes frases, colocando o predicado competente.
A presença da Bandeira em campanha... a Pátria pela qual nos batemos.

Respeitar e prestigiar a Bandeira... um dever imperioso de todos os brasileiros.

A Bandeira... a imagem refletida do nosso Brasil.

As côres da nossa Bandeira, quando em batalha... energia aos combatentes.

Poucos países... a honra de possuir Bandeira tão linda como a nossa.

Carta feita por Stabili, aluna do 5.º ano, com 11 anos de idade, censurando uma das suas colegas, porque foi irreverente para com a Bandeira.

Escola Coronel Mário Barbêdo, 5 de maio de 1942.

Querida X.

Não imaginas como fiquei triste com o modo de te portares diante da Bandeira.

Na formatura do dia 19 de abril, dia da "Juventude Brasileira", foste demasiadamente irreverente para com a Bandeira, no momento em que todos ficaram de pé, prestando culto à mesma, e somente tu ficaste sentada. E's brasileira? Não me parece. Ficaste mal vista por todos. Toda a multidão ficou te censurando e prorrompeu um grito: aquela menina não é patriota e vamos expulsá-la do Brasil. Ao ouvir este grito, fiquei como petrificada, vendo que se tratava de ti, uma das minhas melhores amigas, uma ótima colega e uma forte patriota.

Reflete bem. Ama e venera a tua Querida Bandeira. Ela é o retrato do Brasil. Ela é o símbolo da nossa Pátria.

Eu, como tua amiga, não podia deixar de ti repreender e de te fazer vêr que a Bandeira é tudo para nós brasileiros.

Conforma-te com o conselho que te é dado com justiça (Ficção).

Nota — Passar esta carta para a 3.^a pessoa.

Vocabulário das dissertações:

Após, tradição, mantém, legenda, tipo, símbolo, solo e simboliza.

Gramática

O aluno deve escrever 23 adjetivos aplicáveis à Bandeira.

Nacional, linda, rica, bonita, grande, principal, resplandecente, fulgurante, bela brilhante amada, querida, adorada, idolatrada, homenageada, estimada, considerada, venerada, bendita, abençoada, rica e idolatrada.

Verbos

Conjugação de verbos referentes à Bandeira, sendo um para cada dia.

Hastear, levantar, homenagear, respeitar, admirar, descobrir, honrar, venerar, prestigiar, amar, levantar, saudar, etc.

Aritmética

PROBLEMAS

1.º — O Diretor do Departamento de Educação comprou 15 dúzias de Bandeira para distribuir com os Grupos Escolares e as Escolas isoladas. Depois de oferecer 49 aos Grupos Escolares e 25 às escolas isoladas, quanto gastou êle, sabendo-se que cada Bandeira custou 150\$000? Quantas Bandeiras êle tem ainda?

2.º — Para a Professora da Escola Cel. Barbêdo fazer uma Bandeira comprou $\frac{4}{5}$ de casemira verde, $\frac{2}{6}$ de casemira amarela, $\frac{1}{5}$ de casemira azul e $\frac{1}{3}$ de casemira branca. Quanto ela gastou sabendo-se que a casemira custou 30\$000 o metro?

3.º — Os meninos da Escola Cel. Barbêdo, na aula de trabalhos manuais, confeccionaram uma linda Bandeira. Para fazê-la tiveram que comprar 1m,2 de seda verde a 20\$000 o metro; 0m,16 de seda amarela a 16\$000

o metro; 0m,8 de seda azul a 24\$000 o metro e 0m,20 de seda branca a 16\$000 o metro; Que quantia eles desembolsaram se o caixeiro fez-lhes um abatimento de 10\$000? Quantos metros êles compraram?

4.º — Se uma Bandeira de sêda custa 90\$000; quanto deverão custar 16 Bandeiras de preço igual?

Instrução moral e cívica

No dia 15 de maio, na hora cívica da Escola Cel. Barbedo, Cleonice Nunes, uma das alunas do 5.º ano, com 14 anos de idade, fez uma palestra em que se expressou assim:

Minhas colegas:

Amai a nossa Bandeira porque ela é o fidelíssimo retrato do Brasil. Respeitai-a com verdadeiro amôr. Defendei-a em qualquer momento de perigo; defendendo-a estais defendendo o Brasil. Cantai o hino da Bandeira com todo garbo e com entusiasmo. Segui as lições da nossa professora. Segui tudo o que ela nos diz e assim tereis convicção de terdes cumprido com o dever do brasileiro.

Quando desfraldada ao topo dos mastros, devemos render homenagem de respeito, pois ela está festejando as vitórias heróicas de seus filhos.

Devemos descobrir-nos diante dela quando passa; ela é o Brasil. E' perante a Bandeira que se prestam os mais solenes juramentos. As suas côres despertam animo nos combatentes, quando no campo de batalha.

Se virdes um dos nossos colegas em posição incorreta perante este símbolo, repreendei-o e aconselhai-o fazendo-o ver que ela é o que há de mais significativo e sagrado no nosso País.

Nota — Sublinhar os substantivos simpies.

HISTÓRIA DO BRASIL — HISTÓRIA DA BANDEIRA

A proclamação da República do Brasil foi em 15 de novembro de 1889. Foi então depois de quatro dias que a Bandeira foi criada.

Desde o Brasil colônia já existia bandeira no Brasil, porém não como a de hoje. Tinha, o que ainda hoje conserva, as côres verde e amarela.

No dia da Independência o povo usou uma fôlha, verde e amarela; fôlha esta que depois foi chamada — fôlha da independência — Daí se conclue que estas côres tem para nós papel capital porque elas conservam tradições antigas.

Nota: — Pôr entre parenteses os substantivos coletivos.

Economia

Apesar-de as bandeiras serem feitas de lã, que é material mais caro do que o algodão, não se deve reclamar o preço das mesmas, porque tudo o que se gasta com a Pátria é bem empregado.

Nota — Grifar as palavras que estiverem no plural.

Indústria

No Distrito Federal há fábricas de material destinado á educação cívica: Bandeiras, êscudos, mapas murais, carimbos, etc.

Nota — Grifar os nomes que estiverem no singular.

Política

Todo país deve ter sua bandeira para simboliza-lo nos concertos das nações, e todo amôr que se dispensa á Bandeira é merecido porque ela nos lembra a imagem da Pátria.

Nota — Traçar as palavras masculinas.

Agricultura

No fabrico da Bandeira entram produtos agrícolas como sejam: madeira, verniz e tintas vegetais. Há Bandeiras de papel e de tecidos de algodão porém as mais usadas são as de sêda e de lã.

Nota — Pôr as preposições entre aspas.

Botânica

O algodão, de que são feitas as Bandeiras, é uma planta da familia das malváceas.

Nota — Cancelar os *mm* encontrados.

Mineralogia

Há Bandeiras que têm haste de metal e há Bandeira que se fixam em aneis de metal e tem haste de madeira.

Nota — Traçar um retângulo em tórno das palavras concretas.

Garbo

Ao menino que cabe a honra de conduzir a Bandeira, num dia de festa cívica, deve encher-se de garbosidade, marchando erecto, firme, sobranceiro, trazendo a cabeça erguida, pois êle tem nas mãos o símbolo mais perfeito do Brasil.

Nota — Cancelar as palavras oxítonas.

Zoológia

A vários animais coube a honra de fornecer um produto muito usado na confecção de Bandeiras — a lã.

Nota Pôr um círculo em tórno das conjunções.

Geometria

Quando uma Bandeira se acha desfraldada na fachada de qualquer edificio, ella está em posição inclinada, e se um menino está em posição de sentido elle está em posição vertical.

Nota — Sublinhar os substantivos variações pronominais.

Química

O fabrico das tintas, que entram no serviço de tinturaria, como por exemplo as côres da Bandeira, é feito em laboratórios químicos.

Nota — Sublinhar as palavras paroxítonas.

Geografia Política

Jogos com Bandeira de várias nacionalidades confeccionadas pelos meninos:

Cartões retangulares, coloridos com as côres nacionais de vários países. Mistura-las e fazer-lhes compor as citadas Bandeiras. Junto a estas uma Bandeira Nacional cortada irregularmente.

Desenho

Durante o tempo em que o centro de interesse perdurar em classe deve ser renovado o desenho da Bandeira em quadro-negro, sendo, em cada dia, executado por aluno diferente.

TESTES

1.º — Se a Bandeira fôr um substantivo concreto escreva três verbos regulares, e em caso contrário, conjugue o presente do subjuntivo do verbo saber.

2.º — Se os verbos regulares que servirem de modelos aos outros se chamarem paradigmas escreva um verbo que se refira á Bandeira, e em caso contrário, três preposições.

3.º — Se todos os pronomes forem pessoais, escreva o diminutivo de Bandeira, em caso contrário, um substantivo coletivo.

4.º — A Escola Cel. Barbêdo tem uma linda Bandeira.

Se esta frase estiver certa escreva o particípio passado do verbo fazer, e em caso contrário, conjugue o pretérito perfeito do verbo amanhecer.

5.º — Esta Bandeira é a mais linda de todas.
Se esta sentença estiver no gráu comparativo de igualdade escreva o sí-
nônimo de começar, e em caso contrário, o antônimo de barulho.
Outro modelo de testes:

Nota — Sublinhar a resposta certa:

- 1.º — O pano da Bandeira pode ser feito de: — madeira — lã — preto.
- 2.º — As côres da Bandeira são: — verde — amarelo — preto.
- 3.º — O símbolo mais perfeito — escudo — hino — bandeira.
- 1.º — Se a Bandeira foi criada quatro dias depois da proclamação da Re-
pública escreva os nomes dos principais conspiradores e em caso contrário o
nome do patriarca da independência.
- 2.º — Se as côres primitivas da Bandeira forem o azul e o branco, escreva
a data do descobrimento do Brasil, e em caso contrário, as regências do Bra-
sil no reinado de D. Pedro II.
- 3.º — Se antes da proclamação da República o Brasil já possuía Bandeira
escreva as principais batalhas da guerra do Paraguai, e em caso contrário, o
fundador da cidade de Niterói.
- 4.º — Se a Bandeira foi criada em 19 de novembro de 1889, escreva o
nome do ditador da guerra do Paraguai, e em caso contrário, as principais ba-
talhas das invasões holandêsas.

Nota — Sublinhar *sim* se concorda, e *não* em caso contrário.

- 1.º — A Bandeira representa o símbolo da Pátria. — Sim Não.
- 2.º — Devemos descobrir-nos diante da Bandeira quando passa. — Sim
Não.
- 3.º — Quando a Bandeira estiver desfraldada, ao topo dos mastros, não
devemos render homenagem. — Sim Não.
- 4.º — E' perante a Bandeira que se prestam os mais solenes juramentos.
— Sim Não.

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Profa. MARIA LEITE

1) SUA IMPORTANCIA NA ORGANIZAÇÃO DO ENSINO

DENOMINAMOS educação pré-primária aquela que se destina a crianças com a idade inferior a 7 anos. É um dos assuntos de maior importancia na atualidade pedagógica. O pré-escolar — a “idade abandonada” até bem pouco tempo — vem sendo nos dias que correm objeto de estudos especializados por parte de higienistas sociaologos e educadores. Já se começa a compreender que educar a infancia nessa primeira fase de sua existência é assentar, em base verdadeiramente sólida, os alicerces sobre que há-de elevar-se o edificio da escola primária renovada. A criança, desde os primeiros instantes de vida, precisa de ambiente adequado ao desenvolvimento harmônico de suas faculdades físicas, morais e intelectuais. Abandoná-la nesse periodo, é reduzir consideravelmente a eficiência do ensino primário. Consequentemente, a educação pré-escolar deve ser iniciada no lar, pois que toda educação “é adaptação e enriquecimento de hábitos úteis e aproveitamento de energias em beneficio do individuo e do meio”. Como pôde o professor trabalhar com entusiasmo e otimismo, transformar sua escola numa colmeia de atividades educativas, se lhe fôrão bater á porta crianças desnutridas, contaminadas de moléstias, sem hábitos de asseio, ordem e trabalho?! E essas criaturinhas, vitimas do abandono em que viveram durante a idade pré-escolar, irão constituir para o professor um problema sem solução. Não conseguirá cancelar os traços predominantes daquela educação recebida num ambiente impróprio e viciado. Poderá, apenas, modificar, ou difficilmente corrigir. Segundo Richter, “o homem aprende mais nos primeiros três anos de vida do que em três anos de Universidade. Aos 6 aons, Aos 6 anos, se o menino foi mal conduzido, aprendeu já tanto quanto baste para deixar profunda impressão durante toda a vida”.

Não é sem fundamento, pois, que chegamos ás seguintes conclusões: a) Entre o lar e a escola deve haver um trabalho constante de colaboração;

b) Qualquer iniciativa do Estado em pról da educação popular não conduzirá aos fins colimados, se não principiari pela solução do problema pré-escolar.

II) COMO SE PROCESSA A EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

1 — Escolas Maternais. 2 — Jardins de Infancia.

Poucas teorias requer a educação pré-primária. É simples e prática. Pode ser ministrada: em escolas maternais, em cursos de dois anos, a crianças de dois a quatro anos; em jardins de infancia a crianças maiores de quatro anos de idade e menores de sete.

1 — ESCOLAS MATERNAIS — Tratando das escolas maternais não remontaremos à sua história. Entretanto, mencionaremos, aqui, que foi a França o berço dessa instituição. Atendendo às condições atuais da organização social, as escolas maternais representam um fator de assistência educativa das mais importantes e eficientes. Em geral funcionam anexas a estabelecimentos fabris e se destinam a receber filhos de operários, a quem falta assistência materna, porque a mãe precisa abandonar o lar à procura do pão de cada dia. Enquanto os pais trabalham, recebem naquêlê ambiente sadio cuidados de higiene e educação compatível com sua idade. Nos Estados brasileiros, não há senão ensaios de organizações dessa natureza. Em S. Paulo, porém, há escolas maternais que funcionam em prédios convenientemente adaptados e servem de campo de pesquisas e estudos para os Serviços de PSICOLOGIA APLICADA, HIGIENE e EDUCAÇÃO SANITÁRIA ESCOLAR.

2) O JARDIM DA INFANCIA. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO JARDIM DA INFANCIA. OS PERÍODOS.

A instituição do jardim da infancia por Frederico Froebel, continuador da grande realização de Pestalozzi, representa uma conquista avançada na grandiosa obra da educação infantil. O curso de jardim de infancia é de três anos, denominados períodos, que compreendem classes experimentais, onde a criança, pela participação espontanea e livre nas tarefas diárias encontra um campo fértil para o desenvolvimento harmônico de sua personalidade. Nessa primeira escola os pequeninos sentem a vida. Vêem. Observam. Pensam. Agem livremente. Transmitem suas experiências em realizações pessoais. Tanto na escola de Froebel, como na de Montessori, a organização do trabalho nos diferentes períodos, exige o desenvolvimento de um vasto plano de ação por parte do professor. Este deve encaminhar os processos de educação e ensino, firmado nos princípios fundamentais seguintes:

- a) O interesse da criança deve ser o centro orientador do programa escolar;
- b) o ensino nos diversos períodos terá caráter eminentemente sensorial. "Os sentidos são os primeiros instrumentos de

nosso conhecimentos: antes de se ensinar o menino a ler, é preciso lhe ensinar a ver", dizia Rousseau;

c) promover o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral por meio de exercícios adequados — "higiênicos para o corpo, instrutivos para a inteligência e educativos para o coração".

d) todo o aprendizado deve ser dirigido no sentido de desenvolver o senso de cooperação social, fraternidade e solidariedade;

e) tomar como ponto de partida do programa escolar um plano de idéias associadas utilizando-se dos centros de interesse, projetos e outras formas de ensino globalizado;

f) cultivar na criança o amor à natureza e não intervir o mestre na atividade infantil senão para guiá-la.

Firmado nesses princípios básicos, o jardim de infância será um local propício ao desenvolvimento da individualidade, um foco de luz e de calor, uma sociedade em miniatura, onde a criança faz uma aprendizagem da vida sob os seus diversos aspectos. Compreendendo que a renovação de nosso sistema educacional impõe como primeiro plano, assistência direta ao pré-escolar, o sr. Diretor do Departamento de Educação, numa louvável e auspiciosa iniciativa, dirigiu-se, em circular, às autoridades competentes, recomendando se precedesse, no Estado, a organização do ensino pré-primário.

A educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias. Nenhuma escola, de qualquer desses graus, será reconhecida sem que satisfaça aquela exigência.

A PRÁTICA DO ENSINO DE LINGUAGEM

Profa. JULITA DE VASCONCELOS

A criança ao entrar na escola, traz de casa o seu vocabulário.

Sem saber gramática, conforme o meio em que vive, fala mais ou menos corretamente.

E' que a gramática deve ser aprendida pela lingua e não a lingua pela gramática.

Daí a necessidade de serem feitos nas classes das escolas primárias, desde o primeiro ano, exercícios diversos, para correção da linguagem infantil, aumentando o seu vocabulário e preparando o aluno para o futuro estudo de gramática.

Devem ser abolidas regras abstratas, definições adquiridas teoricamente nos compendios.

Nos dois primeiros anos o aluno fará exercícios, citando oralmente, e depois por escrito nomes de animais, de plantas, de objetos de aula, de coisas que vêem na rua, em casa, objetos que usa, frutas, o que ele pôde comer, beber, etc.

Dará depois qualidades a estas coisas. Por exemplo: Planta: bonita, grande, sêca, medicinal, etc., preparando-se assim o menino para mais tarde classificar as palavras em substantivos e adjetivos qualificativos.

Pergunta o professor ao aluno o que faz o gatinho, o sabiá, o que o menino pode fazer, o que fez ontem, o que fará amanhã, o que faria se tivesse dinheiro, se tivesse uma bicicleta, etc.

As respostas dadas com o maior prazer e sem nenhuma dificuldade da parte da criança prepara-a para o conhecimento futuro dos verbos de ação, conjugando-os pelo dialogo estabelecido na escola.

As composições *bicho de sete cabeças* para os meninos que se preparam para exames de admissão aos cursos ginasiais, podem ser feitas também, desde os primeiros anos do ensino primário, assim:

Suponhamos que o professor apresente uma gravura ou um objeto qualquer para ser descrito.

A classe observa e o professor faz a primeira pergunta a um dos alunos sobre o objeto da descrição.

A criança responde e escreve no quadro negro a sua resposta.

Se a frase não estiver correta, com o auxílio do professor, a classe procura corrigi-la. Então todos os meninos escrevem no seu caderninho a sentença certa.

Seguem-se as outras perguntas e respostas até que a descrição esteja organizada no quadro negro e ao mesmo tempo nos caderninhos dos alunos.

Nas classes mais adiantadas, o professor pode dar sinônimos de algumas palavras que constituem as sentenças, dando liberdade aos alunos, para usarem, a seu gosto, Ex:

Vejo — noto observe diviso. Lindo — belo, bonito, interessante. Quadro-gravura, desenho, figura.

Ficará então a criança com o seu vocabulário enriquecido e, após alguns meses de exercício, embora tenham sido mais ou menos iguais as primeiras redações, eles serão capazes de fazer depois com mais facilidade os seus trabalhos escritos.

Para o êxito desejado na grafia das palavras, penso também que os ditados podem ser feitos no 1.º e 2.º anos de palavras que comecem, por exemplo: pela mesma sílaba, depois por palavras grafadas com dois *rr* e dois *ss*, pois que são atualmente as consoantes que se dobram escolher para ditar, noutra ocasião, palavras em que se encontrem juntos *mp* e *mb*, as que se escrevem com consoantes molhadas *nh*, *lh* etc.

No 3.º e 4.º anos os ditados devem ser marcados, com antecedência, estudada a grafia das palavras mais difíceis, atendendo-se cuidadosamente à nova ortografia, questões de acentuação etc., para que depois sejam feitos pela classe.

Assim é mais difícil a criança errar.

Para correção o professor chamará um aluno à pedra, corrigindo o ditado no quadro negro, enquanto os outros alunos consertam as palavras erradas dos seus ditados.

Por este processo, julgo que haverá melhor proveito do que levando a professora para casa um montão de cadernos para corrigir, sem a presença do aluno.

Para facilitar a redação de cartas, desde o 2.º ano, pode a professora designar um dia da semana para bilhetes e recadinhos escritos.

Por exemplo: Uma menina quer pedir desculpa a professora por ter chegado tarde à aula.

Em vez de fazê-lo pessoalmente, faz um bilheteinho.

“Bôa professora:

Ceguei tarde à escola, porque mamãe está doente e eu fui ajudá-la a preparar o café.

Desculpe sua aluna.

Mariinha”.

Aproveitando a ocasião, a professora responde, desculpando a menina e ao mesmo tempo louvando o seu procedimento para com a sua mãezinha doente.

Vejamos que modo tão proveitoso de se educar, de se desenvolverem nas crianças os sentimentos nobres de amor e de respeito filial corrigindo-se ao mesmo tempo a sua linguagem!

Será perder tempo gastar o professor alguns minutos neste trabalho, deixando de dar lições de Geografia e História Pátria, marcadas pelo horário escolar?

Não peca nem venialmente o professor que não cumpre à risca o horário das aulas para ocupar-se de exercícios como estes, pois a linguagem correta, unida à propagação dos sentimentos altruísticos do cumprimento do dever, vale mais do que saber de cór milhares de nomes geográficos e inúmeras datas dos fatos históricos da humanidade.

A educação cívica, moral e física é obrigatória para a infância e a juventude de todo o país.

BAIXA DE FREQUENCIA ESCOLAR

EMILIO CHAVES, Diretor do Grupo Escolar
"Antonio Pessoa", de Umbuzeiro

Já se tem escrito algo sôbre a baixa de frequência em as nossas escolas em certas e determinadas épocas do ano.

Pela estatística publicada, vemos com clareza e exatidão a pequena percentagem de alunos frequentes ás escolas.

E' mesmo alarmante o coeficiente diminuto dos que comparecem ás escolas, comparativamente, á matricula efetiva dos estabelecimentos de ensino.

Inúmeras causas ocorrem para essa anormalidade.

Aqui, no interior do Estado, a principal anomalia, podemos garantir, é proveniente do emprego da creança nos serviços do campo pelos seus pais ou responsáveis.

Uma observação acurada sôbre tais motivos dá-nos a certeza dessa afirmativa.

Nas nossas visitas escolares, as mais das vezes, verificamos achar-se a escola com reduzido número de educandos presentes á aula.

De pronto as professoras, nos comunicam a razão: —

— Hoje, os filhos de Fulano e Beltrano, não vieram á escola porque fôram ajudá-los no plantio de cereais...

Ontem, chueu na redondesa e os meninos do Cicrano avisaram que estavam trabalhando no roçado.

E, dessa maneira, explicam-nos as regentes das escolas de que sómente os filhos dos pais mais abastados comparecem ao estudo em dias seguidos.

Não só se restringe ao caso em télia a baixa de frequência. Esta causa é a maior, a mais preponderante. A pobreza dos humildes trabalhadores do campo, influe sabremodo nesse acontecimento.

E, se não nos enganamos, é justamente pela necessidade de ganhar alguns níqueis, como assalariados, que os filhos dos "matutos" os ajudam nos trabalhos do campo quando o não fazem em interesse próprio, isto é, por não poderem pagar trabalhadores para a limpa do roçado.

E, diante de tamanho fenomeno, temos que contemporizar com os pais, responsáveis ou tutores dos alunos das nossas escolas primárias

Acreditamos que outros fatores são conhecidos nas escolas da capital ou cidades mais importantes do Estado, que contribuam para a baixa de frequência.

Aqui, repito, a mais importante causa é a ocupação do menino nas lides do campo.

Aparece a chuva, vão eles semear ou limpar o roçado.

Na época da colheita, novos trabalhos e dias e mais dias a escola não vê os alunos.

Como sanar tal inconveniente?

Aplicando penalidade aos alunos? Forçando por meio de multas os seus pais a fazerem cumprir o regulamento escolar.

E' tarefa difícil. Temos influido de outra forma: procurando aconselhar, mostrando as vantagens da instrução sobre o pequeno lucro advindo do trabalho do menor ajudando o pai na lavoura.

Parece-nos que pouco a pouco vai ganhando êsse estímulo e teremos de vencer.

Os nossos humildes professores do "mato", esforçados e dedicados, ensinam extra-horário atendendo á distancia da residência do aluno; ao motivo de outro haver levado o almoço ao pai no roçado, e por fim, ao de outro que foi levar a cabra ao cercado ...

Tudo depende de entusiasmo e boa vontade. Consigamos o aumento da frequência de nossas escolas, aconselhando o matuto e mostrando-lhe o lucro maior na educação e instrução do filho.

ORIENTAÇÃO

OS BRINQUEDOS EDUCATIVOS

Os brinquedos tem um grande valor educativo.

Eles constituem um problema na educação, sobretudo da infância, porque são de fato instrumentos de crescimento da criança.

Se se refletir sobre o tempo que passaram as crianças no lar, mesmo aquelas que já frequentam a escola, verifica-se que auxílio podem trazer os brinquedos para as suas ocupações.

Com efeito, se lhes derem com que brincar, oportunidade e lugar para o fazer, não só elas se auto-educam, como ajudam as mães, na sua missão incomparável.

O brinquedo, objeto para brincar, existiu sempre e as indústrias que os fabricam, de grande vulto econômico, nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra, na França, no Japão, para citar os grandes países produtores revelam a sua importância.

Em consequência da fabricação em grande, a sua distribuição pôde atingir no nosso tempo as classes menos favorecidas.

Resulta de tudo isso uma série de problemas que devem estar presentes a todos os que educam, principalmente pais e mestres.

Em todas as grandes lojas americanas, na seção de brinquedos há esta advertência: Não dê ao seu filho um brinquedo que exija esforço superior à sua idade...

A bibliografia é hoje farta, e dela se podem tirar alguns preceitos úteis no sentido de orientar a aquisição destes admiráveis companheiros da infância.

Estes Preceitos não se referem aos jogos, realizados coletivamente e sim a objetos de brincar, que podem servir entretanto para jogos.

* * *

Quando se escolhem brinquedos convém ter presentes certas regras gerais, quer na aquisição, quer no uso deles:

1.º — Com este brinquedo que bons hábitos podem ser desenvolvidos ou adquiridos?

2.º — Que maus hábitos podem ser provocados?

3.º — Que brinquedos convém para estimular e desenvolver os interesses da idade e atender despertando hábitos permanentes desejáveis?

Vejamos agora quais estes bons e maus hábitos.

Bons hábitos:

- 1.º — Hábitos de diversão ou recreio, feliz e saudável.
- 2.º — Hábitos de ocupação útil, com atividade produtiva, que desenvolva o indivíduo para si mesmo e prepare o criador e o produtor, para a sociedade.
- 3.º — Hábito de desenvolver o próprio pensamento sobre o que faz e o julgamento dos resultados obtidos.
- 4.º — Hábito de desenvolvimento do senso da harmonia e beleza e de apreciação do trabalho alheio.
- 5.º — Hábito de controle da vontade para conseguir resultados.
- 6.º — Hábito de cuidado com o material, economia no seu uso, bem como ordem e limpeza.
- 7.º — Hábito de considerar o trabalho das mãos, de integração com a natureza e de iniciação científica.

Máns hábitos:

- 1.º — A ausência de brinquedos pôde conduzir á preguiça, á maldade ou a devaneios.
- 2.º — O excesso de brinquedos pôde conduzir á falta de cuidado, á destruição fácil, á extravagancia, á inconstancia, á indiferença, ao gôsto das sensações renovadas.
- 3.º — Brinquedos que tudo fazem pôdem conduzir á preguiça e ao gôsto da destruição, além de extinguir facilmente o interêsse.
- 4.º — Brinquedos de manejo difícil irritam e desencorajam, exigindo a colaboração dos adultos, o que pôde tirar á criança a confiança em si própria.
- 5.º — Os brinquedos baratos de mais, que são muito frágeis, podem desenvolver a falta de cuidado, porque são fáceis de substituir.

Destas observações gerais resultam algumas normas:

- 1.º — Que brinquedo é mais econômico adquirir?
- 2.º — Que qualidades devemos procurar em um bom brinquedo?
- 3.º — Que espécie de brinquedo convém adquirir?
- 4.º — Quais os padrões para as várias espécies de brinquedo e para os interesses das diversas idades?

E' sobretudo a esta última pergunta, tantas vezes presente a quem se defrontou com o problema da escolta de brinquedos, que a lista junta pretende atender, em indicações gerais. E' claro que não se trata de uma lista rígida, em que obrigatoriamente cada brinquedo caiba rigorosamente a uma só idade. Como é obvio, pôde o mesmo objeto servir em várias épocas. A lista, convém repetir, é apenas indicativa.

* * *

Há mais de um século escrevia Diderot: "O homem gosta mais de se divertir do que de se instruir, logo convém instruí-lo divertindo". O

conceito não pôde ser mais aceito hoje, em face dos conhecimentos da psicologia da criança. Outrora a instrução tinha caráter diverso da recreação, o jogo era atividade de espécie inferior. Hoje uma e outra se devem confundir numa mesma ação educativa integral, desde que se façam de princípios nitidos da pedagogia moderna.

A ação da criança diante de um brinquedo com que ela trabalha em nada difere da de um engenheiro que constrói uma ponte ou um biólogo que faz uma pesquisa microscópica, com a mesma gravidade e atitude, o mesmo propósito de resultados, a mesma moralidade de ideal.

Irmão do brinquedo é, por certo, o livro, numa mesma evolução, desde o album de figuras, de cartão ou pano, até os de figuras em relêvo, ou anaglifos ou filtros coloridos.

Para o uso dos brinquedos convém não esquecer aquêlê instinto de ordem da criança, a que se refere Maria Montessori.

Tratando das atividades educativas para a criança no lar, em um dos folhetos da série Educação da União Pan-Americana, Rowna Hansen escreve estas palavras necessárias:

"Feliz a criança á qual toca um lugar reconhecido e bem definido no grupo familiar, não como elemento dominante, mas como membro respeitado. Esta posição acarreta-lhe ao mesmo tempo responsabilidade e privilégios".

Segundo observa um historiador, por uma casa de brinquedos seria possível reconstituir uma civilização, de tal modo eles teem, mesmo sem parecer, uma grande importancia.

E' que êles são os companheiros fiéis das crianças, e, no conceito de Amiel, o pouco do paraíso que há no mundo deve-se á criança.

ALIMENTAÇÃO DOS ESCOLARES

Reconhecidamente nada é mais útil para a criança do que a boa alimentação. Dando-a adequadamente, e completando-a com outros elementos indispensáveis á boa nutrição, é que se consegue o ótimo desenvolvimento físico e mental. O próprio futuro da raça, no ponto-de-vista físico e econômico, corre largamente por conta da nutrição das crianças.

Assim sendo, quando se estuda a sub-nutrição, depara-se, logo, com a alimentação má, como causa principal; e ela dir-se-á má, se insuficiente em quantidade, se deficiente em qualidade, quando mal regrada no fornecimento ou quando mal aproveitada, por falta de bons hábitos higiênicos no comer. E' bem verdade que, além da alimentação má, inscrevem-se como causas da subnutrição, sono insuficiente, fadiga, falta de exercício, pouca vida ao ar livre e ao sol e ainda defeitos e doenças para o lado das amídalas, das adenoides, dos dentes; também a sífilis, a tuberculose, a opilação, as lesões cardíacas, tem todas a sua responsabilidade, a que não fica estranho o fator hereditário, sem a dúvida a influenciar, por sua vez, o desenvolvimento da criança.

Cabe para muitos inteiramente á pobreza a ocorrência daquelas primeiras condições enumeradas, entre as cousas de subnutrição; mas o fato é que, de regra, há outros fatores presentes e tão relevantes ou mais que a pobreza. Assim, se á precariedade de recursos devem ser, em grande parte, atribuídas as deficiências e falhas do regime alimentar, não é menos verdade que a ignorancia, á falta de interesse e até de bom senso, por parte dos pais, deve caber enorme parcela de responsabilidade. Sobretudo entre a nossa classe média e abastada, lectam-se de fato, e como regra geral, hábitos muito errados em material de alimentação; não será caso aí de impossibilidade de obter bons alimentos antes ignorância ou descaso em saber escolhe-los e utiliza-los regrada e vantajosamente. A maioria das pessoas, que não medem sacrifícios para salvar a vida dos filhos, quando doentes, ainda não quizeram compreender que é muito mais econômico preservar-lhes a saúde, dia a dia, pela instituição de bons hábitos higiênicos, especialmente por uma alimentação conveniente.

Habitualmente, nas próprias classes pobres, tudo não corre por conta da falta de recursos; em publicação muito recente da Liga das Nações, frisou-se, a vista de informes, que a alimentação depende muito do que se chama "a eficiência materna" e é para melhorá-la que se devem voltar em grande parte as atenções da educação sanitária.

Esse estado de sub-nutrição, uma vez criado, repercute sôbre todo o organismo. E' o desenvolvimento físico e mental que se retarda, a anemia alimentar que aparece ou aumenta, o nervosismo que surge. E a baixa de energia vital, daí decorrente, acompanha-se de diminuição na resistência orgânica e de aumento manifesto da predisposição á doença.

COOPERATIVISMO ESCOLAR

As vantagens econômicas das cooperativas escolares — Sua influência na formação da mentalidade da criança, do ponto de vista econômico

"Os vários aspéctos sob os quais se apresentam os fins que as cooperativas escolares têm em vista demonstram que a essas pequenas associações infantis está destinado papel da mais alta importancia na formação da mentalidade dos homens do futuro. Não se limitam as suas atividades, como erroneamente ás vezes se interpretam, ao fim econômico, que realmente foi a origem primitiva dessas entidades, mas, principalmente do ponto de vista educativo, a sua influência tem hoje largo raio de ação.

As consequências que resultam da atividade educacional das cooperativas escolares, no terreno social, são, por sua vez de tal importancia, na atualidade, que por si só justificariam a existência daquelas entidades e a imperiosa necessidade de sua ação como orientadora da criança em relação á sua vida futura.

Focalizemos, todavia, nêstes breves comentários, apenas o lado das vantagens econômicas que aos seus pequenos associados oferece a cooperativa escolar. Com o capital social constituído pela contribuição dos seus cooperados, adquire a cooperativa, em quantidade e, por conseguinte, com as vantagens de redução de preços, o material de que a criança necessita na escola, tais como lapis, canêta, pena, cadernos, borracha, etc. Não tendo a cooperativa qualquer intuito de lucro, a distribuição dêsse material aos seus associados é feita pelo preço de aquisição, portanto muito mais barato que os preços correntes. Releva acentuar, nêsse caso, a vantagem que a cooperativa escolar oferece, beneficiando a economia dos pais dos pequenos cooperados, com os lucros que caberiam ao intermediário.

Por outro lado, a criança, em contácto com as operações da cooperativa e observando as suas vantagens econômicas, adquire, por sua vez, o hábito da poupança, que representa, sem dúvida, consideravel fator de êxito na vida prática. Outra vantagem de natureza econômica é que a cooperativa, adquirindo os artigos escolares, diretamente, para seus associados, em quantidade, sem outra preocupação que a de bem servi-los, pôde escolher o material de melhor qualidade, o que em geral não sucede quando a escolha cabe ao intermediário, ávido de lucro para o seu negócio.

Outro aspecto, ainda no setor econômico e também educativo, que deve ser mencionado é que, sendo a direção da cooperativa exercida pelos próprios associados, regularmente eleitos em assembléias e estando os atos de gestão da diretoria sob a fiscalização dos membros da entidade, é obvio que a criança é levada a adquirir traquejo e conhecimentos que, sem dúvida, esclarecerão o seu espírito, ampliando a sua visão na solução de suas próprias dificuldades, dando-lhe, enfim, a necessária aptidão para os seus empreendimentos futuros — necessária porque a ausência dessa aptidão é a causa geradora da desorientação que grande parte dos individuos demonstra na vida prática, com o inevitavel desperdicio de energias que leva fatalmente ao malôgro os empreendimentos mal orientados.

COOPERATIVAS ESCOLARES EXISTENTES NO ESTADO E JA' REGISTRADAS NO SERVIÇO DE ECONOMIA RURAL

- 1 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Tomaz Mindêlo — João Pessoa
- 2 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — D. Pedro II — João Pessoa
- 3 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — A. Pessoa — João Pessoa
- 4 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — D. da Silveira — João Pessoa
- 5 — Cooperativa Escolar "Otilia Maranhão" do Grupo Escolar Isabel Maria das Neves — João Pessoa
- 6 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Solon de Lucena de Campina Grande.
- 7 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — C. Procópio — Campina Grande
- 8 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Nilo Peçanha — Campina Grande
- 9 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Felix Daltro — Taperoá

-
- 10 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Joaquim Távora — Antenor Navarro
 - 11 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Mons. Milanéz — Cajazeiras
 - 12 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — B. Leite — Souza
 - 13 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — João da Mata — Pombal
 - 14 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — A. Gomes — Catolé do Rocha
 - 15 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Rio Branco — Patos
 - 16 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — C. Lisboa — Santa Luzia
 - 17 — Cooperativa Escolar da Escola Complementar de Teixeira
 - 18 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — João Ursulo — Santa Rita
 - 19 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — P. de Carvalho — Espírito Santo
 - 20 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Gentil Lins — Sapé
 - 21 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Dr. José Maria — Pilar
 - 22 — Cooperativa Escolar do Grupo Escolar — Pe. Ibiapina — Itabaiana.

NOTICIÁRIO DAS ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES

Conforme demos noticia no número anterior da "Revista do Ensino", o Departamento de Educação instituiu um Curso de Aperfeiçoamento para os professores.

A comissão designada pela Diretoria do Departamento de Educação, e constituída dos professores monsenhor Pedro Anísio, Francisca de Ascensão Cunha, Carmelita Gomes, Julita de Andrade Vasconcelos, Manuel Viana Junior, Debora Duarte e Mario Gomes, por intermedio do D. E., entrou em entendimento com o Instituto Nacional de Estudos Pedagogicos, órgão técnico central do Ministério da Educação, e dele recebeu a mais franca colaboração para a organização do programa e dos pontos a serem debatidos nas aulas do Curso de Aperfeiçoamento.

De acordo com o plano de trabalho organizado pelo I. N. E. P., e adaptado pelo Departamento de Educação, o programa do Curso se dividiu em duas importantes Secções: A) O professor na organização escolar; B) Metodologia geral e especial.

Terminadas as aulas do Curso de Aperfeiçoamento, será realizada uma prova para verificação de aproveitamento. Aos que forem considerados aprovados será concedido um certificado pelo Departamento de Educação. Ao portador do certificado, deverá ser dada preferência, em igualdade de condições, para efeito de promoção na carreira de professor e para efeito de designação para cargos de direção ou comissão na chefia dos serviços de administração da educação e do ensino.

CURSO PARA ADMINISTRADORES DE ENSINO

PORTARIA 122

O Diretor do Departamento de Educação, usando de suas atribuições, resolve criar um curso para Administradores do Ensino o qual funcionará nesta Capital.

II

As aulas do curso para Administradores de Ensino obedecerão o seguinte programa: 1 — O Diretor na organização escolar. 2 — Requisitos e qualidades do diretor. 3 — O diretor como interprete do pensamento educacional do Estado e como observador da situação social na qual deve agir no sentido de sua elevação e coordenação. 4 — O diretor como autoridade do ensino. 5 — O diretor como chefe administrativo e orientador técnico. 6 — Como organizar as classes de ensino. 7 — Fiscalização e orientação do trabalho do professor. 8 — Manejo de classe, disciplina e recreios. 9 — Instituições auxiliares da escola, sua importância, com instrumentos pelos quais o diretor poderá comunicar ao meio social as instituições educativas do estabelecimento. 10 — Verificação do trabalho do ensino. 11 — Reuniões de professores. Sua importância no sentido de estabelecer-se unidade de espírito no trabalho escolar, cooperação, solidariedade no esforço, no progresso técnico do corpo docente.

III

Alem dos diretores de grupos escolares, deverão frequentar as aulas do Curso os inspetores técnicos de ensino e os inspetores auxiliares.

A frequencia é obrigatoria, de acôrdo com o que se dispõe no inciso 7, do artigo 212, do decreto-lei n. 102, de 28 de outubro de 1941 (Estatuto dos Funcionários, Civis do Estado da Paraíba).

As aulas em número de 11 terão carater essencialmente prático e se iniciarão na segunda quinzena de junho corrente.

Terminadas as referidas aulas, inspetores e diretores deverão apresentar um trabalho escrito com aplicação de pontos do programa previamente escolhido. — *Pedro Calheiros Bomfim*, diretor.

DIA DA JUVENTUDE BRASILEIRA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — Comunicado N.º 7.

Comemora-se hoje, em todo o país, o "Dia da Juventude Brasileira",

instituição nacional destinada a promover, dentro ou fora das escolas, a educação cívica, moral e física da juventude, assim como da infância em idade escolar, com o objetivo de contribuir para que cada brasileiro possa, realizando superiormente o próprio destino, bem cumprir os deveres para com a Pátria.

A Juventude Brasileira prestará culto constante á Bandeira Nacional. Será o hino nacional expressão do seu fervor de cada dia.

Informa o DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO: — "Departamento de Educação — Comunicado n.º 8.

ASSISTÊNCIA AOS ESCOLARES — A Diretoria de Saúde Pública do Estado, em combinação com o Departamento de Educação, prosseguindo nos serviços de assistência aos escolares de João Pessoa, acaba de organizar um plano de assistência médico-sanitária para as crianças que frequentam as escolas desta cidade.

Do plano organizado pela Diretoria de Saúde Pública, consta inicialmente, o registro sanitário de todos os alunos dos cursos pré-primário desta capital, com o levantamento da ficha individual de cada escolar. Nessa ficha individual se registrarão os antecedentes familiares, os resultados dos exames sistemáticos de "Roent-fotografia", e da análise obrigatória de urina e fezes.

Por outro lado a inspetoria de Higiene Escolar da Diretoria de Saúde Pública, procurará divulgar ensinamentos relativos à higiene escolar nos estabelecimentos de ensino, bem como fiscalizará a higiene dos edifícios escolares.

.....

O Departamento de Educação encarece dos senhores diretores dos estabelecimentos de ensino, ou dos responsáveis por quaisquer escolas, a necessária cooperação aos serviços da Inspeção de Higiene Escolar da Diretoria de Saúde Pública.

CIRCULARES

Circular n.º 14 — Em 1.º de Abril de 1942.

Senhor Inspetor:

A-fim-de que seja uniformizado o critério que se vem adotando nas escolas normais do Estado, e demais estabelecimentos que mantêm curso complementar primário, determino que as médias exigidas para aprovação dos alunos do referido curso atinjam a cinquenta (50) pontos, no mínimo, para cada matéria e um conjunto nunca inferior a sessenta (60).

Recomendo, portanto, vossas providências, no sentido de que tais determinações entrem em vigor, no corrente exercício, nos estabelecimentos sob vossa respectiva direção ou fiscalização.

Saudações — **Pedro Calheiros Bomfim** — Diretor.

Circular n.º 15 — Em 6 de abril de 1942.

Senhor:

"Em junho próximo, no Estado de Goiás, reunir-se-ão em Assembléa Geral, os Conselhos Nacionais de Geografia e Estatística.

2 — Nessa ocasião, será realizado o "batismo cultural" de Goiânia, nova capital desse Estado, figurando naquêla certamen a 2.^a Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística.

3 — A Paraíba far-se-á representar ali, como órgão filiado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, devendo também levar a sua cota àquela exposição.

4 — Como professor e parte integrante que sois dessa falange de pioneiros que tem a responsabilidade na formação moral, intelectual e cívica da mocidade paraibana, não deveis ficar indiferente ao movimento que se processa para que a contribuição de vossa terra à mesma exposição, sendo a mais completa e perfeita, venha por em relêvo a sua vida cultural sob vários aspectos.

5 — Assim, torna-se indispensável a vossa cooperação que poderá ser concretizada, principalmente, com a remessa ao Departamento Estadual de Estatística, por doação, ou empréstimo, de livros, monografias ou simples estudo sobre a Paraíba, ou obras sobre assunto diversos de autores paraibanos".

Saudações — **Pedro Calheiros Bomfim** — Diretor.

Circular n.º 16 — Em 7 de Abril de 1942.

Senhor:

Venho pedir a vossa atenção para os seguintes pontos relativos à organização do ensino pré-primário:

1 — A educação pré-primária deve ser ministrada em Jardim de Infância, a crianças maiores de 4 anos de idade e menores de 7.

Nenhuma criança poderá ser matriculada no Jardim de Infância, com menos de 4 anos de idade ou com mais de seis.

2 — A duração do curso de Jardim de Infância será de três anos.

3 — Os processos de educação e ensino no Jardim de Infância deverão se orientar de acôrdo com os seguintes princípios fundamentais:

a) não dar à criança, antes dos sete anos; a idéa e a noção das coisas sinão por via dos sentidos;

b) imprimir ao ensino ainda na iniciação da leitura, escrita e cálculo, caráter eminentemente sensorial;

c) desenvolver o gosto e o espírito de observação exclusivamente por meio de exercícios adequados sobre objetos e seres familiares à criança;

d) apresentar à criança um programa de idéias associadas pelo princípio dos centros de interêsse;

e) aproveitar na natureza, pondo a criança o mais possível em contacto com ela, o material intuitivo que apresenta, capaz de lhe despertar e estimular as atividades latentes;

f) fazer do Jardim da Infância um laboratório de atividade, experiências e exercícios educativos;

g) não intervir na atividade infantil sinão para discipliná-la, corrigi-la e orientá-la para um fim superior, como a formação dos primeiros hábitos mentais, morais, de saúde e sociais.

Saudações — **Pedro Calheiros Bomfim** — Diretor.

Circular n.º 17 — Em 24 de Abril de 1942.

Senhor:

De ordem do Senhor Diretor dêste Departamento, para vosso conhecimento e devidas providências, transcrevo a seguir, em seu inteiro teor, o officio circular do Senhor Diretor Geral do D. S. P., em que solicita sejam comunicadas á Divisão do Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento daquêlê Departamento todas "as ocorrências relativas á vida do funcionário".

"DEPARTAMENTO DO SERVIÇO PÚBLICO. Circular. Em 6 de Abril de 1942. Sr. Para que êste Departamento mantenha em dia o Assentamento Individual do Funcionário, faz-se mister que sejam comunicadas á Divisão do Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento, as ocorrências relativas á vida do funcionário que se prendam áquelles assentamentos tais como: nascimentos de filhos, casamento, falecimento do cônjuge e filhos, mudança de residência e respectivos endereços etc. E', também, de suma importância a comunicação da data exata do felecimento do funcionário. Certo de que V. S. dará ao assunto a sua melhor atenção, aproveito o ensejo para apresentar-lhe cordiais Saudações (as) José Simeão Leal — Diretor Geral".

Saudações — José Alves da Silva — Chefe da Secretaria.

Circular n.º 20. —

Senhor Inspetor:

Chamo a vossa atenção para o disposto nos artigos 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º do Decreto n.º 1.202, de 4 de Abril de 1938, cuja redação é a seguinte:

"Art. 3.º — Cabe ao Inspetor Auxiliar visitar constantemente as escolas de seu distrito, incentivando a matricula e a frequência escolar, exercendo ainda contínua vigilância sôbre a assiduidade dos professores.

Art. 4.º — Toda correspondência das escolas será encaminhada ao Departamento de Educação por intermédio do Inspetor Auxiliar depois de rigorosamente examinada, cabendo-lhe a responsabilidade das informações fornecidas.

Art. 5.º — O Inspetor Auxiliar quando tiver qualquer dúvida sôbre a veracidade das informações chegadas ao seu conhecimento transportar-se-á ao local da escola donde partirem êsses informes, inteirando-se, pessoalmente, do ocorrido, e tomando as providências que o caso determinar.

Art. 6.º — Durante a 1.ª semana de cada mês, os Inspectores Auxiliares enviarão ao Inspetor Regional da zona a que pertencerem um relatório sôbre as ocorrências verificadas no seu distrito, no mês anterior.

Art. 7.º — Os inspectores técnicos regionais e os auxiliares não

poderão ausentar-se das circunscrições a seu cargo, sem prévio consentimento do diretor do Departamento de Educação.

Art. 8.º — Além das atribuições já conferidas em lei aos inspetores técnicos regionais, cabe-lhes ainda a fiscalização das inspetorias auxiliares”.

Saudações — Pedro Calheiros Bemfim — Diretor

Circular n.º 21.

Sr. Inspector,

Sr. Professor,

No sentido de orientar aquêles que ainda não estão identificados com a maneira de responder ao questionário do boletim de estatística, o Departamento de Educação chama a atenção dos inspetores auxiliares do ensino e dos professores em geral para o seguinte:

A) **Escola** — E' todo estabelecimento ou casa, ou ainda dependência de uma instituição qualquer, onde se ministre ensino ou educação mediante organização e aparelhamento apropriados.

B) **Localização** — Escola urbana é a que funciona em séde de município (vila ou cidade); **distrital** é a escola localizada fóra da séde do município mas em vila ou povoado séde de distrito; é **rural** a escola situada em qualquer localidade que não seja séde de município nem de distrito.

C) **Unidade escolar** — E' toda organização escolar que vise ministrar determinado ensino em uma seriação ordenada de atividades didáticas ou educativas.

D) **Curso** — E' todo conjunto de conhecimentos ordenado em um sistema de ensino de finalidade autónoma, e que um estabelecimento didático se destine a ministrar, durante um ou mais períodos anuais, em organização própria, organização essa que constitue o que se definiu no “item” precedente como “unidade escolar”.

Donde se conclúe que um estabelecimento de ensino corresponderá á tantas “nidades escolares” quantos os “cursos” que ministrar. Os vários “cursos” de uma escola pódem manter entre si relações de hierarquia ou de sucessão, como acontece exatamente no ensino primário geral, onde a cada aluno é facultado passar sucessivamente, melhorando de modo progressivo sua educação, pelos cursos — maternal, infantil, fundamental, etc.

E) **Ano Letivo e anos de curso** — Ano letivo é o período, em cada doze meses (em regra do mesmo ano do calendário), durante o qual funciona a “unidade escolar”, mas interrompido, geralmente, por um pequeno inters-tício de férias. Os cursos, cujo ensino é dado em um único “período letivo”, têm um só “ano”; geralmente, porém, os “cursos” primários estão organizados em dois, três, quatro ou cinco “anos” (a que se dá também o nome de “séries” ou “períodos”) a cada um dos quais correspondem determinadas matérias ou modalidades especiais das mesmas matérias.

F) **Turno** — E' o período de horário escolar em que o ensino é ministrado a um grupo de alunos compreendendo uma só ou mais classes de um,

de alguns ou de todos os anos do curso. A pluralidades dos turnos tem por objetivo ou facultar aos alunos a escolha do horário que lhe fôr mais conveniente, ou aumentar a capacidade da escola: "Turno matutino" é o que, começando pela manhã, termina antes ou pouco depois do meio-dia. "Turno do meio-dia" é o que se incia antes das doze horas e termina ás primeiras horas da tarde. "Turno vespertino" é o que começa depois do meio dia, terminando ainda á tarde, ou mesmo ás primeiras horas da noite.

IMPORTANTE — Os cursos de ensino primário fundamental propriamente "noturnos" são supletivos.

G) Classe — E' todo grupo de alunos que recebe determinado ensino em comum, isto é, nas mesmas horas e salas. Como se vê, classe aqui não é sinônimo de aula, como se usa na linguagem comum. E' antes o grupo de alunos de um determinado ano de curso, que recebem em comum as mesmas lições.

H) Frequência média — A "frequência" adotada na estatística do ensino primário geral não corresponde aos alunos que tiveram determinado número de comparecimentos. O que se tem em vista aqui é a chamada "frequência média", a qual corresponde á "média dos comparecimentos", no mês ou no ano, conforme o período considerado. Eprime-a, pois o quociente, em números inteiros, da divisão do número de presença, pelo número de dias letivos, no período que se tiver em vista.

Convém ainda notar que, no cálculo das médias de frequência, havendo divisões inexatas, desprezam-se as frações inferiores a um meio e completa-se a unidade nos demais casos.

A soma das médias de frequência (masculina e femina) de cada ano ou período escolar deve coincidir com a frequência média calculada, respectivamente, pelo total de comparecimentos diários.

I) Matrícula — Nas escolas de funcionamento normal, o início do ano letivo é a época própria para o serviço de matrícula, a qual, uma vez encerrada, só poderá admitir novos alunos, mediante guias de transferência ou uma outra prova que justifique a falta de inscrição no período regulamentar.

Nas localidades rurais, a época da matrícula poderá ficar condicionada ás condições mesológicas ou climatóricas (exemplo: — períodos de sécas ou grandes cheias), desde que as mesmas possam trazer prejuizo ao rendimento escolar.

De acôrdo com a matrícula, no boletim mensal, os alunos são classificados em grupos quanto á idade e quanto ao ano escolar, registrando-se também o número dos estrangeiros e dos repetentes.

NOTA — O responsavel pela escola é obrigado a preencher devidamente os boletins mensais e demais formulários que lhe fôrem distribuidos, procurando evitar o mais possivel as informações contraditórias, bem como as diferenças nas somas e no cáuculo das médias de frequência.

Assim, não se póde admitir que um boletim acuse eliminações em número superior ao da matrícula efetiva, no mesmo ano ou grupo quanto á idade; o número de repetentes ou de estrangeiros esteja em desacôrdo com o de matriculados; a frequência média de um período escolar seja superior á respectiva matrícula; o número de comparecimentos diários, por sexo, não corresponda ao de matriculados, etc.

Constitúe ainda lacuna consideravel, no preenchimento de um boletim, a falta do nome da escola com a sua classificação e respectiva cota; da localidade e do município onde está situada a mesma; do mês e ano a que se referem os dados em apêço; do corpo docente e demais funcionários com as devidas informações, bem como a data e a assinatura do informante.

Saudações Pedro Calheiros Bomfim — Diretor do D. E.

Circular n.º 22 — Em 12/5/1942.

Senhor Inspetor:

De ordem do Senhor Diretor dêste D. E., venho chamar a vossa atenção para o que se preceitua nos arts. 1.º, 2.º e 3.º, do decreto n.º 225, de 18 de abril de 1942 (os quais estão assim redigidos):

Art. 1.º — Ficam aprovados os formulários para o processamento das licenças dos funcionários públicos civis do Estado, baixados pelo presente decreto.

- a) Licença para tratamento de saúde;
- b) licença a gestante;
- c) licença por motivo de doença em pessoa da família;
- d) prorrogação de licença.

Art. 2.º — Os formulários correspondentes ás seguintes etc.

Art. 3.º — A partir do dia 1.º de maio em todo o Estado as licenças a que se refere o presente decreto, a pedido ou a ex-officio, bem como todo o expediente relativo ás mesmas, só poderão ser processados nos formulários”.

Saudações — José Alves da Silva — Chefe da Secretaria.

Circular n.º 23 — Em 13/5/1942.

Senhor Inspetor:

De ordem do Senhor Diretor, venho chamar a vossa atenção para o comunicado n.º 7, dêste D. E., publicado na “A União” de 30 de abril passado, abaixo transcrito:

“Informe o Departamento de Educação:

Departamento de Educação. Comunicado n.º 7.

O Departamento de Educação chama a atenção dos interessados para o seguinte:

a) é expressamente proibido o afastamento dos senhores inspetores técnicos de ensino, dos diretores dos grupos escolares, dos professores em geral e dos funcionários administrativos dos estabelecimentos de ensino, de suas respectivas zonas de inspeção ou sédes de trabalho, exceto nos periodos de férias escolares ou quando houver autorização em contrário da parte do Departamento de Educação.

b) nos casos de absoluta necessidade de afastamento do professor de suas sédes de trabalho, o interessado deve pedir permissão aos inspetores de ensino que informarão incontinentemente ao Departamento de Educação quando houver sido concedida a referida permissão.

c) a informação dos Inspectores de Ensino ao Departamento de Educação deverá conter a justificação do ato que permitiu o afastamento do professor de sua sede de trabalho.

d) a permissão para afastamento da sede de trabalho somente poderá ser concedida depois de examinados convenientemente e consideradas justas as alegações do interessado.

e) os senhores Inspectores Técnicos de Ensino e os Diretores de Grupos Escolares somente poderão se afastar das suas zonas de inspeção ou de suas sedes de trabalho depois de devidamente autorizados pelo Diretor do Departamento de Educação.

Saudações — José Alves da Silva — Chefe da Secretaria.

Circular n.º 24 — Em 14/5/1942.

Senhor Inspector:

Para vosso conhecimento e devidos efeitos, transcrevo, na integra, o comunicado n.º 9, deste Departamento, publicado na "A União" de 12 do corrente, no qual recomendo aos Senhores diretores de Grupos Escolares do Interior a criação de clubes agrícolas infantís, nos estabelecimentos de ensino que dirigem:



CLUBES AGRICOLAS — O Departamento de Educação vem promovendo uma campanha em favor da criação e manutenção de clubes agrícolas nos estabelecimentos de ensino do Estado. No cliché acima, vemos um aspecto do trabalho no campo do Clube Agrícola no Grupo Escolar "João Ursulo", de Santa Rita, quando um aluno preparava o terreno para o plantio de sementes.

"O Departamento de Educação — Comunicado n.º 9 — O Departamento de Educação recomenda aos diretores de Grupos Escolares do interior do Estado a criação e a manutenção de clubes agrícolas infantís nos estabelecimentos de ensino que dirigem.

O Clube Agrícola tem por objetivo principal propagar o amor a natureza ensinar aos sócios atividades agro-pecuárias nos terrenos dos Grupos Escolares.

Despertando na criança o amor e o carinho pela natureza, desperta-se, na sua alma, o verdadeiro patriotismo, porque só se póde ter amor e apego ao torrão natal, depois de se aprender a respeitar e amar a natureza.

O Clube Agrícola escolar poderá ser um exemplo fiel do que logo haverá de ser, para a criança, a vida em sociedade.

O funcionamento dessa importante instituição auxilia o ensino será uma miniatura das sociedades. Nela, a criança aprenderá a conhecer seus direitos e a respeitar as pessoas e as coisas.

Na regularidade harmoniosa das hortas, na organização florida dos jardins, adquire a criança o espírito de ordem, o hábito de observação, da reflexão, a prudência, a previsão, a firmeza da vontade, a energia, a afeição ao trabalho.

Nesse movimento da criança atraída pelo trabalho, se compreenderá o valor da cooperação e da disciplina. Sentir-se-á dominada pelo espírito da responsabilidade e terá vontade de estudar, pois todas as atividades rurais desenvolvidas no clube agrícola exigirão o conhecimento das disciplinas estudadas na escola.

Os objetivos principais do Clube Agrícola são:

- a) dignificar o trabalho manual, elevar e engrandecer a vocação e a profissão do lavrador, incutir na consciência de seus sócios o amor a terra o sentimento da nobreza das atividades agrícolas e a idéia do seu valor econômico e patriótico;
- b) mostrar os perigos do urbanismo e do abandono dos campos;
- c) desenvolver o espírito de cooperação na escola, na família e na coletividade;
- d) incentivar a policultura e proporcionar a aprendizagem de métodos agrícolas racionais, pondo em pratica os princípios da agricultura científica demonstrando o rendimento das criações e lavouras bem orientadas e tratadas;
- e) colaborar para o melhoramento permanente da vida rural, tornando-a mais agradável e aperfeiçoando-a sobre o ponto de vista da sociabilidade, da estética e da cultura em geral;
- f) proteger os animais e as plantas;
- g) trabalhar pelo reflorestamento geral".

Saudações — Pedro Calheiros Bomfim — Diretor.

Circular n.º 25 — Em 15/5/1942.

Senhor Inspetor:

De ordem do Senhor Diretor deste Departamento, solicito vossas providências no sentido de ser remetida ao D. E., com urgência, uma relação de todos os extranumerários lotados nessa Inspeção Auxiliar, a qual deverá conter indicações referentes a:

- a) nome;

- b) filiação;
 - c) número do certificado de reservista;
 - d) data do nascimento;
 - e) se é contratado ou diarista;
 - f) função que exerce;
 - g) data da admissão;
 - h) eficiência;
 - i) natureza do ato da admissão;
 - j) salário;
 - k) estado civil;
 - l) licenças concedidas e datas da concessão das mesmas.
- Saudações — José Alves da Silva — Chefe da Secretaria.

Circular n.º 26 — Em 2 de junho de 1942.

Senhor Diretor:

Deveis estar nesta Capital no dia 15 do corrente, a-fim-de assistir às aulas do Curso de Aperfeiçoamento para diretores de Grupo, criado pelo Departamento de Educação.

2 — Devereis deixar uma das professoras desse Grupo respondendo pelo expediente desse Estabelecimento de ensino, o qual encerrará as suas aulas no dia 15 do corrente.

3 — No caso de não terdes parentes nesta Capital, podereis vos hospedar no Paraíba Hotel, por conta do Estado.

4 — Deveis acusar o recebimento deste ofício, indicando o dia em que devereis chegar a João Pessoa.

Saudações — Pedro Calheiros Bombim — Diretor.

Circular n.º 27 — Em 3 de junho de 1942.

Senhor Inspetor Técnico,

Senhor Inspetor Auxiliar do Ensino,

Para orientação do vosso serviço, passo às vossas mãos, para os devidos fins, as normas de técnica de inspeção escolar, elaboradas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em combinação com o Departamento de Educação:

A TÉCNICA DA INSPEÇÃO ESCOLAR

A — “Passos” da atividade do inspetor:

1 — tomar conhecimento das leis, regulamentos e orientação do ensino no Estado;

2 — apreender o plano estabelecido e, conseqüentemente, a política educacional e as condições reais que constituem como que o “substrato” dessa política traçada.

3 — traçar planos parciais, dentro do limite de sua ação adminis-

trativa, para atingir os fins colimados pelo planejamento geral. Para isso deve conhecer, da região onde vai trabalhar;

a) meio físico e geográfico de modo geral: extensão, qualidade das terras, vias de comunicação, meios de transporte, economia, etc.

b — População, população escolar distribuída nos vários núcleos de povoamento, sua composição segundo a nacionalidade dos pais, condições econômicas, profissões etc.

c — recursos de material com que vai contar: instalações escolares, material de ensino, recursos financeiros à disposição da "inspetoria".

d — Pessoal: pessoal docente: número, formação, nível administrativo; suas condições de trabalho.

4 — Reunir os auxiliares — diretores e professores — para estudar com eles o plano estabelecido e adaptarem normas de execução e de controle (aprovar normas para execução do programa, aprovar horários, distribuir material, escolher livros etc.).

5 — Comandar, coordenar e orientar os serviços em sua região. Para isso deverá:

a — verificar e registrar condições do meio, da escola, dos alunos e do pessoal docente e administrativo.

b — organizar, de acordo com o diretor de educação, os roteiros para visitas às escolas.

c — visitar as escolas de sua região quantas vezes forem necessárias. O número de visitas em cada escola nunca poderá ser inferior a duas durante o ano letivo.

d — organizar planos de observação dos trabalhos escolares, tendo sempre em vista que as visitas devem terminar com uma clara e precisa apreciação dos trabalhos observados, acompanhada da orientação necessária. O inspetor é um agente social impulsionador do sistema escolar e, como tal sua função tem que ser de estimulador, orientador, guia, em lugar de simples fiscalizador das atividades do mestre.

e — no registro de observações o inspetor deve considerar a parte estática do aparelhamento escolar — (escola, prédio, material de ensino, aluno, professor) e também a própria técnica usada no ensino das várias disciplinas.

f — orientar os diretores e professores sugerindo-lhes novas técnicas de ação educativa, estimulando-os e assistindo-lhes na aplicação das mesmas.

g — as observações, apreciações e sugestões feitas aos diretores e professores devem constar de registros especiais.

h — prestar assistência material, legal e moral ao pessoal docente e administrativo de sua região escolar.

i — promover e orientar a realização de pesquisas educacionais.

j — incentivar e orientar a organização e funcionamento de instituições extra-classes.

k — promover a melhor articulação da escola com o meio social a que serve.

l — reunir periodicamente para estudo de questões relativas aos serviços da educação, os diretores e professores.

m — promover conferências, reuniões e cursos abreviados para os professores sob sua jurisdição.

6 — Manter atualizada uma escrituração que permita informações rápidas e seguras sobre o meio, escola e seu funcionamento, alunos e professores.

7 — Remeter á direção do ensino um relatório mensal contendo os roteiros de visitas, números de visitas, descriminação de despêsas e mais informações que achar de interesse. O relatório do fim do ano dever; manter, obrigatoriamente, as seguintes partes: raio de ação da inspetoria em relação ao núcleo demográfico a que esteja servindo; condições sanitárias das localidades da inspetoria, saúde dos alunos; matrícula e frequência, com especificação de escolas; evasão escolar, suas causas; prédios escolares, estado de conservação, deficiências, sugestões para sua melhoria; idem do mobiliário e material escolar; movimento escolar anual, rendimento do ensino; apreciação particularizada dos diretores quanto ao seu trabalho, considerando as dificuldades apresentadas pelos estabelecimentos que dirigem; apreciação particularizada do trabalho dos professores, considerando o grupo de alunos a cargo de cada um em número e capacidade; apreciação do espírito de cooperação de cada diretor; apreciação dos programas em vigor e livros didáticos adotados; frequência dos diretores e dos professores, remoções e transferências; movimento das instituições auxiliares da escola; comemorações cívicas e festas escolares; bibliotéca escolar; museu escolar; orfeão infantil; educação física; trabalhos manuais; sugestões para um plano de trabalho destinado ao ano seguinte; confronto do trabalho do ano, a que o relatório se refere, com o plano que deveria ser adotado no início do ano.

8 — Vigiar ou fiscalizar o funcionamento das escolas e dos fatos que com êle se relacionem: frequência do professor, frequência dos alunos, cumprimento da obrigatoriedade escolar, escrituração, consumo de material etc.

9 — Controlar o rendimento das escolas, por meio dos exames parciais e finais.

Saudações — Pedro Calheiros Bomfim — Diretor.

Ofício-circ. n. 1.293:

Senhor Inspetor Auxiliar do Ensino:

Os boletins de estatística do ensino chegam ao Departamento de Educação quasi sempre preenchidos erradamente, mal escriturados e lacunosos.

2 — A partir desta data ficareis com a responsabilidade dos senões que os referidos boletins apresentarem. Ao receberdes um boletim escriturado erradamente, deveis devolvê-lo ao remetente com as recomendações e observações que se fizerem necessárias.

3 — Para facilitar êsse trabalho, deveis distribuir entre os professores a circular n. 21 do D. E. na qual se estabelece uma orientação definitiva para o assunto. Saudações — Pedro Calheiros Bomfim, diretor.

Ofício — Em 8 de maio de 1942 — Senhor Diretor:

A-fim-de que haja unidade de orientação nos serviços de assistência médica dentária aos escolares, a clinica odontológica desse estabelecimento passará a receber orientação, a partir desta data, da Diretoria de Saúde Pública.

2 — Deveis levar ao conhecimento do cirurgião dentista desse Grupo Escolar que lhe compete:

a) organizar os serviços a seu cargo e por eles responder tecnicamente;
b) executar e fazer cumprir as disposições regulamentares, as ordens expedidas pelo Departamento de Educação e as determinações da Diretoria de Saúde Pública, a quem deve estar afeto o Serviço de Assistência Médico-Dentária ao escolar;

c) comparecer ao serviço nos dias e horas determinadas pelo diretor do estabelecimento de ensino, bem como todas as vezes que se fizer necessário;

d) zelar pelo registro dos serviços a seu cargo e manter a disciplina nos mesmos.

e) requisitar à Diretoria de Saúde Pública, por intermédio da Diretoria do Grupo Escolar, o material indispensável à execução dos serviços, conservá-lo sob sua responsabilidade e comunicar ao diretor os extravios e estragos verificados;

f) apresentar, mensalmente, um resumo dos serviços realizados no setor a seu cargo e, anualmente, um relatório documentado;

g) elaborar, quando solicitado pelo diretor, artigos e trabalhos de sua especialidade, principalmente os que tenham relação com a higiene escolar;

h) fichar, para fins de diagnóstico e tratamento, as crianças que forem encaminhadas ao seu gabinete;

i) anotar, diariamente, em mapa e em ficha individual, todo o serviço executado;

j) enviar, mensalmente, à Diretoria de Saúde Pública, por intermédio da Diretoria do Grupo Escolar, o mapa do serviço executado;

k) exigir que as crianças em tratamento apresentem, pelo menos, uma vez por semana, no consultório dentário, a escova de dentes, ensinando cuidadosamente o modo científico de usá-lo e as suas vantagens práticas;

l) ensinar às crianças em tratamento como devem mastigar os alimentos e a vantagem da mastigação perfeita, não só quanto ao aproveitamento dos alimentos como à limpeza e conservação do aparelho dentário. Saudações — *Pedro Calheiros Bomfim*, diretor.

ENSINO PRIMÁRIO GERAL, NO ESTADO, EM 1941

Dando publicidade ao presente trabalho queremos tão somente prestar mais uma valiosa informação a quantos se interessam pelo estudo dos problemas educacionais do País.

Os dados que divulgamos representam o movimento do ensino primário do Estado, em 1941, e foram extraídos da contribuição paraibana à estatística do ensino primário geral do Brasil, no aludido ano.

Conforme verificamos nos computos da tabela abaixo, a matrícula geral, neste período escolar, compreendendo o ensino particular e o público, atingiu a seguinte cifra: 75.717 alunos, sendo 34.913 do sexo masculino e 40.804 do sexo feminino. Distribuído-se a mesma matrícula (para ambos os sexos) segundo as modalidades do ensino, encontramos ainda o seguinte resultado: ensino pré-primário infantil 845; fundamental comum 64.984; supletivo (ensino noturno) 9.432 e complementar pré-vocacional 456. A matrícula efetiva do ensino público e particular elevou-se a 69.711 escolares, sendo 31.973 do sexo masculino e 37.738 do sexo feminino.

Confrontando-se a matrícula efetiva com a geral, obtemos um percentual de 92,21 da primeira sobre a segunda, o que quer dizer que o número de eliminados das escolas representa 7,79 % da matrícula geral. Quanto à frequência média, encontramos 44.420 escolares, sendo que destes 20.016 eram do sexo masculino e 24.404 do sexo feminino.

Pelos algarismos acima evidenciamos, ainda que o percentual da frequência média foi de 63,72 sobre a matrícula efetiva, o que indica que continua ainda bem fraca a média da frequência escolar do Estado.

Relativamente às aprovações, em geral, registrou-se um movimento pouco elevado. Vejamos: promoções 19.758, sendo 14.886 no ensino público e 4.872, no ensino particular; as conclusões de cursos atingiram a 2.725, sendo que destas 2.041 no ensino público e 684 no particular. Pelos dados acima fica evidenciado que o rendimento das escolas no Estado ainda não representa um índice animador, pois, apenas atingiu ele a 50,61% da matrícula efetiva.

Ainda o quadro abaixo consigna o número de estabelecimentos, de unidades escolares e corpo docente.

ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E MOVIMENTO DIDÁTICO

ESPECIFICAÇÃO		Ensino estadual	Ensino particular
Estabelecimentos escolares		692	324
	Masculinas	84	33
	Femininas	54	29
Unidades escolares	Mistas	582	278
	Total	720	340
	Masculino	29	55
Corpo docente	Feminino	1.070	445
	Total	1.099	500
	Normalistas	605	173
Corpo docente	Não normalistas	494	327
	Total	1.099	500
	Masculina	25.002	9.911
Matrícula geral	Feminina	30.892	9.912
	Total	55.894	19.823
	Masculina	22.898	9.073
Matrícula efetiva	Feminina	28.493	9.245
	Total	51.391	18.320

ESPECIFICAÇÃO	Ensino		
	estadual	particular	
Frequencia média . . .	Masculina	14.184	5.832
	Feminina	18.205	6.199
	Total	32.389	12.031
Promoções	Masculinas	6.071	2.083
	Femininas	8.815	2.789
	Total	14.886	4.872
Conclusões de curso . . .	Masculinas	731	252
	Femininas	1.310	432
	Total	2.041	684
Aprovações em geral . . .	Masculinas	6.802	2.335
	Femininas	10.125	3.221
	Total	16.927	5.556

AVISO — Os dados deste trabalho estão sujeitos a ligeiras retificações.

INSTITUIÇÕES ESCOLARES

REGISTRADAS NOS SERVIÇOS DE INSTITUIÇÕES AUXILIARES DO ENSINO DO D. E. ATÉ 8 DE MAIO

N.º de ordem	TIPO	DENOMINAÇÃO	LUGAR ONDE FUNCIONA
1	Biblioteca Infantil	Dr. Flávio Marója . . .	Grupo Esc. de Santa Rita
2	"	"	"
3	"	A. de Figueirêdo . . .	Grupo Esc. de Patos
4	"	José Feitosa	S. B. A. de Campina Grande
5	"	Epitacio Pessoa	Grupo Esc. de Pombal
6	"	"	Grupo Esc. de A. Navarro — Guarabira
7	"	"	Inst. E. Braga de Sapé
8	"	Celso Mariz	Grupo Esc. de Sousa
9	"	"	Grupo Esc. de Umbuzeiro
10	"	Dr. João Tavares	Grupo Esc. de Laranjeiras
11	"	Prof. J. de Mélo	Grupo Esc. de Monteiro
12	"	Solon de Lucêna	Grupo Esc. de Bananeiras
13	"	Coelho Lisboa	Inst. Moura e Silva em João Pessoa
14	"	"	Grupo Esc. de Queimadas
15	"	Isabel Maria	Grupo Esc. I. M. das Neves — J. P.
	"	Ecila Lins	Grupo Esc. de Santa Rita

N.º de ordem	TIPO	DENOMINAÇÃO	LUGAR ONDE FUNCIONA
16	Clubes Agrícolas	Co. Rafael	Grupo Esc. de Santa Rita
17	" "	—	Grupo Esc. de Patos
18	" "	—	Grupo Esc. de Cajazeiras
19	" "	—	Grupo Esc. de Sousa
20	" "	Prof. S. Rocha	Grupo Esc. de Monteiro
21	" "	Alberto Torres	Grupo Esc. de Serraria
22	" "	—	Grupo Esc. de Itabalana
23	" "	A. de Figueirêdo	Grupo Esc. I. M. das Neves — J. P.
24	Sociedade Literária	14 de Abril	Grupo Esc. de Patos
25	Sociedade Literária	—	Grupo Esc. de Areia
26	Grêmio Cívico Literário	Borja Peregrino	Grupo Esc. de Serraria
27	Grêmio Infantil	7 de Setembro	Grupo Esc. de C. do Rocha
28	" "	3 de Maio	Grupo Esc. de C. do Rocha
29	" "	21 de Abril	Grupo Esc. de C. do Rocha
30	Centro de Cultura	L. Filho	Grupo Esc. de Taperoá
31	Círculo de Pais e Mestres	—	Grupo Esc. de Cajazeiras
32	Círculo de Pais e Mestres	—	Grupo Esc. de Sousa
33	Círculo de Pais e Mestres	Prof. Rangel	Grupo Esc. de Monteiro
34	Círculo de Pais e Mestres	—	Grupo Esc. I. M. das Neves — J. P.
35	Liga de Bondade	—	Esc. not. M. Q. de Jesus — J. P.
37	Sociedade de Professores	—	Grupo Esc. de Patos
38	Orfeon	Prof. Olegário	Grupo Esc. de Monteiro
39	Biblioteca de Professores	—	Grupo Esc. de Patos
40	Jornal Escolar	"Clarim"	Grupo Esc. de Umbuzeiro
41	" "	—	Grupo Esc. de Itaporanga
42	" "	"Eco Monteirense"	Grupo Esc. de Monteiro
43	" "	"O Labor"	Grupo Esc. I. M. das Neves — J. P.
44	Organizações Desportivas — Liga Desportiva	—	Grupo Esc. Antonio Gomes de Catolé do Rocha

N.º de ordem	TIPO	DENOMINAÇÃO	LUGAR ONDE FUNCIONA
	CAIXAS ESCOLARES (109) . . .	—	Em todos os municípios do Estado
45	Círculo de Pais e Mestres	—	Grupo Esc. de Itabaiana
46	Grêmio Infantil	1.º de Janeiro	Grupo Esc. de Santa Rita
47	Liga de Assiduidade	—	Grupo Esc. de Santa Rita
48	Grêmio Infantil	21 de Abril	Grupo Esc. de Santa Rita
49	Liga de Bondade	—	Grupo Esc. de Santa Rita
50	Grêmio Infantil	3 de Maio	Grupo Esc. de Santa Rita
51	Clube dos Amigos da Natureza	—	Grupo Esc. de Santa Rita
52	Grêmio Infantil	5 de Agosto	Grupo Esc. de Santa Rita
53	C. de Leitura e Audição	—	Grupo Esc. de Santa Rita
54	Grêmio Escolar	7 de Setembro	Grupo Esc. de Santa Rita
55	Clube de Linguagem	—	Grupo Esc. de Santa Rita
56	Grêmio Escolar	13 de Maio	Grupo Esc. de Santa Rita
57	Bandeira e Saúde	—	Grupo Esc. de Santa Rita
58	Grêmio Escolar	19 de Novembro	Grupo Esc. de Santa Rita
59	Correio Escolar	—	Grupo Esc. de Santa Rita
60	Grêmio Escolar	Veloso Borges	Esc. Púb. de Tibiri — Sta. Rita
61	Cooperativa Escolar	Duarte da Silveira	Grupo Esc. Duarte da Silveira — J. P.
62	Círculo de Pais e Mestres	—	Grupo Esc. Duarte da Silveira — J. P.
63	Clube de Leitura	—	Escola de Aplicação — Capital
64	Biblioteca Infantil	—	Escola de Aplicação — Capital
65	Liga de Bondade	—	Escola de Aplicação — Capital
66	Biblioteca Infantil	—	Grupo Esc. Pedro II — Capital

N.º de ordem	TIPO	DENOMINAÇÃO	LUGAR ONDE FUNCIONA
67	Cooperativa	—	Grupo Esc. Pedro II — Capital
68	Biblioteca de Professores	—	Grupo Esc. Pedro II — Capital

NOTA: — Existem, além das Instituições escolares acima mencionadas, outras que ainda não fôram registradas nos Serviços de Instituições Auxiliares do Ensino.

SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ESTADO DA PARAÍBA — MÊS DE MARÇO DE 1942

2 — Por decreto do Interventor Federal, é nomeado o Técnico de Educação do M. E., Sr. Pedro Calheiros Bomfim para exercer o cargo de Diretor do Departamento de Educação do Estado.

4 — Chegam à Paraíba o professor Lourenço Filho, diretor do I. N. E. P. e o sr. Pedro Calheiros Bomfim, novo diretor do Departamento de Educação do Estado.

5 — O Sr. Pedro Calheiros Bomfim toma posse do cargo de diretor do Departamento de Educação.

5 — Sob a presidência do Professor Lourenço Filho, reúnem-se na Secretaria do Interior os diretores dos estabelecimentos de ensino primário e normal de João Pessoa.

5 — Sob a presidência do sr. Samuel Duarte reúnem-se na Secretaria do Interior os srs. Lourenço Filho, diretor do I. N. E. P., Calheiros Bomfim, diretor do Departamento de Educação, Janduhy Carneiro, diretor da Diretoria Geral de Saúde Pública e José Semião Leal, diretor Geral do Departamento do Serviço Público. Foram examinados e discutidos vários assuntos referentes à reorganização da educação e ensino no Estado.

6 — O professor Lourenço Filho, diretor do I. N. E. P., e o sr. Pedro Calheiros Bomfim, diretor do Departamento de Educação do Estado, visitam estabelecimentos de ensino de João Pessoa.

7 — O Departamento de Educação cria uma secção denominada "Educação" no jornal "A UNIÃO".

7 — Sob a presidência do sr. Samuel Duarte, Secretário do Interior, reuniram-se no Palácio da Redenção o Professor Lourenço Filho, diretor do I. N. E. P., sr. Pedro Calheiros Bomfim, diretor do Departamento de Educação e o Diretor da Diretoria de Viação e Obras Públicas, afim de discutirem problemas referentes a construção de prédios escolares no Estado.

7 — Regressa, ao Rio, o Professor Lourenço Filho, diretor do I. N. E. P.

8 — É publicada uma entrevista concedida à "A União" pelo Professor Lourenço Filho, sobre as diretrizes para a reorganização dos serviços de educação e ensino do Estado. Nessa entrevista o Professor Lourenço Filho declara que o Governo da Paraíba deu um belo exemplo de compreensão da integração nacional a ser realizada pela educação.

8 — É publicado, no Órgão Oficial do Estado, o decreto-lei n.º 4.127, de fevereiro deste ano, em virtude do qual o Liceu Industrial da Paraíba passou a denominar-se "Escola Industrial de João Pessoa".

8 — Iniciou-se o ano letivo na Escola de Agronomia do Nordeste, em Areia.

11 — É divulgado um telegrama do professor Lourenço Filho, dirigido ao sr. Pedro Calheiros Bomfim, diretor do Departamento de Educação do Estado, no qual o Diretor do I. N. E. P. congratula-se com os primeiros resultados dos trabalhos de reorganização dos serviços de educação no Estado da Paraíba.

11 — O Departamento de Educação informa que vai reaparecer a "Revista do Ensino".

12 — É divulgado um telegrama do sr. Gustavo Capanema, no qual o Ministro da Educação reafirma ao Interventor Ruy Carneiro o seu desejo de prestar toda a sua colaboração, necessária ao desenvolvimento dos serviços educacionais do Estado da Paraíba.

12 — É divulgado um telegrama da Secretaria da Presidência da República, no qual o Secretário informa ter o sr. Presidente da República recebido o telegrama do Interventor Federal, no qual o sr. Ruy Carneiro comunica haver designado o sr. Calheiros Bomfim para dirigir o Departamento de Educação do Estado.

13 — Reunem-se no Gabinete do Diretor do Departamento de Educação os diretores de Grupos Escolares de João Pessoa, a fim de discutirem assuntos referentes a organização de classes nos referidos estabelecimentos.

13 — É publicado o decreto n.º 219 de 12 de Março de 1942, criando escolas primárias nos lugares Barrocas, São João, Santana, Fragata, Cochichola e Jacaré, dos municípios de Patos, Pombal Espírito Santo, Araruna, Itabaiana e Pilar, respectivamente.

13 — É transferida a escola primária de "Redinha", município de Santa Luzia, para "Sítio Fechado", do mesmo município.

É fundada, solenemente, em Salgado, município de Itabaiana, a Caixa Escolar "Presidente Getúlio Vargas", anexa à escola primária da referida localidade.

14 — Realiza-se a eleição da nova diretoria do "Centro Estudantil do Estado da Paraíba" para o exercício de 1942-1943.

14 — É instituída pelo Departamento de Educação a "Hora Cívica" em todos os Estabelecimentos de Ensino do Estado.

19 — É divulgado um telegrama do diretor do I. N. E. P., no qual o Professor Lourenço Filho comunica que está providenciando a remessa, para a Biblioteca do Departamento de Educação, de 300 livros oferecidos por aquele Instituto.

19 — O Diretor do Departamento de Educação distribue centenas de

mapas do Brasil entre as escolas publicas do Estado e as escolas subvencionadas de qualquer categoria.

20 — O Professor Lourenço Filho, diretor do I. N. E. P., comunica ao Diretor do Departamento de Educação que obteve da C. N. B. como oferta material escolar completo para mil alunos das escolas da Paraíba.

20 — O Interventor Federal recebe um telegrama do sr. Gustavo Armbrust, na qual o Presidente da C. N. E. declara sentir-se orgulhoso em poder cooperar com o Governo paraibano na reorganização dos serviços de educação e ensino do Estado.

21 — É transferida a escola primária de "Patos", município de Alagôa Grande, para "Alagôa Nova", do mesmo município.

21 — É dirigida uma circular aos diretores de Grupos Escolares do Estado, na qual o Diretor do Departamento de Educação chama a atenção dos mesmos para a visita que os técnicos do Departamento de Assistência ao Cooperativismo farão aos estabelecimentos de ensino, onde existirem cooperativas escolares.

21 — É dirigida uma circular aos diretores de Grupos Escolares do Estado, na qual o diretor do Departamento de Educação solicita dos mesmos providências no sentido de que continuem a prestigiar, com o maior interesse, as aulas de educação física.

22 — É divulgado um comunicado do Departamento de Educação, no qual se chama a atenção dos diretores de Grupos Escolares e dos professores em geral para o fato de não ser permitido o afastamento dos mesmos das respectivas sédes de trabalho, salvo quando houver autorização em contrário, e expressa, do D. E.

24 — O Diretor do Departamento de Educação realiza visitas de inspeção aos Grupos Escolares "Peregrino de Carvalho", "João Ursulo" e "Dr. José Maria", situados respectivamente, nas cidades de Espirito Santo, Santa Rita e Pilar.

25 — O Departamento de Educação divulga um apêlo a todos os educadores do Estado no sentido de que enviem teses e memorias ao Oitavo Congresso Brasileiro de Educação a realizar-se em Goiânia, em 18 de junho próximo.

25 — O Departamento de Educação recomenda ao professores, ou responsáveis por estabelecimentos de ensino particular, presteza na remessa dos boletins de matrículas e frequência das escolas particulares.

26 — De acôrdo com uma determinação do Interventor Federal, a Paraíba se fará representar na Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística a se realizar em Goiânia, em junho próximo.

26 — É concuido o trabalho de construção do prédio destinado ao lactário anexo ao Grupo Escolar "Miguel Santa Cruz", da cidade de Monteiro.

26 — É eleita e empossada a Diretoria da Caixa Escolar "Alípio Machado", do Grupo Escolar "Izabel Maria das Neves", de João Pessoa.

27 — Em circular dirigida aos diretores de Grupos Escolares do Estado, o Diretor do Departamento de Educação chama a atenção do professorado público para os pontos referentes á cooperação da família e da escola, no que diz respeito á educação da saúde.

28 — O Diretor do I. N. E. P. dirigiu um telegrama circular ao Diretor do Departamento de Educação solicitando providências no sentido de ser comemorado em todos os estabelecimentos de ensino do Estado o Dia Pan Americano.

28 — É divulgado o comunicado n.º 4, do Departamento de Educação, no qual se pedem providências aos diretores de estabelecimentos de ensino no sentido de ser comemorado com o maior brilho o Dia Pan Americano.

29 — O Departamento de Educação faz publicar na Secção de Educação da "A União", um artigo do professor Almeida Junior sobre princípios e normas referentes á educação higiênica nas escolas.

31 — É eleita e empossada a nova diretoria da Caixa Escolar "João Pessoa", da Escola de Aplicação, para o periodo de 1942-1943.

HOMENAGEM Á MEMÓRIA DE ANTENOR NAVARRO

POR OCASIÃO DA PASSAGEM DO 10.º ANIVERSÁRIO DO SEU DESAPARECIMENTO

Todo o Estado, num preito de gratidão e saudade, prestou no dia 26 de abril próximo passado várias homenagens á memoria de Antenor Navarro.

Pelo muito que fez em beneficio do ensino, durante o curto período da sua administração, os professores paraibanos, tendo a frente o Departamento de Educação, associaram-se áquelas justas homenagens indo em romaria, acompanhados dos seus alunos, na manhã de 26, ao cemitério público render um preito de recordação e respeito á memoria daquele que fez do ensino o ponto mais destacado das suas atividades governamentais. Por essa ocasião, no cemitério da Boa Sentença, os orfeões escolares entoaram, sob a regência do professor Gazi de Sá, o LIBERA ME DOMINE e o HINO NACIONAL.

A' noite, teve lugar no Instituto de Educação uma sessão solene, pronunciando o sr. Samuel Duarte, secretário do Interior, uma conferência sob o título: ANTENOR NAVARRO — GLORIA DE UMA GERAÇÃO.

A referida sessão foi presidida pelo sr. Pedro Calheiros Bomfim, diretor do Departamento de Educação, tendo comparecido á mesma as autoridades do Estado, professores, escolares e pessoas gradas.

Esses átos de pública demonstração de afetiva homenagem, posta em pratica pelas autoridades do Estado, professores e escolares paraibanos, teem uma justa razão que se define pela recordação de uma série de ininterruptas medidas tomadas por Antenor Navarro durante o seu Governo em proveito da educação, entre as quais destacaremos: A unificação do ensino primário, autonomia aos serviços de educação, criação das Superintendencias de Educação Cívica e Artística, gratuidade do ensino, reconhecimento dos diplomas de normalistas de todos os Estados do Brasil, inauguração de uma nova fase de construções em larga escala de grupos e predios escolares, início do aparelhamento didático-pedagógico de todos os nossos estabelecimentos de ensino.

Alóra as realizações acima mencionadas, outras medidas tomadas pelo malogrado Interventor recomendam a sua memoria á admiração e ao culto cívico de quantos admiram os resultados da sua obra de sentido altamente social e patriótico.

NUMEROS DA PARAÍBA

Superfície e População: — A sua superfície oficial é de 55.920 quilômetros quadrados. O seu maior município, em extensão, é o de Monteiro com 4.527 quilômetros quadrados e, em população o de Campina Grande com 126.443 habitantes. O município de maior área é de Laranjeiras com 234 quilômetros quadrados e o de menor população é o de Bonito com apenas 7.293 habitantes. O último recenseamento acusou para o Estado quase um milhão e meio de habitantes e para a Capital (Município de João Pessoa), 95.386. *Extensão da linha divisória:* — Com o R. Grande do Norte, 693 km; com o Oceano, 117 km; com Pernambuco, 707 km; com o Ceará, 140 km. Os limites com o Ceará e Pernambuco estão bem definidos. Com o R. Grande do Norte, há, entretanto, ligeiras controvérsias. *Revestimento florístico:* — Quanto ao revestimento florístico, a área do Estado assim se distribue: Matas, 26,41%; caatingas, 65,87%; vegetação litorânea, 4,92%; campos, 2,90%. *Zonas fisiográficas:* — Póde o Estado da Paraíba ser dividido em três grandes zonas: litoral, serra e sertão, isto é, aquem, sobre e além da Borboréma. O Diretório Regional de Geografia adota, entretanto, uma divisão mais minuciosa: litoral, brejo, caatinga, curimataú, cariri e sertão. *Cidades principais:* — João Pessoa (capital), Campina Grande, Itabaiana, Cajazeiras, Sousa, Patos, Guarabira, etc. Cabedelo é distrito de João Pessoa, onde está situado o porto de mar. *Divisões administrativas:* — O Estado compreende 41 municípios, 41 cidades, 115 vilas e 156 distritos administrativos. *Divisão judiciária:* — 41 comarcas. *Finanças:* — O Estado arrecadou em o

O ESTADO DA PARAIBA ESTÁ SITUADO NA CHAMADA ZONA DO NORDESTE ORIENTAL

último exercício 43.195 contos, com um saldo orçamentário de 3.712 contos. *Indústrias:* — As principais indústrias são: cimento, fiação e tecelagem, óleos vegetais, (oitica e algodão), óleo de baleia, couros e peles, etc. *Produção agrícola:* — Algodão, cana de açúcar, mamona, farinha de mandioca, agave, caroá, feijão, milho, batatinha, etc. *Pecuária:* — A pecuária é bem desenvolvida. Há, entretanto, uma tendência para declínio nêstes últimos anos. *Movimento comercial:* — O volume físico da exportação geral do Estado atingiu, em 1941, a 158.872 toneladas e o da importação a 76.927 toneladas. O valor da exportação foi de 221.798 contos de réis e o da importação de 154.744 contos. *Movimento bancário:* — Em 1941, a situação bancária, em 31 de dezembro, era lisonjeira, pois, alcançou a 257.786 contos de réis, contra 200.742 em 1940. Atualmente, conta o Estado com 10 estabelecimentos de crédito, incluindo 3 agências e 3 sub-agências do Banco do Brasil, já instaladas, sem contar com as cooperativas de créditos tipos Luzzati e Raiffelsen. *Administração:* — Ao Governo do Estado, estão subordinadas 7 Secretarias: Interior, Fazenda e Agricultura e um Departamento do Serviço Público, cuja organização é semelhante á do DASP federal. *Educação:* — O Governo vem amparando por todos os meios ao seu alcance o problema da educação no Estado. Assim é que, quanto ao ensino primário geral, a média anual da matrícula efetiva se representa, em número redondo, por 74.000 alunos e a da frequência média por 46.000. A percentagem da frequência média sobre a matrícula efetiva é de 62.